

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A ESCOLHA PROFISSIONAL NA ADOLESCÊNCIA: HISTÓRIA DE UMA OPÇÃO

081082

MARIA CONCEIÇÃO TASSINARI STUMPF

ORIENTADOR: PROF. DR. JUAN JOSÉ

MOURIÑO MOSQUERA

Dissertação apresentada como  
exigência para obtenção do Títu-  
lo de Mestre em Educação na Área  
de Psicologia da Educação

Porto Alegre, fevereiro de 1992

S934e Stumpf, Maria Conceição Tassinari  
 A escolha profissional na adolescência : história de uma opção / Maria Conceição Tassinari Stumpf. Porto Alegre : UFRGS, 1992.  
 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDU:37.048.45-053.7:303.733.3:373.5:378.4  
 37.048.45:159.923.2-053.7  
 37.062.2-053.7  
 159.93-053.7:331.86:378.4  
 159.923.2-053.8:316.356.2  
 159.923.2-053.8:37.062.2  
 159.923.2-053.8:378.4.062.2



ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Escolha profissional: Adolescentes: Estudo longitudinal do segundo grau à universidade

37.048.45-053.7:303.733.3:373.5:378.4

Escolha profissional: Construção da identidade: Adolescentes

37.048.45:159.923.2-053.7

Influência na escola: Adolescentes

37.062.2-053.7

Percepção: Adolescentes: Formação profissional: Universidade

159.93-053.7:331.86:378.4

Construção: Identidade adulta: Família

159.923.2-053.8:316.356.2

Construção: Identidade adulta: Influência da escola

159.923.2-053.8:37.062.2

Construção: Identidade adulta: Influência da universidade

159.923.2-053.8:378.4.062.2

Bibliotecária Responsáveis:

Maria Hedy Lubisco Pandolfi, CRB-10/130

Neliana Schirmer Antunes Menezes, CRB-10/939

Ao meu filho e à memória  
de meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Juan José Mouriño Mosquera, por sua orientação competente, segura e por sua afetividade.

Aos meus colegas do Colégio de Aplicação que, no desespero acumulado das minhas atividades de trabalho e estudo, tiveram sempre palavras de apoio e incentivo, encorajando a conclusão deste trabalho.

Aos meus ex-alunos que participaram desta pesquisa com atenção e disponibilidade e tornaram possível a sua realização.

A minha amiga Jandira Fachel, pela sua generosidade pessoal e competência profissional na assessoria estatística.

A digitadora Luciane Mazuco que compartilhou, responsabilmente de todo este trabalho.

Aos meus amigos, pelo apoio em todas as horas.

## SUMARIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....  | 14  |
| CAPITULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO .....                                      | 21  |
| 1.1 - ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE .....                                       | 21  |
| 1.2 - ESCOLA E DESEMPENHO ESCOLAR .....                                     | 39  |
| 1.3 - ORIENTAÇÃO E VOCAÇÃO .....  | 56  |
| 1.4 - A ESCOLHA E SEU CONTEXTO .....  | 74  |
| CAPITULO 2 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO .....                              | 95  |
| 2.1 - TEMA E QUESTÕES DA PESQUISA .....                                     | 95  |
| 2.2 - DEFINIÇÃO DE TERMOS E CAMPO DE AÇÃO .....                             | 99  |
| 2.3 - INSTRUMENTOS, PROCEDIMENTOS E DELINEAMENTO .....                      | 101 |
| 2.4 - POPULAÇÃO E AMOSTRA .....   | 105 |
| CAPITULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: RESULTADOS .....                | 109 |
| 3.1 - RELAÇÕES DA ESCOLA COM O VESTIBULAR .....                             | 109 |
| 3.1.1 - Desempenho Escolar e Desempenho no Vestibular .....                 | 109 |
| 3.1.2 - Diagnóstico de Informação Profissional e Escolha Profissional ..... | 117 |
| 3.2 - ENTREVISTAS .....   | 121 |
| 3.2.1 - Sínteses e Pareceres .....  | 124 |
| 3.2.2 - Parecer Geral de Categorização .....                                | 192 |
| 3.3 - INTEGRAÇÃO DOS RESULTADOS .....                                       | 195 |
| CAPITULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                     | 201 |
| BIBLIOGRAFIA .....  | 220 |
| ANEXOS  |     |

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

|            |   |     |
|------------|---|-----|
| QUADRO I   | - PROCEDIMENTOS E DELINEAMENTO .....  | 103 |
| QUADRO II  | - ÁREAS DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE NO VESTIBULAR/1986<br>- UFRGS .....   | 106 |
| QUADRO III | - SITUAÇÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO A UNIVERSIDADE ATÉ<br>1990/2 .....   | 107 |
| QUADRO IV  | - SITUAÇÃO DA AMOSTRA EM 1991/1 .....   | 107 |
| QUADRO V   | - CONFIGURAÇÃO DA AMOSTRA FINAL .....   | 108 |
| QUADRO VI  | - RELAÇÃO ENTRE DIAGNÓSTICO DE INFORMAÇÃO PROFISSIONAL<br>E ÁREA DE ESCOLHA NO VESTIBULAR/1986 - UFRGS ...              | 119 |
| QUADRO VII | - RELAÇÃO ENTRE DIAGNÓSTICO DE INFORMAÇÃO PROFISSIONAL<br>E ÁREA DE ESCOLHA NO VESTIBULAR - SITUAÇÃO EM<br>1991/1 ..... | 120 |
| GRÁFICO 1  | - GRÁFICO DE ASSOCIAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS .....   | 197 |

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| TABELA 1 - CORRELAÇÃO DO DESEMPENHO NO VESTIBULAR versus<br>DESEMPENHO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO .....             | 111 |
| TABELA 2 - CORRELAÇÃO DO DESEMPENHO NO VESTIBULAR versus NÚMERO<br>DE RECUPERAÇÕES NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO ..... | 114 |

## RESUMO

A escolha profissional na adolescência: história de uma opção é um estudo que tem como objetivo investigar a contribuição das instituições educacionais no processo de construção da identidade.

A população escolhida para participar desta pesquisa são alunos egressos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1985, cujo ingresso na UFRGS se deu através de Concurso Vestibular 1986 e se encontram cursando a universidade ou concluíram seu curso de graduação.

A amostra inicial é de vinte e cinco sujeitos. Os instrumentos utilizados são registros da escolaridade de II grau no colégio, o Boletim de Desempenho no vestibular, o Histórico Escolar na universidade. Uma entrevista individual dirigida foi realizada com quatorze destes sujeitos que se constituem a amostra final da investigação.

A análise de resultados evidencia que existe relação entre os desempenhos na escola e no vestibular em algumas áreas do conhecimento. Também existe relação entre Diagnóstico de Informação Profissional do Setor de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação e as áreas de escolha profissional na universidade.

No resultado das entrevistas fica evidenciada a influência da família, da escola e da universidade no processo decisório e



no grau de satisfação e identificação com a escolha realizada.

A integração dos resultados confirma a relevância das instituições no processo de busca de uma identidade adulta.

Revelam-se como importantes a continuidade de estudos nesta área e a extensão dos resultados desta pesquisa para outras escolas de I e II graus da comunidade.

Sugere-se a abordagem deste tema, do ponto de vista de outras áreas do conhecimento e investigações de outros fatores que interferem no processo de escolha profissional sob o enfoque da construção da identidade pessoal.

## RESUMEN

La elección profesional en la adolescencia: historia de una opción es un estudio que tiene como objetivo investigar la contribución de las instituciones educacionales en el proceso de construcción de la identidad.

El universo escogido para participar de esta investigación son alumnos egresados del Colégio de Aplicação de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) en 1985 cuya entrada en la UFRGS se dio a través de Examen de Ingreso en 1986 y se encuentran cursando la universidad o ya terminaron sus respectivos cursos.

La muestra inicial es de veinticinco personas. Los instrumentos utilizados son boletines escolares del ciclo secundario en el colegio, el registro de la performance obtenida en el examen de ingreso y el boletín universitario. Una entrevista individual direccionada fue realizada con catorce de estas personas, que se constituyen en la muestra final de la investigación.

El análisis de resultados permite ver que existe relación entre los desempeños en la escuela y en el examen de ingreso, en algunas áreas de conocimiento. También existe relación entre el Diagnostico de Información Profesional del Sector de Orientación Educacional de Colégio de Aplicação y las áreas de elección profesional en la universidad.

Del resultado de las entrevistas se colige la influencia de la familia, de la escuela y de la universidad en el proceso decisorio y en el grado de satisfacción e identificación con la elección realizada.

La integración de los resultados confirma la relevancia de estas instituciones en el proceso de búsqueda de una identidad adulta.

Se revela como importante la continuación de los estudios referentes a esta área, así como la extensión de los resultados de esta investigación a otras escuelas primarias e secundarias de la comunidad.

Se recomienda abordar este tema del punto de vista de otras áreas del conocimiento y la investigación de otros factores que interfieren en el proceso de elección profesional, bajo la óptica de la construcción de la propia identidad.

## ABSTRACT

The Professional choice in adolescence, the story of an option is a longitudinal study whose objective is to investigate the educational institution contribution in the process of identity formation.

The samples chosen to take part in this research are graduated students from the Colégio de Aplicação of the Rio Grande do Sul Federal University (UFRGS) in 1985 whose entrance at the UFRGS was done through the 1986 Entrance Examination and who are taking courses at the University or have concluded their graduation course.

The initial sampling was of twenty-five persons. The used requeriments were: the school II grade report, the entrance examination performance report, and the University report.

A guided individual interview was performed with fourteen of these people which consisted the investigation final sample.

The result analyses demonstrates that there is a relation between the school and the entrance examination performances in some knowledge areas. There is also a relation between the Professional Information Diagnosis of the Educational guidance sector of the Colégio de Aplicação and the areas of professional choice at the University.

The interview result showed the family, school and

university influences in the decision process and the satisfaction and identification levels with the choice made.

The results similarity confirm the institution relevance in the process to obtain an adult identity.

The continuation of these studies and the results extension of this research are very important for the other community first and second grade schools.

An approach of this subject is suggested considering the other knowledge areas and the investigations of other factors which interfere in the professional choice process under the light of the personal identity construction.

## INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito, atualmente, sobre uma grande parte da população brasileira que necessita ingressar no mundo do trabalho ainda na infância e na adolescência e não chega a concluir seus estudos de I e II graus.

Também hoje há muitas críticas quanto a este ensino que não prepara para a continuidade de estudos, para o trabalho e para a vida, deixando de cumprir com os objetivos a que se propõe.

Muito se fala a respeito do concurso vestibular, a forma como é realizado, o caráter social seletivo que reveste toda a sua estrutura, dificultando ou inviabilizando o acesso à universidade. Muitos dos alunos que concluem a escolaridade de II grau mas que têm poucas oportunidades de desenvolvimento, dificilmente conseguem uma classificação para ingresso. A seleção, nestes casos, aconteceu antes, por falta de oportunidades, sociais e econômicas.

O ensino de III grau recebe, por seu lado, duras observações quanto ao nível de formação que proporciona e aos objetivos de sua profissionalização.

As condições que determinam que alguns adolescentes possam completar uma escolaridade nos moldes em que é proposto o modelo brasileiro de ensino vêm sendo muito analisadas.

Busca-se, não só uma transformação do contexto educacional mas de todo um sistema social e econômico, que hoje vem privilegiando mais a produção do que o ser humano.

Poucos adolescentes alcançam, neste modelo de sociedade, uma escolaridade completa de II grau e ingressam na universidade, realizando estudos de III grau que profissionalizam. Entretanto, constata-se hoje, também, que a formação universitária, por si só, parece não garantir que o jovem adquira condições para ser um profissional realizado, pessoal e socialmente.

O que nos tem preocupado, como orientadora educacional, são as questões educacionais envolvidas no processo de escolha profissional na adolescência e as suas implicações para a formação da identidade.

Mesmo considerando-se esta pequena parcela, a questão da escolha se faz relevante também, por que não diz respeito somente ao futuro do jovem que a realiza, mas porque a sociedade, ao mesmo tempo em que influencia a decisão, será influenciada por ela mais tarde.

As teorias existentes a respeito da escolha profissional são, muitas vezes, divergentes entre si, pela variedade de fontes que utilizam em seus estudos e, apresentadas de forma separada, dificultam a abordagem com uma compreensão mais abrangente da questão da escolha.

Só mais recentemente parece haver maior preocupação com um trabalho conjunto, surgindo estudos que tentam abordar o tema com um enfoque multidisciplinar, considerando a pessoa desde o seu

aspecto individual e interno até suas condições externas e sociais de desenvolvimento.

É provável que não restem mais dúvidas que, se existe algo chamado vocação, ela não é, em absoluto, coisa inata mas, algo certamente adquirido, devendo-se atribuir importância ao que é congênito mas, também, muita importância às aprendizagens que são oportunizadas ao indivíduo.

Procurando estabelecer relações entre as teorias da escolha profissional e as suas abordagens educacionais dentro de uma perspectiva histórica, constata-se que elas têm acompanhado, ao longo do tempo, as tendências e práticas da educação brasileira. Atividades específicas de orientação educacional têm sido privilegiadas na legislação vigente com objetivos que contemplam o poder político, econômico e social, o que motiva muitos questionamentos por parte dos educadores e gera incertezas e práticas contraditórias.

Mesmo assim, a orientação educacional vem traçando também uma caminhada histórica que precisa ser considerada. Desde o surgimento da Teoria de Traço e Fator de Parsons em 1909, até os dias de hoje, o conceito de orientar para uma profissão se alterou consideravelmente. O homem já não pode mais ser visto como um elemento pronto e acabado que realiza escolhas profissionais ajustadas mas, como um indivíduo submetido a um processo de desenvolvimento, em constantes relações dialéticas internas e externas e que pode realizar uma escolha profissional consciente e responsável, pessoal e socialmente.

Assim, a escolha profissional é considerada como um processo que faz parte do desenvolvimento do indivíduo que é influenciado pela família e pelas oportunidades e experiências educacionais e sociais.



O Colégio de Aplicação caracteriza-se como uma escola integrada à UFRGS e cuja finalidade, além do compromisso com o ensino-aprendizagem destinado à clientela que atende, estende-se à irradiação de experiências para outras escolas do sistema, tanto por iniciativa própria, quanto pelo oferecimento de campo de estágio e pesquisa para a universidade.

O modelo curricular proposto pelo Colégio de Aplicação tem sua definição principal na seguinte concepção básica:

"Integração das atuações, objetivando promover e manter um clima favorável à afirmação pessoal, tanto de alunos como de professores, com implicações diferenciadas, na articulação de várias funções e revisões periódicas dos pressupostos e das linhas básicas de ação pedagógica, em função de suas contingências resultantes das mudanças ocorridas interna e externamente". (Pacheco, 1973)

Assim, é preocupação constante da escola, considerando as realidades internas e externas, a ênfase em um currículo rico em conteúdos e valores, buscando a obtenção da excelência do ensino-aprendizagem, na formação de um aluno autônomo, crítico e atuante na sociedade.

"A preocupação em inovar para melhorar caracteriza o Colégio de Aplicação que, como parte da universidade, tem o compromisso de dinamizar, atualizar, construir, criar o conhecimento no que se refere ao Ensino de I e II graus como Escola Laboratório numa posição de vanguarda". (Plano de Metas da Direção - Gestão 85-88)

O Colégio de Aplicação, desde sua criação em 1954, até os dias de hoje, embora tenha passado por diversos momentos históricos que, sem dúvida, tiveram repercussão em seu caminho pedagógico, sempre se preocupou com a tarefa da orientação vocacional pois que, sua clientela sempre se dirigiu, e ainda se hoje se dirige, em sua grande maioria, a estudos de III grau, buscando a universidade.

Mesmo tendo alterado sua forma de ingresso desde 1982, de seleção por provas para sorteio público, esta situação ainda

permanece inalterada. é ao longo do terceiro ano do II grau que os alunos devem decidir-se por um curso que determinará sua profissão, tarefa nem sempre fácil e bem resolvida, embora a escola se preocupe com ela, desde a etapa de estudos referentes ao I grau, tratando inicialmente o tema, de uma forma mais geral, sistematizando este processo no II grau, com objetivo de auxiliar o aluno em seu processo decisório.

O trabalho que o Colégio de Aplicação desenvolve, especificamente quanto à Orientação Vocacional, considera a influência de múltiplos fatores desde a faixa etária de seus alunos, o desempenho escolar, interesses, habilidades, a influência e a expectativa familiar, o conhecimento de cursos e profissões, o status social das profissões, até as questões econômicas e financeiras e o mercado de trabalho como relevantes para o processo decisório.

Todos estes fatores considerados, devem ser analisados e ponderados pelos alunos ao longo do tempo, para que a escolha possa emergir como uma decisão consciente, realizada com base na realidade e com uma visão prospectiva.

É importante salientar que este trabalho que é oferecido aos alunos, se vincula, diretamente, com toda a tarefa educacional que é desenvolvida na escola, somando-se a todas as experiências curriculares aí realizadas.

Assim, se a escola é responsável pelo ensino formal e sistematizado e pela educação escolar, interessa saber como ela tem influenciado os seus alunos no seu desenvolvimento educacional e também no que se refere ao processo de escolha profissional.

Ainda é fundamental que se considere o contexto educacional de III grau onde se faz a escolha, não só porque ela representa um fator de desenvolvimento e sedimentação desta escolha, mas

também porque é oportunidade de construção de uma identidade profissional.

A universidade, como qualquer outra instituição desconhecida é, para o adolescente, sede de uma cultura estranha pertencente ao mundo adulto, para o qual ele pensa que o ensino aí recebido vai prepará-lo.

Considerar, neste caso, as oportunidades educacionais de escolha leva a focalizar a UFRGS não só porque ela, como universidade pública e gratuita, é a mais assediada pelos alunos do Colégio de Aplicação e por toda a comunidade social onde está inserida mas, também, porque é o contexto educacional mais próximo dos alunos do Colégio e se constitui em seu próprio meio educacional.

Desde que ingressam no Colégio, os alunos vivem suas experiências dentro do campus central da universidade, onde está localizada a Escola, o Órgão Administrativo Central e algumas unidades de III grau e, toda a dinâmica existente neste meio começa a fazer parte do cotidiano destas crianças e adolescentes. A convivência com alunos, professores e funcionários da universidade, as relações que se estabelecem, a utilização do mesmo espaço físico, com certeza, exercem influências sobre a aprendizagem destes alunos.

Por fazer parte do mesmo contexto, não são raras as vezes que o Colégio de Aplicação utiliza-se de recursos materiais, físicos e humanos deste meio na sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que é utilizado como campo de estágio e outras experiências educacionais da universidade. As relações são assim vividas, como interdependentes.

Neste sentido, ainda que o colégio não explicita o desejo que seus alunos realizem o concurso vestibular e busquem a pro-

fissionalização na mesma instituição a que pertence, está implícito, por todas as experiências curriculares oportunizadas, que isto é esperado e realmente acontece.

O colégio, embora não se preocupe somente com o vestibular e o ingresso dos alunos na universidade, considera este fato natural e seqüencial dentro da proposta educacional que possui e pela prática pedagógica que realiza.

Esta pesquisa se propõe investigar não só como o aluno realiza a sua escolha profissional, como pretende verificar a contribuição das instituições educacionais, escolar e acadêmica na formação do adolescente em processo de construção de uma identidade adulta.

Esta abordagem parece justificar não só uma curiosidade científica relacionada ao tema da pesquisa, como se insere às metas e propósitos do colégio que, como órgão vinculado à UFRGS, configura-se também como campo de pesquisa com o compromisso de dinamizar, atualizar, criar e construir o conhecimento a nível de I e II graus.

Os resultados que se obtenha com este estudo, espera-se que contribuam para aprimorar os conhecimentos educacionais do Colégio de Aplicação, de outras escolas de I e II graus, dos profissionais de educação em geral. Espera-se também que sirvam de subsídios à universidade onde as questões da formação profissional são motivos de estudo e análise permanentes.

## 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 - ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE

A adolescência, como processo de crescimento e desenvolvimento humano tem sido, há muito tempo, motivo de discussão e muita teorização. Assim, falar de adolescência é falar de um período grande e diferenciado que se estende desde a puberdade e pode ir, segundo Quiroga (1988), até a idade de vinte e cinco, trinta anos, período chamado de adolescência tardia.

Acredita-se importante, neste estudo, considerar a adolescência, de um lado como um fenômeno específico do ciclo vital do desenvolvimento do indivíduo e, por outro, como uma expressão circunstancial de natureza geográfica e sócio cultural visto que, adolecer e passar para o desempenho de um papel adulto não se faz de forma igual em todas as sociedades.

Não se pode negar a importância dos fatores sócio culturais para o desenvolvimento do indivíduo nesta fase da vida mas, também, não se pode negar a circunstância evolutiva do adolescente que carrega consigo toda uma bagagem psico-biológica, individualizante, que deve ser considerada e respeitada.

A sociedade influencia, exerce pressões, tem expectativas, promove oportunidades, auxilia ou dificulta o desempenho de papéis que o adolescente tem que realizar na busca de sua identidade adulta. No entanto, há uma circunstância especial, interna, que obriga o indivíduo a revisar e reformular os conceitos que têm de si mesmo e que o levam a abandonar a sua auto-imagem infantil e projetar-se no futuro.

Para Knobel (1981), a adolescência pode ser definida como a fase evolutiva durante a qual o indivíduo trata de estabelecer sua identidade adulta. Se pensarmos como Aberastury (1981), o que há de essencial na adolescência é a necessidade de entrar no mundo adulto, e o modo como é feita esta inserção é que vai decidindo, aos poucos, sua personalidade.

Revendo a bibliografia tem-se que, em algumas tribos primitivas, muitos conflitos e confrontos do adolescente nem chegam a ser percebidos, eles são rapidamente absorvidos em um novo papel adulto. As vezes, um rápido ritual de iniciação como a extração de um dente, ou mesmo uma luta entre os rapazes, são cerimônias marcadas pela cultura que asseguram, de imediato, o ingresso no mundo adulto, com uma posição já determinada pela hierarquia social vigente. Nestes casos, a adolescência é rapidamente, também, deixada para trás.

Entretanto, em sociedades ditas mais desenvolvidas, com experiências mais ambíguas e nem sempre explícitas, o quadro se complica. Ao mesmo tempo em que deseja crescer, ter autonomia, tornar-se adulto, o adolescente hesita, sente-se ameaçado pelo mundo adulto e, ao lado da esperança por um mundo novo, surge uma sensação de perda e desconforto. Se o mundo conhecido da infância está perdendo ou perdeu seu sentido, o desconhecido é atemorizante.

Nossa sociedade, às vezes, impõe regras pouco claras e se

poderia dizer que até tenta alguns rituais de iniciação mais elaborados do que os das tribos primitivas. Em classes sociais mais favorecidas, o concurso vestibular, apontando para o ingresso no mundo do trabalho parece ser um deles. No entanto, ao mesmo tempo em que, para alguns adolescentes, isto é proporcionado, persiste a dependência econômica da família e até uma gratificação material é conferida para os que ingressam na universidade. Estabelece-se uma situação ambígua na medida em que a família e a sociedade continuam a garantir o desempenho de um mesmo papel, ao mesmo tempo em que são manifestadas, de imediato, uma expectativa e a cobrança de um novo desempenho. A adolescência, neste sentido, tende a se prolongar.

Este enfoque talvez explique porque o adolescente, em nosso meio, muitas vezes tenha respostas mais adultas para determinadas situações e exigências enquanto que, em outras, seu comportamento seja considerado infantil.

Observa-se, também, que em camadas da população menos favorecidas, o ingresso no mundo do trabalho se faz na adolescência e até na infância. Entretanto este fato, por si só, parece não garantir a resolução de muitas outras questões que o adolescente tem que realizar na busca de sua identidade adulta. Embora esses adolescentes pareçam alcançar mais rapidamente uma situação de adultos na sociedade, trabalhando e constituindo família, o fazem com muitos prejuízos intelectuais e emocionais, com sentimentos e perdas às vezes irreversíveis para o seu desenvolvimento como pessoa.

Em nossa sociedade o jovem tem que conquistar o seu lugar e a independência do mundo dos adultos através de um jogo implícito.

Uma visão sociológica da adolescência busca e encontra na sociedade uma explicação para as influências que determinam o

desenvolvimento do adolescente. Entende-se aí como socialização, o processo pelo qual os indivíduos incorporam valores e crenças da sociedade vigente e a socialização poderá ser mais ou menos efetiva, dependendo das experiências a que o indivíduo esteja exposto e que provém de suas relações na família, na escola, no grupo de amigos e na sociedade. Aberastury (1986), de uma linha psico-analítica de compreensão do fenômeno da adolescência, concorda com esta idéia e nos diz que:

"atrás de uma adolescência difícil está uma sociedade difícil que se mostra inexorável frente ao crescimento do indivíduo porque este, através de seu desenvolvimento impõe ao mundo, as transformações que ocorrem a partir de sua própria transformação."

Não se pode esquecer que é a sociedade que determina e estabelece, não só as facetas de conduta mas, a maioria das possibilidades de identificação.

A família, como primeiro grupo social da criança, e depois a escola, provém o indivíduo de uma porção de garantias para que o desempenho de papéis e, também, para que as relações aconteçam num processo de dependência. Se, na vida, o indivíduo desempenha uma série de papéis, estes, em geral, na infância, são conferidos pelos pais. A adolescência vem, então, em geral, acompanhada de uma transição e de uma descontinuidade no desempenho destes papéis e as trocas que acontecem também são acompanhadas da necessidade de uma afirmação em si mesmo.

Na adolescência se apresentam oportunidades, não só para eleger papéis mas para decidir como estes serão interpretados. Como período de busca de um identidade adulta, a adolescência é particularmente importante para a construção de um repertório de papéis. A crescente independização das figuras de autoridade, as possibilidades de afiliação a novos grupos e uma forte sensibilidade devem viabilizar novas escolhas e novos desempenhos.



Havighurst (1972) nos diz que:

"se espera que em determinadas fases da vida, o indivíduo seja capaz de realizar as tarefas próprias de cada uma delas, prosseguindo em seu desenvolvimento."

São os papéis sociais, o modo como o adolescente desempenha estes papéis na sociedade e o êxito nas tarefas evolutivas, que possibilitam um efetivo ajuste pessoal e social.

A escolha de uma profissão e o preparo para o seu desempenho, a aquisição de uma escala de valores e de uma filosofia de vida são, dentro desta linha de pensamento, as tarefas mais importantes da adolescência, considerando-se que estas se realizam de acordo com idéias e expectativas da sociedade.

Hoje já se questiona, não as tarefas evolutivas sugeridas por Havighurst, mas se diz que a sua simples realização equivale a uma conformidade com os costumes da sociedade, uma domesticação do sujeito que, nesta visão, não teria a possibilidade de autonomia e criatividade para atuar de forma construtiva na sociedade. Esta anseia por indivíduos capazes de modificações com a criação de novos e melhores meios de vida para todos.

Coleman (1985) cita Elder (1968) para dizer que podem existir dois tipos de mudança de papel na adolescência. De um lado vão acontecendo mudanças intra-papel que é o que o jovem experimenta quando fica exposto a novas exigências, já que crescer implica em aumento de expectativas a respeito de seu desempenho. Assim, com o mesmo papel, o adolescente vai sendo mais exigido por seus pais, por seus professores, por seus companheiros. Por outro lado, o adolescente também pode desempenhar papéis novos e é mais difícil enfrentar-se com uma nova realidade. Uma mudança de estudante para trabalhador, por exemplo, exige adaptação e nem sempre é fácil pois, com freqüência, são observados resíduos de um papel dependente no

novo desempenho.

Para este autor, a aquisição de novos papéis vêm, em geral, associada a mudanças graduais de natureza intra-papéis e ambos se facilitam ou obstaculizam reciprocamente e dependem do papel desempenhado pelas figuras relevantes para o indivíduo no seu processo de socialização.

Se observa que a sociedade em geral e mais particularmente, as classes sócio-econômicas mais favorecidas, parecem ter grandes dificuldades em aceitar o crescimento do indivíduo e sua independência social e, na maioria das vezes, o que fazem é tentar prolongar o período infantil, talvez pela própria dificuldade em romper o vínculo que os mantêm unidos e que prevê uma relação de dependência do adolescente em relação ao adulto.

As atitudes entre as gerações podem ser vistas, segundo Coleman (1985), como um duplo processo e há indicadores em seus estudos que o vazio intergeracional, que é como ele se refere às situações de conflito entre adultos e adolesecetes, pode existir, mas não necessariamente e que, quando acontece, quase sempre é mais dos pais em relação aos filhos, ou dos adultos em relação aos adolescentes e não ao contrário.

Se a identificação foi positiva na infância, se as relações se desenvolvem também de maneira positiva isto terá alguma importância nas situações onde o adolescente esteja procurando afirmar-se como um ser individual.

Alguns pais que mantêm atitudes conflitivas ante seus filhos, por vezes estimulando a independência e, em outras, incentivando a dependência, costumam agir assim mais por ciúmes da juventude do filho e pelo temor do que venha a lhe acontecer.

Estas noções teóricas nos dão a idéia de que o avanço do indivíduo fica muito afetado pelas expectativas, adaptativas ou

não, mantidas pelas pessoas que são importantes para ele, por uma interação com essas pessoas e também pelo modo como o indivíduo percebe estas expectativas.

Muitas vezes, apesar de redundante, parece que os adultos se empenham mais para que o adolescente aprenda a ser um adulto e não toleram que ele aprenda a ser um adolescente.

Assim, sociólogos e psicólogos consideram a adolescência não só como um período de transição, senão como uma fase da vida que contém muitas características geradoras de tensão, talvez muito agravadas, nos últimos tempos, por transformações que vêm ocorrendo na sociedade.

Hoje, o núcleo familiar se altera não só na sua constituição com a formação de novas famílias, mas também porque aumentam as possibilidades de relações e vínculos parentais a que o adolescente fica exposto, cujos valores e ideais de vida nem sempre são convergentes, o que pode dificultar a explicitação das expectativas familiares e confundir o adolescente.

Hoje, também o jovem está mais exposto em suas relações com os pares e com os adultos, há uma variedade muito grande de relações e princípios sociais que podem trazer consigo uma possibilidade de conflitos relacionados a estes valores. Nestas situações, o adolescente vai procurando posicionar-se, encontrar-se e definir seus ideais e suas metas de vida como um ser social e também provido de uma identidade própria.

Para Grimberg (1970) em sua luta pela sobrevivência o homem deve, constantemente, encontrar-se e experimentar-se a si mesmo. A fase da adolescência é, na vida, talvez a mais rica e intensa neste sentido. Para encontrar uma identidade adulta o adolescente tem necessidade e experiência múltiplas atividades que vão lhe dando a dimensão de ser e, não mais, como na infância, ser como.

Todo este processo de se encontrar a si mesmo se dá em um lento desenvolvimento onde, por parte do adolescente, aparece, ao lado da necessidade de independência, uma necessidade de apoio e dependência. Flutuando entre estas necessidades, o jovem precisa enfrentar, na realidade, o mundo do adulto que pode sentir-se ameaçado por este crescimento. Por estas razões, é importante que o adolescente introjete a necessidade de se tornar adulto e o adulto considere esta aprendizagem mais na prática do que em dogmas e postulados teóricos.

As atitudes do mundo externo, as condições familiares e culturais são importantes para facilitar ou entorpecer o crescimento, mas também o adolescente deve elaborar, por si, algumas lutas importantes de sua infância para tornar-se um adulto.

Como se faz adulto um adolescente? Na visão de Knobel (1981), parece que só quando sua maturidade biológica esteja acompanhada de uma maturidade afetiva e intelectual; quando possa reconciliar-se com os pais da infância, aceitando-os como bons e maus, possa ser capaz de criticá-los e também sentir carinho por eles é que toma distância e parte então para construir a sua vida, com uma nova identidade, uma identidade adulta.

A qualidade do processo de maturação e do crescimento dos primeiros anos de vida, a estabilidade dos afetos, a quantidade de gratificações e frustrações e a gradual adaptação às exigências do ambiente é que vão marcar a intensidade deste período de transição.

Para Aberastury (1981) as perdas de um corpo infantil, um desempenho de papel imposto pelos pais da infância e que resultam numa identidade também infantil precisam ser elaborados na adolescência. A elaboração destes três lutos é que permite ao adolescente, através do desenvolvimento do seu pensamento, colocar no passado o corpo, o papel e os pais da infância, aceitando a

passagem do tempo e, dessa maneira, adquirir o conceito do tempo como inexorável, aceitando a sua inserção e a sua continuidade neste tempo.

Bloss em 1967, descreveu a adolescência como um segundo processo de individualização, já que o primeiro se faz na infância. Na sua opinião, ambos os períodos possuem coisas em comum: a urgente necessidade de mudanças psicológicas que auxiliam o indivíduo na sua adaptação e o aumento da vulnerabilidade na personalidade. Na infância, a criança passa de um ser completamente dependente da mãe e dos adultos, que precisa ser cuidado integralmente para sobreviver, para uma criança que aprende a andar, busca e precisa encontrar confiança em si mesma e no outro, para prosseguir seu desenvolvimento. Na adolescência, em uma transição da infância para a independência do adulto, o jovem, também passa por grandes transformações e precisa sentir-se afirmado por si e confirmado pelo outro para conseguir uma identidade adulta.

Na visão de Lidz (1983), a consecução de uma identidade inclui reconhecimento por parte dos outros e tal reconhecimento muitas vezes ajuda o adolescente a encontrar o seu lugar na sociedade. Nestas situações, cita como exemplo que no desempenho escolar, a palavra de um professor pode auxiliar no assentamento de problemas que podem surgir; é a sensação de valia, a confirmação de sua valia por alguém que tem importância.

O processo de individuação que se dá na adolescência, a busca de uma nova identidade prevê então uma renúncia à dependência infantil e uma desvinculação com essa situação. Na infância, para separar-se da mãe, a criança precisou interiorizá-la. Agora, numa reedição deste processo, o adolescente precisa renunciar à figura interiorizada para fazer possível a busca de novos objetos amorosos e a busca de sua autonomia. Neste sentido, as fases da infância não podem ser considerados fins em si mesmas.

estágios para o desenvolvimento de uma pessoa adulta, capaz de cumprir um papel adulto no sistema social em que vive.

Para Erikson (1976), só um firme sentimento de identidade interior assinala o fim do processo adolescente e é condição para um maior amadurecimento pessoal, traduzindo mais do que a soma de todas as identificações sucessivas dos primeiros anos da infância em um persistente esforço do adolescente para se definir e redefinir a si mesmo. Sob uma perspectiva psicossocial, explica a adolescência como uma etapa entre a infância e a sociedade adulta quando uma nova interpretação terá lugar, com um novo sentido de continuidade e coerência e o estabelecimento da própria identidade no contexto social.

"O sentimento consciente de se possuir uma identidade pessoal baseia-se em duas observações simultâneas: a percepção de uniformidade e continuidade da existência pessoal no tempo e no espaço e a percepção do fato de que os outros reconheçam esta uniformidade e esta continuidade na pessoa."

Para este autor, o mais remoto e indiferenciado sentimento de identidade nasce do encontro da criança com a mãe, um encontro que deve ser de confiança e de reconhecimento mútuos, cuja necessidade permanece no homem ao longo de sua vida.

Assim, se as primeiras relações ligaram à criança a uma necessidade de confiança em si e nos outros, na adolescência esta necessidade reaparece e se traduz em uma procura mais obstinada de relações autênticas. Acreditar no outro é importante para o adolescente no desenvolvimento da sua autonomia.

Também o sentimento de indústria que aparece na idade escolar, quando a criança está pronta para aprender, para realizar coisas em conjunto com outras crianças, construindo, planejando, realizando suas opções, vai reaparecer novamente na adolescência, com a necessidade de ter oportunidades de decidir. Se a

criança adquire na idade escolar confiança e o desejo de fazer algo funcionar e que funcione bem, então pode-se dizer que a escolha de uma profissão que aparece na adolescência é uma reedição desta experiência e parece, por isto, que a profissão deve exceder a uma simples questão de remuneração e status.

Na adolescência, dúvidas e medos acerca da escolha e do acerto desta escolha estão relacionados, sem dúvida, com as incertezas da própria identidade, porque decidir-se por uma profissão é decidir-se por um modo de vida que inclui um sistema de relações, por valores e ideais próprios. A escolha profissional que coincide, na maioria das vezes, nas classes sociais mais elevadas, com o término de estudos de II grau, apontam para estas dificuldades.

Pressionados pelo tempo para proceder uma escolha, muitas vezes o adolescente necessitaria de uma "moratória psicossocial" (Erikson, 1976) para buscar, explorar e viver novas experiências conseguindo então uma maior maturidade afetiva que lhe permitisse mais facilmente encontrar uma direção neste sentido. Entretanto, parece também urgente para ele tomar decisões em questões que auxiliem na formação de sua personalidade adulta, que o ajudem a ingressar no mundo adulto. O jovem sabe que não pode manter-se procurando indefinidamente. Sabe que a realização no mundo profissional inclui o reconhecimento por parte dos outros e que este reconhecimento vai ajudá-lo a encontrar seu lugar na sociedade.

Para Lidz (1983), a escolha não ocorre abruptamente e tende a ser um produto de um longo processo que se inicia na infância, evolui ao longo do período de desenvolvimento e pode sofrer alterações ao longo da vida. Para este autor, o que se observa é que a maioria dos indivíduos maneja estas questões com relativa tranquilidade em uma transição natural para uma identidade adulta.

Uma avaliação de si mesmo e dos fatores externos que são

motivadores de uma escolha e que nem sempre são conscientes influenciam a decisão e pode-se dizer que, neste sentido, as identificações prévias são novamente muito importantes já que se trata de um processo que se iniciou na infância com as relações e com as experiências vividas pela criança e pelo adolescente. Ainda que existam poucos estudos que nos revelem a importância dos pais como modelos de papel na área do trabalho, Coleman (1985) nos diz que a adaptação em futuras profissões parece estar relacionada diretamente a relações firmes e positivas entre pais e filhos na infância.

Segundo Erikson, a necessidade do homem de combinar o orgulho tecnológico com um sentimento de identidade passa a ter prioridade na adolescência e deve ser entendida como a necessidade de sentir que pertence a uma humanidade.

Na busca de sua identidade adulta, o adolescente, dentro desta visão teórica, pode experimentar uma confusão no desempenho de papéis e são as experiências por que passa na adolescência, as quais se relacionam intimamente às introjeções da infância, que vão conduzir aos mais coerentes rumos na ação e na expressão pessoal de uma identidade adulta.

Um sentimento ótimo de identidade é experimentado como uma sensação de bem estar, um sentimento de, em nosso próprio corpo, estar em nossa própria casa, saber para onde se vai e uma certeza interna de um reconhecimento antecipado por parte daqueles que são importante para nós.

"Eu sou eu", é a expressão utilizada para referir-se ao sentimento de identidade e produz uma experiência de auto-conhecimento.

Para Grimberg (1970), o sentimento de uma identidade própria também tem origem na experiência do contato corporal da criança



com a mãe e no primeiro processo de individuação e separação que ocorre na infância quando o bebê precisa separar-se da mãe conservando sua figura internamente.

Este autor nos fala também de um processo de interação de três vínculos contínuos que são importantes para a formação da identidade: os vínculos espacial, temporal e social.

O vínculo de interpretação espacial compreende a relação entre as diferentes partes do self e é a diferenciação eu, não eu. As pessoas se experimentam a si mesmo como ligadas intrinsecamente a seu corpo e na medida em que se sentem consubstanciadas com ele é que adquirem um sentido de continuidade pessoal no tempo. Ora, na adolescência o corpo se modificou, sofreu alterações perceptíveis não só para o adolescente mas na imagem que dá aos outros. Habitar este novo corpo, ter a sensação de que é seu, que é a mesma pessoa é que vai possibilitar ao adolescente esta intimidade consigo mesmo. A imagem do corpo é um fenômeno social pois que um corpo é sempre o corpo de uma pessoa e toda pessoa tem sentimentos, idéias e pensamentos. Um corpo é sempre a expressão de um "eu" e de uma personalidade dentro do mundo.

O vínculo temporal, se refere ao desenvolvimento das experiências no tempo. A presença permanente da mãe, do seio que alimenta, cujas aparições não coincidem exatamente com os desejos do bebê vai estabelecendo o princípio de discriminação, primeiramente entre um sujeito que deseja e um objeto que não satisfaz. Isto, somado aos ciclos de sono e vigília contribui para o desenvolvimento desta experiência temporal.

Ao mesmo tempo em que a criança descobre que a mãe que a gratifica é a mesma que a frustra, consegue então integrar as imagens de diferentes momentos de sua experiência. A mesma figura da mãe no tempo é então relacionada com a sua própria integração no tempo e serve de base para novas experiências como pôr-se de

pé e andar e, na adolescência, "pôr-se de pé" no mundo, com autonomia.

O vínculo de integração social se refere a uma conotação social de identidade.

Tão logo a criança aprende a distinguir as coisas que a gratificam daquelas que lhe produzem dor, aprende a dividir o mundo em duas classes: bons e maus. Ama os primeiros e odeia os segundos e tende a se identificar com eles.

Assim, ainda que cada indivíduo tenha nascido com uma determinada bagagem estrutural, sua personalidade se organizará, também, segundo a qualidade e a intensidade de influência que recebe do ambiente, pela qualidade do que tenha sido internalizado nas suas relações, pela idéia que vai tendo do mundo. E é assim que a sociedade passa a ser assimilada na estrutura íntima do indivíduo.

A inclusão em grupos sociais permite ser afirmado pelo outro, fazendo-se ouvir pelo outro. Desta forma, a identidade própria de uma pessoa nunca pode ser abstraída da identidade que tem para o outro e, a identidade de um pessoa, em certa medida, depende da identidade que os outros lhe atribuem. O grande problema, pois, é resolver como vincular-se com os outros e, ao mesmo tempo, manter contato consigo mesmo, mantendo sua integridade, evitando transformar-se em uma peça social a mais, alienada de uma experiência de vida autêntica.

Na visão de Spranger (1970), ao se falar de adolescência pode-se falar de um novo nascimento e este processo, lento ou rápido e, ainda que possa surgir ou como forças de impulso interno ou fatores de aceleração externos, o fato é que o processo vem de dentro com a descoberta de um eu, o estabelecimento de um plano de vida e o ingresso nas diferentes esferas da vida.

No entanto, parece consenso entre os estudiosos que a relativa estabilidade dos anos escolares que podem ser caracterizados como de intensa socialização, de construção, de produção, é pelo menos alterada com a adolescência e o que é sentimento de difusão da identidade para Erikson (1976) pode ser definido por outros autores como uma fase em que muitas pressões internas e externas são vividas pelo adolescente.

Muitas ambivalências estão presentes no comportamento adolescente que, por vezes, pode ser tipicamente contraditório e, para Coleman (1985), "nenhum sujeito consegue a sua independência sem um certo número de nostalgias regressivas."

É natural que apareçam, nesta fase, questões ligadas à intimidade que podem se expressadas como medo do compromisso das relações heterossexuais, ao mesmo tempo em que surge a necessidade de afirmar-se perante o outro e a si mesmo, através de um íntima maturidade genital e amorosa. Pode ocorrer de o jovem sofrer um processo de isolamento ou ter, compulsivamente, muitas relações amorosas, o que justifica a necessidade de solucionar a questão. Afirmar-se como uma pessoa, capaz de constituir-se com o outro, sem esfacelar-se como indivíduo é uma necessidade, mas é também uma ameaça.

O grupo de companheiros, nesta fase, é muito importante pois é através dele, na relação com os pares, que o adolescente vai conseguindo a garantia e a segurança dos padrões de comportamento que lhe permitem experimentar novos papéis, inicialmente no próprio grupo e, após, extrapolando para novos conhecimentos e novas relações.

O amor adolescente é, assim, uma tentativa para chegar a uma definição de identidade mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, vendo-a assim projetada, refletida e, gradualmente, mais clara.

O tempo também nem sempre é controlado pelo adolescente que, muitas vezes, tem a idéia de que mesmo com sua passagem nenhuma alteração vai acontecer na sua vida. Ao mesmo tempo, tem medo de que isto aconteça e, se acontecer, tem medo de suas conseqüências. Nestas situações, como defesa, ou o adolescente pode adotar uma postura de dedicar-se exclusivamente a apenas uma atividade, em detrimento de todas as outras, ou executar muitas tarefas ao mesmo tempo, na tentativa de controlar este tempo. Pode ainda, não conseguir realizar nenhuma atividade concentrada, como se ele, agindo assim, evitasse a passagem do tempo.

Coleman, após vários estudos realizados, verificou que existem crises de identidade entre os adolescentes, porém os resultados demonstraram que uma porcentagem muito baixa deles passa por uma grave crise de identidade. Desta forma, parece provável que, para a maioria dos adolescentes, a atitude mais natural consiste em evitar as crises, adaptando-se, gradualmente, durante alguns anos, às mudanças que ocorrem.

Defende ele que, para os adolescentes, a solução de uma questão não é considerada condição "sine qua non" para que uma seguinte seja abordada. De fato, os adolescentes precisam, às vezes, enfrentar-se, ao mesmo tempo, com muitas questões que precisam ser resolvidas.

Considerando a adolescência como um processo de transição entre a infância e a idade adulta, este autor não assume a existência de limites fixos no desenvolvimento e, portanto, as questões correspondentes não estão, necessariamente, vinculadas a uma determinada idade ou nível de desenvolvimento. Dentro de nossa cultura, é provável que os indivíduos se enfrentem com certas questões nos primeiros estágios da adolescência, mas estas mesmas questões podem retornar mais tarde e têm, então, outras abordagens para a sua solução.

Se os adolescentes devem adaptar-se a mudanças que produzem tensão, através de pressões internas e externas e, ao mesmo tempo, atravessam esta fase com relativa estabilidade o que parecem fazer é enfrentar-se com uma única questão de cada vez, distribuindo o seu processo de adaptação por uma série de anos. Desta forma, as tensões que resultam da necessidade de adaptação, raramente se produzem todas ao mesmo tempo. Pode-se deduzir daí que, aqueles que, por muitas pressões, tenham que enfrentar-se, ao mesmo tempo, com muitas questões do seu desenvolvimento, terão problemas com maior probabilidade.

Segundo este autor, as muitas pesquisas e estudos que se tem realizado nas últimas décadas vão permitindo que se compreenda melhor as necessidades dos adolescentes. Seus resultados apontam para estas necessidades e sua relação com os adultos.

Em primeiro lugar, contrariando as expectativas, os adolescentes têm necessidade de que os adultos exerçam sua autoridade porque isto lhes dá segurança no modo de agir, numa fase em que podem estar muito inseguros. Em geral, os adolescentes se adaptam melhor a situações em que podem participar dos processos de decisão mas também onde os adultos não temam assumir papéis, assegurando que estes sejam respeitados.

Os jovens têm necessidade de participar do mundo dos adultos, especialmente do mundo do trabalho. Estudos demonstram que quanto menos oportunidades existem para que o adolescente intervenha na geração mais velha e quanto mais baixo seja o interesse da família por suas atividades, menos motivado e mais vulnerável o adolescente vai se sentir.

Os adolescentes têm grande necessidade de serem considerados como indivíduos e não subestimados como esteriótipos do que se acredita ser a juventude. Quanto mais cuidado tiverem os adultos para tratar os adolescentes como indivíduos, com uma perso-

nalidade própria e não como membros de uma classe, mais gratificantes serão suas relações.

Tem sido comprovado em estudos uma baixa proporção de jovens que alcançam o nível de pensamento abstrato-formal na adolescência. Isto pode estar relacionado ao fato de que, fora das instituições escolares, pouco se estimula o jovem neste sentido. Cabe aqui uma colocação: Como a escola encara hoje esta questão?

Parece também evidente que os adolescentes sentem necessidade de que se auxilie mais nas suas questões de sexualidade. É de se esperar que os adultos tenham maior interesse por este tema, não só por uma educação sexual mas também por uma educação social.

Os jovens também necessitam que algumas atividades de grupo sejam compartilhadas com os adultos ou orientadas por eles, atuando em conjunto na socialização e reforçando-se reciprocamente.

Os adultos podem, por fim, também, auxiliar o adolescente no seu processo de desenvolvimento, reconhecendo a importância de uma adaptação por fases e não esperando que a maturidade seja alcançada, simultaneamente, em todos os setores.

De um modo geral, a maioria dos adolescentes enfrenta bem os problemas de adaptação inerentes ao período de transição entre a puberdade e a idade adulta. Isto não significa que se subestime o grau de sofrimento experimentado por alguns jovens. Entretanto, a adolescência em si não é um estado anômalo, e deve ser vista como um processo de transição da infância para uma situação de maturidade.

Afirma ainda Coleman que durante muitos anos, se acreditou firmemente que os acontecimentos nos primeiros anos fossem fundamentais para o desenvolvimento posterior do indivíduo. Hoje, vai-

se admitindo de forma crescente que as experiências que correspondem a outras fases críticas do desenvolvimento, em especial a adolescência, exercem uma influência, também relevante, sobre o que acontece posteriormente, no curso da vida.

## 1.2 - ESCOLA E DESEMPENHO ESCOLAR

Revendo a bibliografia verifica-se que pouco se tem escrito sobre o adolescente na escola. Na maioria dos casos, os estudos realizados se referem mais aos processos de aprendizagem intelectual, de como acontece o desenvolvimento do pensamento nesta fase. Interessa saber como o adolescente vive a escola, quando está se preparando não só para ser um trabalhador ou um estudante de nível mais avançado mas, para se tornar um adulto na sociedade.

A escola é a primeira instituição significativa que diferencia as crianças em função da realização. Para Erikson (1976), outros grupos também atuam neste sentido, paralelamente, mas é a escola que tem a função expressa de ensinar conhecimentos e habilidades que a criança e o adolescente necessitam para atuar razoavelmente e com autonomia, como adultos na sociedade.

Como um grande órgão socializador, a escola assume muitas vezes as funções da família mas, vai além e deve complementar com funções diferentes daquelas com que as famílias se preocupam. Neste processo, professores, alunos e companheiros têm diferentes papéis a desempenhar, através de constantes avaliações que são realizadas, de acordo com diferentes padrões e interesses.

Ao se abordar um capítulo sobre a escola e o desempenho escolar é importante localizar, segundo Ajuriaguerra (1986), de um lado, a estrutura escolar e, de outro, o aluno nesta estrutura. A interação que acontece entre eles é que pode determinar o nível do desenvolvimento escolar e as conseqüências para o desen-

volvimento pessoal e social do aluno.

A escola, no decorrer dos últimos tempos, sofreu profundas modificações. Também ela teve que enfrentar as mudanças sociais que repercutem em suas estruturas, as quais nem sempre consegue adaptar-se com a agilidade necessária, tanto na sua organização, quanto no seu próprio conteúdo. Hoje, a importância qualitativa do fracasso escolar aponta que se deve levar em conta também a inadaptação da escola às atuais estruturas sociais.

Bleger (1984) nos diz que se o homem passa toda a sua vida em instituições, estas devem ser objeto de estudo em sua dinâmica de funcionamento, uma vez que os indivíduos têm a sua personalidade comprometida com elas, através das relações que se estabelecem.

Neste sentido, o ponto de vista puramente moral dos resultados escolares, uma atribuição do desempenho escolar visto somente como de responsabilidade da criança ou do adolescente, já não encontra ressonância em nosso meio. É preciso também que se considere a instituição que, atualmente, está sendo muito questionada por alunos, professores e pela sociedade em geral.

Atualmente, uma abordagem do êxito ou do fracasso escolar deverá incluir, necessariamente, o estudante mas também a prática que a escola adota para que este estudante possa ser desenvolver.

Em geral, ao ingressar na escola, a criança está pronta para aprender rápida e avidamente, ansiosa por realizar coisas em conjunto, construir e planejar. O "sentimento de indústria" da fase infantil, conceituado por Erikson (1976), pode proporcionar à criança em sua vida escolar, o desenvolvimento de um sentimento de perseverança e de adaptação às leis orgânicas de um modo instrumental. Como a indústria envolve fazer coisas ao lado de outros e com outros, desenvolve-se neste período um primeiro senti-



do de divisão de trabalho, de oportunidades diferenciadas e também de cooperação. Socialmente é a fase mais decisiva.

A escola, para a criança, é um lugar onde deve aprender também a equilibrar valores dos adultos e de outras crianças buscando nesta aprendizagem a aprovação de ambos.

Segundo Petrovski (1985), os adolescentes na escola se diferenciam por alguns parâmetros importantes: pela atitude frente ao estudo, pelo nível de seu desenvolvimento geral como indivíduo e, também pelo modo de assumir as suas atividades intelectuais que pode ser uma atitude de trabalho com mais autonomia, de interesse pelo saber, até uma carência total de hábitos de trabalho independente.

Considerando-se que nesta fase de desenvolvimento o adolescente utiliza para expressar sua conduta e suas atitudes, as experiências vividas anteriormente, pode-se dizer que estas diferenças aparecem em função do tipo de atitude que tenham desenvolvido frente ao estudo, nas suas primeiras experiências com a escola. Pode-se dizer também que a sua inserção na tarefa de estudar tem a ver com o que tenha apreendido nas suas relações anteriores e com a visão de mundo que esteja construindo, a partir destas relações.

Enquanto realizam as tarefas escolares, os adolescentes comunicam-se, intensamente, com colegas e professores e podem experimentar relações ricas em valor e significado para o seu crescimento.

No período adolescente, a aquisição de conhecimentos pode acontecer na escola mas também fora dela, por isso a importância das relações com os professores é maior na medida do conhecimento de novos modelos e novos valores que podem ser incorporados à sua aprendizagem.

Um novo professor sempre é motivo de interesse. Quando se apresentam vários professores, estes são avaliados também segundo diferentes parâmetros. Aparecem comparações que, em geral, se referem ao nível de sua capacidade profissional mas as condutas, as atitudes, a personalidade, o tipo de relação que estabelece com os alunos também são considerados nesta avaliação. Alguns critérios podem se referir às qualidades que o professor tenha para ensinar, enquanto outros levam em conta como o professor se aproxima de seus alunos, a forma como ele estabelece esta relação durante as aulas e também fora delas, na escola.

Cada novo tema, novo assunto abordado em sala de aula, pode despertar interesse no adolescente porque é possível que venha ao encontro de uma maior atividade intelectual que o adolescente está exigindo para si mesmo, com um modo mais independente de agir, para que possa ampliar os seus horizontes.

No início da adolescência, na escola, os alunos andam em grupos, se reforçam e dependem muito uns dos outros. Suas respostas, muitas vezes, são dadas em função dos companheiros, buscando afirmação e confirmação entre eles. Ser aceito e pertencer a um grupo é muito importante nesta fase. Em geral, a opinião do grupo é a opinião pessoal de seus membros. As divergências que possam ocorrer fazem parte de um exercício de busca de liderança e status no grupo.

Na medida em que se desenvolve, o adolescente, porque está buscando ser uma pessoa com identidade própria, vai sendo capaz também de tomar decisões que impliquem em diferenciar-se do outro.

Se observa que em etapas mais avançadas da adolescência e que, na escola, corresponde, em geral, ao final da escolaridade de II grau, os adolescentes começam a preocupar-se mais consigo mesmos, como indivíduos e não mais como massa de grupo. Demons

tram maior independência de atitudes em relação a colegas e professores e, ainda que exerçam muitas atividades em conjunto, começam a fazer um caminho mais individualizado. Em geral seu papel no grupo está definido. Pode ser colaborador ou competitivo mas percebe-se que está preocupado mais com as suas opiniões pessoais e as repercussões que elas possam ter no ambiente em geral. Em muitas atividades parecem estar conscientes da força cooperativa, mas não perdem oportunidade de fazer sobressair sua individualidade, até para conseguir ganhos grupais.

Nesta fase, os adolescentes procuram informações e questionam muito sobre cursos e profissões, buscando definir-se nesta área. Se observa também que as suas capacidades e as suas limitações pessoais gradualmente começam a ser consideradas nas decisões que devem ser tomadas, cada vez com mais autonomia.

O estudo passa a ter um sentido mais pessoal e já não é tão importante estudar com os companheiros, como na infância.

Sem pretender aprofundar as questões do desenvolvimento do pensamento no adolescente, parece, no entanto, importante citar Coleman (1985) que, referindo-se aos estudos de Piaget, reafirma as mudanças fundamentais que se produzem nas capacidades intelectuais durante a adolescência, ainda que estas mudanças muitas vezes sejam menos observáveis do que outros aspectos da maturação do indivíduo. Nos revela este autor que têm sido realizadas algumas especulações entre o desenvolvimento intelectual e social, sugerindo que, quando a pressão social opera sobre um indivíduo, estimulando-o para o amadurecimento e para a independência, as capacidades intelectuais são mais desenvolvidas, possibilitando ao jovem enfrentar-se com novas exigências, próprias da vida adulta. Não obstante, os estudos realizados não conseguem explicitar com maior clareza como o pensamento formal, abstrato, pode aparecer em uma criança aos onze anos e, em outra, aos dezesseis

anos e, em outras ainda, muito mais tarde.

Considera-se, no entanto, que é na adolescência que o jovem começa a dispor de importantes capacidades intelectuais. Destas, a mais importante é a de construir proposições contrárias ao fato, que permitem ao indivíduo pensar e elaborar construções mentais, como se se tratasse de objetos que possam ser manipulados, estabelecendo então noções de probabilidade e crença.

Relacionando estes fatos com a escola vemos que os alunos, nesta fase, devem chegar a dominar um sistema de conceitos científicos, um sistema especial de signos que existem nas diferentes áreas de do conhecimento, aprendendo a raciocinar em um plano teórico. Estas aprendizagens impõem exigências que podem ser essencialmente novas no modo de assimilar os conhecimentos e, muitas vezes, estão organizadas de modo a desenvolver o nível mais elevado do pensamento, ou seja, teórico, formal e reflexivo.

O que é peculiar na evolução deste tipo de pensamento não é só o desenvolvimento da abstração mas também o fato de que os objetos de atenção e de análise do adolescente passam a ser as suas próprias operações intelectuais. Para Petrovsky (1985) é por isso que este pensamento se chama reflexivo.

Neste sentido, parece imprescindível que a escola oportunize para o adolescente situações em que ele possa, usando o pensamento reflexivo, buscar soluções para as tarefas intelectuais de modo a estabelecer relações significativas entre causa e efeito, que possa utilizar materiais, tanto concretos como abstratos que o leve ao desenvolvimento do raciocínio.

Isaía e Mosquera (1988), analisando as contribuições de Piaget e Riegel sobre o desenvolvimento do pensamento, nos dizem que elas representam algumas das possibilidades que existem para

a compreensão da cognição humana, cujos estudos se encontram em permanente expansão.

Para estes autores, nas investigações de Inhelder e Piaget (1976), o estágio formal é característico do pensamento adolescente e lhe permite atuar sobre o mundo físico e sócio cultural, utilizando os procedimentos de experimentação e análise lógica, enfrentando o possível como um conjunto de hipóteses que, testadas e confirmadas, levam à realidade.

A lógica formal neste estágio, pode prescindir do concreto para que se possam estabelecer hipóteses e deduções, o que pode explicar o interesse do adolescente por problemas que vão além de sua experiência. Através da compreensão e da construção de teorias lhe é oportunizado, através deste tipo de pensamento, adentrar no campo das idéias que caracterizam o mundo adulto.

A passagem de um estágio de pensamento com base em situações concretas para um estágio de pensamento abstrato formal, não acontece, no entanto, para todas as pessoas na mesma faixa etária. Hoje, já se admite que, embora este tipo de pensamento caracterize a adolescência e na escola corresponda, em geral, aos estudos de II grau, não são todos os adolescentes que conseguem operar de forma abstrata; isto pode variar, não só de um sujeito para outro mas também no modo como as estruturas formais são usadas, que não é o mesmo para todas as pessoas que atingem este estágio.

Considerando Riegel (1985), Isaia e Mosquera confirmam que este autor também considera os estágios de desenvolvimento propostos por Piaget, porém a sua concepção pressupõe uma dialética interna, relacionada com a atividade individual e uma dialética externa, associada às interações físicas e sociais que, em um processo de interdependência, vão estabelecendo mudanças no mundo

social e pessoal do indivíduo.

Esta teoria concebe que as progressões no desenvolvimento acontecem em quatro dimensões, permanentemente interligadas: biológico-interna, psico-individual, sócio-cultural e físico-externa.

A coordenação que deve existir entre cada uma ou entre as quatro dimensões nem sempre é viável, o que pode explicar a existência de crises e conflitos que ocorrem e que, nesta visão, são a fonte de novas mudanças. Assim, o desenvolvimento progride, impulsionado pelos conflitos que, na medida em que geram novas tarefas, possibilitam uma sincronia destas quatro dimensões do indivíduo que logo em seguida pode ser sucedida por um novo desequilíbrio e, assim, sucessivamente, provocando saltos no desenvolvimento pessoal.

Pode-se inferir que o adolescente e também o adulto encontram, ao longo da vida, situações de desequilíbrio; precisam enfrentar as crises que sobrevêm para o seu mundo pessoal ou social e, no entanto, conseguem superá-las de forma a obter ganhos para o seu desenvolvimento. Esta visão de interdependência, é também dialética e enfatiza que o meio externo precisa ser considerado e exerce influência para o crescimento dos indivíduos.

Um quinto estágio do desenvolvimento cognitivo é também proposto por Riegel e é chamado de operações dialéticas. Neste estágio, o indivíduo é capaz de tolerar, em todas as circunstâncias, as operações que são conflitantes sem, no entanto, conseguir que se estabeleça equilíbrio entre elas. Deste modo, uma pessoa pode progredir diretamente para o estágio das operações dialéticas, sem que isto represente o ponto terminal do desenvolvimento, mas, sim, a possibilidade de operar, simultaneamente, em diferentes níveis de pensamento.

Considerando estes dois enfoques, Isaia e Mosquera salientam que as contribuições destes estudos para a prática educacional, residem no fato de se buscar suportes teóricos para esta prática, tendo-se o cuidado de não se deixar seduzir por um posicionamento teórico, unilateral.

Uma prática pedagógica deve implicar em uma convergência de práticas contraditórias em direção a um entendimento mais amplo e adequado do processo educativo.

Neste sentido, o conhecimento sobre a cognição humana, isolado de outras dimensões pode tornar-se alienado na busca de alternativas pedagógicas capazes de vincular o aprender da escola com outras aprendizagens significativas para o crescimento pessoal. É importante possuir uma compreensão ampla do processo educacional ao longo da vida, considerar uma relação dialética entre a prática pedagógica e a prática social, fundamentando-se também em uma visão interdisciplinar do saber.

Não só os aspectos cognitivos mas também os fatores biológico, afetivo e sócio cultural estão presentes na vida dos adolescentes e se interrelacionam, fazendo com que cada um escreva a sua história pessoal de desenvolvimento.

Libâneo (1984) concorda que o ato educativo não é exclusivamente psicológico, pedagógico ou social mas, um momento de interação para o qual convergem fatores biológicos sociais, psicológicos e também econômicos. Estes se constituem nas condições para que, na escola, se possa efetivar a ação pedagógica, cujo objetivo deve ser o desenvolvimento individual e social. Estas condições, porque expressam circunstâncias concretas, precisam ser levadas em conta e poderão dificultar ou favorecer o acesso dos alunos ao saber escolar, à aprendizagem do ensino proposto pela escola.

Segundo Franco (1988) a aprendizagem tem algumas características. Para poder aprender o sujeito se põe em contato com a sua realidade interna e externa; observa, interioriza, conceitualiza, questiona e modifica, realizando então ações sobre os objetos. Para que possa aprender, é preciso então uma interação social que está sempre situada em um determinado contexto. Aprender, pois, é poder indagar, renunciar ao pensamento onipotente e aceitar que não se é completo. É poder tolerar a angústia do desconhecido e a satisfação de alcançar um resultado; é também poder tolerar a frustração do fracasso.

Quando se pergunta porque se vai à escola, em geral, a resposta é, para aprender, para saber. No entanto, parece difícil dar uma resposta geral para todas as situações. Mesmo que se registre uma necessidade de saber e aprender, este saber e este aprender não são claros. A sociedade e os adultos criaram em torno da escola e dos estudos uma espécie de mito, uma maneira de concebê-los também como uma preocupação para o jovem, repetindo, exaustivamente, sua importância e sua relação com o sucesso na vida e na profissão. Se supõe assim que boa parte dos jovens pensam que a escola e os estudos farão deles pessoas capazes de triunfar na vida, livrando-os de uma condição pouco aceitável que faz parte deste modo de conceber as coisas.

A família e a sociedade cobram, incessantemente, das crianças e dos adolescentes, a sua escolaridade e o seu desempenho na escola. Se estão bem na escola parecem estar cumprindo com seu papel na sociedade e com o que é esperado nesta faixa de idade. Os professores também demonstram preocupação em auxiliar o aluno a crescer na sua vida escolar e esta preocupação é real, ainda que possa conter um secreto desejo do professor de poder realizar-se na sua tarefa, através da pessoa do aluno.

Para Saviani (1978) a prática de escola será compreendida



como um processo, ao mesmo tempo, individual e social, de desenvolvimento de indivíduos singulares e de intervenção nas condições internas e externas a este indivíduo e acontece na relação pedagógica da qual não se podem isolar as características pessoais do educador e os componentes psicológicos relacionados com a aprendizagem. A ação pedagógica escolar será então uma prática social que envolve as inter-relações existentes na comunidade escolar.

Acreditando-se que a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, deve ela fornecer, para isto, um instrumental por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação ativa e organizada na democratização da sociedade.

Uma análise crítica do papel que a escola desempenha na socialização da criança e do adolescente deve considerar, não só o ponto de vista de seu funcionamento interno, mas também o que se refere a sua relação com o contexto maior da sociedade.

Ao lado de uma perspectiva de análise individual, é necessário levar em conta também uma interpretação de toda estrutura social, cultural, econômica e política que se reflete sobre as instituições.

Neste sentido, Apple (1989), aponta que hoje, embora os avanços constatados quanto a não neutralidade dos currículos escolares, há ainda muito o que fazer principalmente no que se refere à seleção de fatos, habilidades e valores que devem ser transmitidos para as gerações futuras. Não se pode esquecer que a escola não é uma instituição separada da sociedade e, por isso mesmo, não está imune às relações de exploração que ela mantém, nem das lutas existentes para superar estas questões.

Os conflitos que se estabelecem, socialmente, com certeza se

reproduzem, internamente, na escola e as pressões são exercidas também sobre os próprios profissionais da educação. O currículo expressa estes conflitos e não existe como um fato isolado.

Investigações já realizadas apontam para os papéis social, ideológico e econômico de todo o aparato educacional que se reproduzem nas atividades escolares: acumulação, legitimação e produção.

As escolas podem auxiliar no processo de acumulação social na medida em que fornecem as condições necessárias para a recriação de uma economia dirigida para as desigualdades. Os métodos utilizados para classificar, selecionar e promover alunos, por mérito, acabam por simular o mercado de credenciais da sociedade vigente. Ao conferir títulos e diplomas, a escola baseia-se nas formas culturais que atendem a necessidade econômica de uma força de trabalho estratificado, "socializada" de acordo com os parâmetros atuais.

A escola, através de sua prática, também pode ser importante agente de legitimação social. Neste sentido, o mérito é utilizado tanto para descrever o seu funcionamento interno, como o da sociedade em geral, reforçando a crença de que as instituições são igualitárias. Assim, a escola parece negar todas as evidências existentes quanto aos diferentes resultados educacionais, sociais e econômicos principalmente no que se refere à raça, classe e sexo da população brasileira. Além de procurar legitimar o aspecto sócio-econômico, fazendo-o parecer natural e justo na segregação de grupos, a escola também procura legitimar a si própria. As crises e as lutas sociais que são reais e que questionam as relações de poder existentes, forjadas pela questão econômica conferem à escola, por vezes, uma orientação e uma tendência interna mais democráticas. Assim, como espaço para o debate e os conflitos externos, a escola, nestes termos, assume

um poder legítimo de existência.

Finalmente, o aparato educacional nas escolas pode se constituir em importante agente de produção, uma vez que ela fornece, em diferentes níveis, conhecimentos técnicos e administrativos para a extensão dos mercados existentes, para a criação de novas necessidades de consumo e para o aumento da margem de lucro de capital. Escolas e universidades, através do desenvolvimento do seu currículo auxiliam, em geral, na produção deste conhecimento, ao tratá-lo de forma acrítica.

Internamente, a escola também é, muitas vezes, dominada por uma ideologia tecnicista que se reflete em regras e procedimentos técnicos que também favorecem a reprodução das formas ideológicas dos grupos sociais mais privilegiados.

Giroux (1983), também preocupa-se com o papel que a escola pode desempenhar. Em suas atividades, há sempre um currículo oculto que se refere à normas, valores e atitudes subjacentes, que são freqüentemente transmitidos, tacitamente nas relações que se estabelecem na escola, tanto sociais, quanto de trabalho.

Segundo este autor, uma educação para a cidadania só pode se tornar emancipatória, se consegue também estimular nos alunos, a paixão, a imaginação e o intelecto. Nesta visão, o pressuposto é de que as práticas pedagógicas não busquem enfatizar o ajustamento social, mas a participação dos alunos no seu processo de aprendizagem; onde o conhecimento possa ser visto como um engajamento crítico, permitindo distinguir a essência da aparência nas verdades que existem sobre determinadas certezas.

Neste sentido, a relação entre fatos, conceitos, problemas e idéias na escola, devem ser vistos, como fazendo parte de uma rede mais ampla de relações e conexões que lhes dá significado. Desta forma, os alunos podem aprender a olhar o mundo de forma

mais global. Ao mesmo tempo, podem desenvolver a capacidade de se apropriarem de suas próprias histórias, compreendendo, em suas biografias, o significado e a dignidade de suas experiências de vida.

Para Freire et alli (1986), o que parece ser o traço mais original e otimista na ação educativa das escolas é a dinâmica que pode existir a partir de uma prática docente que considere sempre a ação - reflexão - ação em um processo contínuo e permanente. Problematizar o ensino tem como objetivo conhecer, criar e recriar o conhecimento, no sentido de uma vida melhor para todos.

Neste contexto, o papel do professor também merece ser considerado tanto no seu aspecto individual, como de classe. Os conflitos oriundos de seus interesses pessoais, de sua formação acadêmica, de sua consciência de classe, também colocam o professor no cruzamento de interesses e aspirações contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que podem ser agentes de reprodução social, contêm em si e personificam as esperanças de mobilidade social de diferentes camadas da população. Desta forma, a ambigüidade e a ambivalência da profissão docente parecem residir no fato de que como agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes sociais.

As contradições que existem nos modos de ensinar provém, assim, das questões e dos conflitos entre a classe docente e seus empregadores, mas também dos próprios professores, entre si e de cada um deles, internamente.

Nóvoa (1991), analisando a função sócio-histórica da gênese e do desenvolvimento da função do professor nos diz que, a partir do momento em que a função tradicional começou a se desagregar, os professores buscam uma nova relação com a profissão e sua ação educadora, construindo, aos poucos, uma nova história.

Parece pois, relevante que, ao professor, seja também oportunizado pensar criticamente a respeito da natureza de suas crenças, e de como essas crenças interferem nas suas experiências diárias com os alunos. Igualmente importante é a expansão de suas percepções teóricas que podem ampliar seu quadro de referência, quanto ao tipo de mediação que realizam e a novas possibilidades de participação no processo educacional.

A educação não pode mais ser vista apenas como uma possibilidade de aquisição de competências individuais especializadas, mas sim, com a formação de homens e mulheres, que ao mesmo tempo que caminham para a autonomia pessoal, sejam capazes de dinamizar as comunidades conflituadas onde estejam inseridos, no sentido de uma sociedade mais justa.

Para Freire (1992), uma prática pedagógica exercida com democracia só pode acontecer no momento em que nas escolas, cada um na sua função e no seu papel, possa exercer o poder; onde cada função e cada papel tenha a mesma igualdade de direito. Isto não significa que todos tenham o mesmo poder, mas o mesmo exercício do direito de poder.

Muitas vezes, no entanto, os objetivos da escola se confundem com a ação exercida para alcançar estes objetivos. A ação pedagógica deve ser então o traço de união entre o individual e o social, e, o meio escolar, um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o crescimento, articulando-se com o meio social.

Libâneo (1984) nos diz que, na escola, o ensino, como mediação técnica, deve dar a todos uma formação cultural e científica de alto nível e a socialização, como mediação sócio-política, deve cuidar da formação da personalidade social dos indivíduos em função de uma nova cultura.

No entanto, o ato pedagógico não se dá ao acaso; exige um trabalho sistemático, intencional, planejado, em que o significado humano e social sejam valorizados e onde possa existir o desenvolvimento das condições sociais, atribuindo-se uma conotação crítica à transmissão do saber.

Quanto mais condições para perceber e analisar a realidade, pensar sobre ela, sobre o modo como os indivíduos se inserem e se relacionam em sociedade, mais o indivíduo sentirá como sua a responsabilidade de participar buscando uma transformação.

Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é agir também no rumo da transformação da sociedade.

Segundo Bleger (1984) o ser humano deve encontrar nas instituições a que pertença os elementos de segurança e de identidade que lhe possibilite a inserção social. Do ponto de vista psicológico a instituição forma parte de sua personalidade e, na medida em que isto ocorre e na forma como acontece, podem se configurar diferentes significados e valores para os indivíduos ou grupos que a ela pertençam.

A escola é uma instituição e pode ter diferentes significados para seus alunos. Considerando-se que a adolescência caracteriza-se pela busca de uma identidade, é possível que quanto mais a escola seja capaz de, ao mesmo tempo, considerar o seu aluno como elemento de um grupo e também identificá-lo como um indivíduo neste grupo, dispensando-lhe um tratamento diferenciado, específico e personalizado nas relações sociais e nas atividades intelectuais, mais se aproxime de suas necessidades e oportunize a interação que se faz necessária para o desenvolvimento.

Existem estudos que demonstram que até o número de alunos em uma escola pode ter influência no tipo de relações que se estabelecem. Neste sentido, os resultados apontam que um aluno maduro

socialmente , pode se sentir bem em escolas grandes ou pequenas, aceitando e respondendo aos maiores ou menores desafios intelectuais e sociais que lhe são propostos. Por outro lado, um aluno mais imaturo pode se sentir mais incômodo em uma escola pequena onde as pressões sociais podem ser maiores no sentido de esperar que ele se converta em um elemento importante.

Na realidade, os vínculos que se podem formar entre a escola e o aluno adolescente, dependem de uma interação que pode ou não acontecer de modo favorável, tanto para o adolescente como para a escola.

Bleger ainda caracteriza a escola como uma instituição cultural básica, que tem seus objetivos específicos e sua própria organização com a qual procura atingir os objetivos a que se propõe.

Para este autor, estes objetivos tanto podem ser explícitos e manifestos ou implícitos e latentes. Pode ocorrer, também, que em uma instituição, eles se equilibrem em sua gravitação, ou que entrem em contradição, como também pode acontecer que o conteúdo latente extrapole em sua força, o conteúdo explícito.

Parece claro que a implicação educacional que resulta desta afirmações é a questão dos objetivos educacionais que a escola se propõe e a relação com a prática pedagógica que é realizada para atingir estes objetivos. Nem sempre existe equilíbrio entre o discurso teórico que a escola faz e a prática que ela executa.

É, pois, importante que, na escola, se procure explicitar o que se busca atingir na tarefa pedagógica diária. Ainda que os objetivos explicitados no discurso teórico, muitas vezes, sejam no sentido de se buscar uma educação para a autonomia, para a responsabilidade, para a formação da consciência crítica, para a mudança, a prática pode não ser neste sentido.

De um modo geral, os adolescentes aprendem, na escola, não só os conteúdos curriculares mas, também, esta programação sutil e silenciosa que ensine as regras do jogo social, as relações de poder, os valores vivenciados e atuantes, que vão muito além da palavras ditas.

### 1.3 - ORIENTAÇÃO E VOCAÇÃO

Em educação, a tarefa de orientação vocacional e a decisão profissional vem sendo, às vezes, motivo de entusiasmasdas atividades que os profissionais buscam realizar com o sentido de auxiliar a esclarecer, para os estudantes e talvez para si próprios, as questões da escolha profissional. Em outros períodos esta tarefa pode ser de desencanto quando se pensa nos condicionamentos sociais e econômicos que podem determinar, não só a escolha, mas uma condição de vida, retirando qualquer possibilidade de opção do indivíduo. Nestas situações, estes profissionais são tomados pela descrença e pelo sentimento de incapacidade de atuação.

Entretanto, os estudantes que chegam a concluir seus estudos de II grau e ingressam na Universidade continuam a optar pelos diferentes cursos que ela oferece, buscando a profissionalização. Decisões são tomadas neste sentido. Nem sempre são definitivas. Nem sempre trazem a realização esperada. Muitas vezes são feitas ao acaso, em outras, há oportunidade de serem mais pensadas, conscientes.

Continuam a existir muitas dúvidas a respeito do tema, sobre o que leva o sujeito a escolher uma ou outra profissão já que se entende que uma ocupação é, segundo Lidz (1983), um meio de vida e representa mais do que um conjunto de habilidades e funções específicas. A profissão não só proporciona como determina muito do ambiente físico e social em que uma pessoa vive, prevê papéis e padrões de vida e também seleciona e reforça os traços de per-



sonalidade que são utilizados no desempenho profissional.

Existem também muitas teorias a respeito de como o sujeito chega à escolha e, na educação brasileira há normas legais vigentes que apontam e referem a orientação vocacional como de responsabilidade da escola. Mesmo sendo uma atividade específica, deverá ser compatibilizada com os valores e princípios implícitos e explícitos que norteiam a educação nacional.

É importante, pois, que se busque aprofundar estas questões.

A questão da escolha profissional tem sido motivo de estudo por profissionais de diferentes campos de conhecimento. Assim, psicólogos, economistas, cientistas sociais têm apresentado, ao longo do tempo, suas contribuições para o problema vocacional, desenvolvendo e apresentando teorias que pretendem explicar a questão da eleição de uma profissão.

Estas teorias, muitas vezes divergentes entre si pela variedade de fontes que utilizam em seus estudos, têm levado em consideração uma multivariabilidade de fatores que envolvem o processo de escolha, via-de-regra abordando-os de forma separada. Enquanto a psicologia coloca maior ênfase nos aspectos individuais e internos do indivíduo, procurando explicar como o sujeito chega a uma escolha, apostando em suas características e necessidades individuais e seu desenvolvimento pessoal, a economia enfatiza as leis de oferta e procura do mercado de trabalho como determinantes na profissão, a sociologia, por sua vez, tem uma preocupação maior com as causas de diferenciação nas ocupações, com a organização social dos grupos de trabalhadores e o papel social destes grupos na sociedade.

As teorias existentes a respeito da escolha profissional foram organizadas por Crites (1974) e podem ser classificadas, de uma maneira ampla em Psicológicas, Não Psicológicas e Gerais,

diferenciadas de acordo com suas características e com os aspectos que elas procuram destacar.

As teorias Psicológicas foram as primeiras a serem elaboradas, influenciando o desenvolvimento de estudos nesta área. Enfatizando fatores internos como interesses, aptidões, características individuais, necessidades e motivações como da maior relevância para a escolha profissional, consideram que o sujeito tem liberdade para escolher uma ocupação e pode exercer, pelo menos, um certo controle sobre seu futuro vocacional.

Estas teorias surgiram a partir de 1909 com estudos realizados por Parsons que desenvolveu a idéia de que o ingresso ao mundo do trabalho depende da harmonia conseguida entre as aptidões e as características individuais do sujeito e sua adaptação às exigências da ocupação. Este enfoque originou a teoria do Traço e Fator que por muito tempo norteou todo o trabalho nesta área e foi o princípio utilizado para seleção de pessoal.

Nesta teoria a lógica é a seguinte: como os indivíduos diferem em aptidões, interesses, personalidades e como as profissões também diferem em suas exigências, os indivíduos fazem suas escolhas, comparando as suas características às profissões e escolhendo aquela que "melhor combine" com seus traços pessoais.

Parsons, já em 1909, explicou este processo em três fases pelas quais uma pessoa passa para escolher uma ocupação:

- 1a - uma clara compreensão de si mesmo: aptidões, habilidades, interesses, características de personalidade;
- 2a - o conhecimento do mundo das profissões: qualidades exigidas do profissional, atividades, campo e oportunidades da profissão, remuneração, mercado de trabalho, etc.;
- 3a - comparação entre as capacidades individuais e as exi-

gências da profissão.

Esta abordagem propiciou o avanço no estudo e padronização de testes de inteligência e habilidades específicas com esta finalidade.

Esta primeira tendência, com um enfoque claro de adaptação, considera o homem certo para o lugar certo, dando como definitivos tanto o desenvolvimento do ser humano, quanto a escolha feita.

Há ainda dentro da Psicologia, tendências posteriores, evolutivas e psicodinâmicas de conduta vocacional que se originaram com Guinzberg (1951).

Este autor e seus colaboradores estabeleceram que o processo de escolha abrange o período da adolescência, é irreversível e implica em um compromisso com a realidade e acontece em três fases:

- a primeira, da fantasia, pode iniciar-se bem cedo, ainda na infância. Nela a criança, em geral, escolhe sua profissão baseada nas satisfações pessoais e no significado que as pessoas têm por ela;
- a fase das tentativas inicia-se nos anos escolares, na puberdade, e pode ir até a adolescência. Recebe esta denominação porque as escolhas são baseadas nos interesses, mais tarde na avaliação de suas capacidades e por último nos valores atribuídos a elas;
- a fase realista que representa os esforços do indivíduo para equilibrar a realidade e as suas necessidades pessoais na resolução de seus problemas vocacionais. Esta fase também comporta três fases: de exploração, quando o indivíduo elimina as muitas ocupações possíveis de serem escolhidas; de cristalização, quando se compromete com uma

escolha; de especificação quando dá os primeiros passos no sentido de buscar exercer uma profissão.

Enquanto as teorias de Traço e Fator destacam as características individuais observáveis, as Psicodinâmicas dão ênfase às condições e aos motivos que impulsionam o indivíduo a comportar-se da maneira como o faz.

Nas teorias psicanalíticas de escolha profissional, a proposta central é que o indivíduo se adapta às expectativas e costumes sociais, sublimando desejos e impulsos da sua natureza biológica e expressando sua sexualidade de uma maneira socialmente aceitável. Através do processo de socialização o indivíduo aprende a satisfazer suas necessidades agressivas e sexuais de uma maneira que receba aprovação de seus pais, amigos, professores, da sociedade em geral. Os mecanismos de conduta que adota para fazer frente à vida, constituem seu caráter e personalidade e são a base para a escolha de sua profissão.

Assim, o pressuposto básico que norteia a maioria das interpretações psicanalíticas da escolha profissional é que o trabalho reflete a personalidade do indivíduo, embora alguns autores reconheçam a influência de outros fatores na tomada de decisão vocacional.

Em 1963, Bordin e outros consideram "o trabalho como uma sublimação" e também asseguram que:

- o desenvolvimento dos mecanismos de imitação na infância estão relacionados com o desenvolvimento posterior de condutas mais complexas;
- que as atividades adultas proporcionam as mesmas fontes de gratificação instintiva que as infantis;
- que os seis primeiros anos de vida são decisivos para a formação da personalidade e para a criação de necessidades

que se expressarão mais tarde na conduta vocacional.

As teorias baseadas na satisfação de necessidade dão atenção especial aos desejos e necessidades que estimulam o indivíduo a preferir uma ocupação ao invés de outra.

Segundo Crites, provavelmente a mais destacada destas teorias seja a de Anne Roe (1957). Segundo esta teoria, a maneira como o indivíduo aprende a satisfazer suas necessidades determina quais as capacidades específicas, interesses e atitudes que desenvolverá. Segundo a posição da autora, os interesses profissionais (ou ocupacionais) são formados a partir do tipo de interação entre a criança e os pais. É necessário destacar que a explicação oferecida por Roe não é a mesma da teoria psicanalítica que atribui à sublimação e a certos mecanismos de defesa a transformação dos impulsos infantis em escolhas ocupacionais. Para Roe as primeiras experiências de relações pessoais satisfatórias predispoem o adulto a orientar-se para as pessoas, ao passo que experiências inadequadas e insatisfatórias teriam como efeito predispor o adulto a interessar-se por objetos e não pessoas.

As necessidades que os pais satisfazem de forma rotineira, parecem ter, para Roe, pouco efeito nos fatores que determinam a escolha ocupacional. Entretanto, necessidades que não são satisfeitas ou que são atendidas com demora, se convertem em motivadores inconscientes e influenciam de modo direto na preferência do indivíduo por atividades que implicam trabalhar com objetos ou pessoas.

Para Super (1975), a escolha da profissão está intimamente ligada ao conceito que o indivíduo tem de si mesmo, e este pode evoluir de acordo com o tipo de resultado que obtenha das diversas experiências que realiza ao longo da vida. Super também introduziu o conceito de maturidade vocacional para assinalar que o grau de desenvolvimento individual desde o momento das escolhas

fantasiosas da infância até as decisões reais na adolescência e idade adulta.

Tiedman e seus colaboradores, em 1961, também dão destaque à formação do auto-conceito na escolha de uma profissão, relacionando-o com as possibilidades de experiências educacionais. Consideram o auto-conceito mais como uma avaliação que o sujeito faz, que pode mudar a medida em que o indivíduo avança, progressivamente, de uma posição educacional para outra.

Assim, de acordo com Tiedman, o desenvolvimento de si mesmo, do auto-conceito e o desenvolvimento vocacional podem ser modificados quando o indivíduo toma decisões, ou de fazer cursos, ou de escolher uma profissão.

As teorias Não Psicológicas de escolha profissional são aquelas que atribuem os fenômenos da escolha ao funcionamento de algum sistema exterior ao indivíduo, que ingressa em uma ocupação pela influência de fatores ambientais. Nesta linha, os fatores casuais, as leis de oferta e procura do mercado de trabalho, costumes e instituições da sociedade é que podem determinar o caminho a seguir, profissionalmente.

A teoria da escolha profissional por acidente é uma teoria profundamente popular.

Por acidente ou casualidade, entende-se que o indivíduo não se propõe deliberadamente ingressar em uma profissão; isto acontece como consequência de uma série de circunstâncias ou fatos imprevistos, não planejados, não prognosticados.

Fatores de casualidade devem ser diferenciados de fatores de contingência que podem ser levados em conta quando o indivíduo planeja seu futuro profissional. Fatores contingentes se referem a características e condições do indivíduo como inteligência e status socio-econômico, que são mais do que fatores casuais, uma

vez que podem ser conhecidos.

Alguns cientistas sociais pensam que a teoria acidental é uma explicação admissível para a escolha profissional. Dois sociólogos ocupacionais, Miller e Form em 1951 analisaram as circunstâncias das ocupações de um elevado número de jovens americanos e chegaram a conclusão que, na maioria dos casos estudados, há uma característica a mais a ser levada em conta. Esta característica é que uma grande quantidade de tropeços e as experiências casuais afetam mais a escolha do que qualquer outro fator. Nenhuma influência motivadora única explica, por si só, a maioria das escolhas feitas.

Caplow em 1954, outro sociólogo, também observa: "então, também o erro e o acidente desempenham uma parte na escolha, mais importantes do que o próprio sujeito possa reconhecer".

A teoria do acidente é uma explicação que vem ganhando considerável aceitação entre leigos e teóricos mas que ainda necessita ser avaliada como teoria.

As teorias Econômicas ressaltam a distribuição dos trabalhadores em diferentes ocupações do setor econômico e tentam explicar, sob este enfoque, porque é diferente o número de indivíduos que escolhem determinadas profissões. O pressuposto básico destas teorias, que se iniciaram com os economistas clássicos do início do século, é que o indivíduo tem completa liberdade de escolha, decidindo pela profissão que pensa lhe trazer mais vantagens. Mais tarde, Lampmann, Rottenberg e Thomas (1956) concordaram com a idéia de que a eleição de uma ocupação depende de um número maior de variáveis, não só das diferenças do mercado e salariais. Também a forma de ingresso, o prestígio social e os requisitos do trabalhador são relevantes na decisão profissional.

Este pressuposto encontra hoje escasso apoio no mercado de

trabalho onde a lei de oferta e procura, na maioria das vezes, não permite liberdade de escolha.

Para Lipsett que, em 1962, propôs uma teoria Cultural e Sociológica, cada nível da cultura e da sociedade afetam a escolha vocacional do indivíduo, de maneira diferente e em variados graus de importância. Assim, ao escolher uma profissão, a pessoa é influenciada, mais ou menos, por diversos sistemas sociais, de acordo com as metas e os valores destes sistemas.

A própria cultura, às vezes, acena com muitas possibilidades e promete liberdade de escolha além das que, na realidade proporciona e pode ter efeito nas decisões, ainda que, segundo esta proposta, seja um efeito mínimo. Entretanto, são as sub-culturas e, dentre elas a classe social, que é baseada, em grande parte na fonte de trabalho, que condicionam a escolha: o indivíduo aprende que certos tipos de profissão são mais adequados à sua classe social que outras. Assim, a consciência de classe, a identificação com o grupo social a que pertence, pode influenciar diretamente na aspiração profissional do sujeito.

A comunidade, mais perto das experiências do indivíduo, também exerce uma profunda influência através dos pares, bem como a escola que, depois da família, é, provavelmente, o agente mais importante de socialização e de vocacionalização. Através dela, o indivíduo adquire um sistema de valores que influi diretamente em sua decisão vocacional. As vezes, os valores que aprende facilitam sua decisão; é quando tenta planejar seu futuro e não deixa que este se decida por si. As vezes, estes valores trazem problemas; é quando o indivíduo aspira uma profissão para a qual carece de requisitos para preparar-se e ingressar.

A escola também pode influenciar na escolha porque a limita e pode fazer isto de duas maneiras: ou porque determina o currículo, deixando de oportunizar outras experiências ou porque ex-



clui dela, naturalmente, alunos que carecem das qualidades intelectuais ou sociais que deseja. Mesmo considerando-se que a família é o primeiro e mais importante núcleo de socialização, a maioria dos estudos a respeito das influências familiares se situam na área da psicologia, que relacionam a escolha com um processo de identificação.

Mais recentemente, e por constatações óbvias, parece haver razões suficientes para que, na questão da escolha profissional se considere que, diversas variáveis influenciam e podem determinar uma decisão em termos profissionais. Hoje, parece pouco razoável tentar explicar uma escolha, apenas fundamentada nas diferenças e características individuais ou na determinação dos fatores externos do indivíduo. O desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento originou que alguns teóricos propusessem, o que se chama de Teorias Gerais de escolha vocacional.

Uma concepção interdisciplinar é sustentada por Blau et alli em 1956, como determinantes no processo de escolha. Segundo Crites, para estes autores, são a estrutura social, as condições físicas, a etapa do desenvolvimento da personalidade, os aspectos financeiros, a influência familiar, o nível do conhecimento adquirido pelo indivíduo, seus interesses e habilidades é que devem poder ser conhecidos pelo próprio indivíduo que faz a escolha. Assim também as oportunidades formais, as possibilidades do mercado de trabalho, os requisitos, as recompensas, as atividades e as exigências do trabalho deverão ser do seu conhecimento, para que haja uma possibilidade de realizar uma escolha baseada em princípio de realidade. Para Blau et alli, da mesma forma que os indivíduos diferem em atributos sociopsicológicos, as profissões diferem quanto à sua organização socio-econômica.

Em 1957 Super e Bacharach formularam também uma teoria ampla de escolha vocacional que possui contribuições da psicologia e da

sociologia. Nesta formulação, destaca-se a natureza evolutiva da tomada de decisões, relacionando-a com períodos ou etapas do desenvolvimento pessoal do indivíduo, desde a infância até os últimos anos. O pressuposto básico desta teoria é que o desenvolvimento vocacional é um aspecto do desenvolvimento geral do indivíduo, e que estes fatores se modificam e interatuam, mutuamente. O desenvolvimento vocacional, visto aí como processo dinâmico, influencia e é influenciado pelo desenvolvimento emocional, intelectual e social. A escolha profissional implica então em uma transição entre fatores sociais e pessoais, conceito de si mesmo e realidade, respostas aprendidas e uma síntese de tudo isto.

Esta teoria está exposta em uma série de doze proposições:

- 1 - a escolha vocacional é um processo que acontece em um período extenso e não em um momento determinado;
- 2 - como processo, prevê uma série de acontecimentos que implicam em decisões e portanto pode ser prognosticado;
- 3 - a escolha implica em uma transação entre os fatores sociais e pessoais, conceito de si mesmo e realidade;
- 4 - o conceito de si mesmo começa a formar-se antes da adolescência, se faz mais claro nesta etapa quando se expressa em termos vocacionais;
- 5 - os fatores de realidade se tornam cada vez mais importantes como determinantes da escolha profissional, a medida que o indivíduo cresce;
- 6 - as identificações de um indivíduo com seus pais influenciam diretamente a escolha profissional;
- 7 - a passagem de um indivíduo de um nível ocupacional para outro, está relacionada com sua inteligência, nível sócio econômico, necessidade de status, valores, interesses, habilidades nas relações interpessoais e as condições econômicas de oferta e procura do mercado de trabalho;

- 8 - o campo ocupacional que o indivíduo ingressa relaciona-se com fatores internos e externos;
- 9 - os indivíduos, geralmente, são multipotenciais em suas aptidões e características e as profissões, habitualmente são amplas em obrigações e tarefas, como para "permitir certa variedade de indivíduos em cada ocupação e certa diversidade de ocupações para cada indivíduo";
- 10-11 - as satisfações na vida e no trabalho dependem de quanto o indivíduo possa concretizar o conceito de si mesmo pelo desempenho de seu papel profissional;
- 12 - o trabalho de um indivíduo pode proporcionar-lhe um modo de integrar ou manter a organização de sua personalidade. Em outras palavras, a atividade do trabalho pode ser um dos principais mecanismos de adaptação ou defesa do indivíduo.

O pressuposto básico que sustenta a teoria de Super e Bachrach é que o desenvolvimento profissional é um aspecto especial do desenvolvimento geral do indivíduo e que os fatores que afetam o primeiro mudam e afetam a conduta vocacional. Em outras palavras, é um processo dinâmico que compara, influi e pode ser modificado pelo desenvolvimento emocional, intelectual e social.

Como consequência, existe a probabilidade de que o desenvolvimento profissional siga os mesmos princípios que outros processos evolutivos.

Bohoslavsky (1987), psicólogo argentino, através de sua experiência e de seus estudos elaborou, mais recentemente, um trabalho que ele mesmo denomina de um marco referencial provisório para que se comece a pensar a problemática da escolha profissional sobre uma nova ótica.

Também para este autor a questão da escolha atinge uma va-

riedade de setores do campo psicológico mas extrapola a ele, sendo necessário dispor-se teoricamente, também, da sociologia, economia, antropologia e da pedagogia para uma leitura convergente de orientação vocacional. Esta abordagem não pressupõe apenas medir interesses e aptidões mas envolve, principalmente, a escolha, mais livre possível, pelas pessoas, de sua vida futura.

Desde este ponto de vista quando o adolescente procura um profissional para auxiliá-lo, está preocupado com a sua pessoa em relação ao seu futuro. O que acontece, então, terá relação, basicamente, com a interação destes três fatores - a pessoa, o profissional, o futuro - sempre vinculados a um contexto social mais amplo: familiar, educacional e de produção.

Muito embora em seus estudos o autor tenha revisto a questão da autonomia e das possibilidades de escolha, reconhecendo as condições determinantes, sejam elas inconscientes ou colocadas a partir da estrutura econômica e política da sociedade, estabelece ainda que, mesmo com relativa liberdade, o sujeito pode ser capaz de uma escolha que leve em conta a prospecção, a independência e a responsabilidade.

Para Bohoslavsky uma escolha envolve sempre três fases: seleção, escolha e decisão. Durante o processo de elaboração o sujeito precisa solucionar conflitos que passam por etapas que possuem sinais característicos: a primeira fase é a da lamentação, quando o adolescente queixa-se, em geral, de todas as oportunidades que não teve ou deixou passar, na escola, na família, e que agora dificultam a sua decisão. Não se sente preparado para ela.

A segunda fase pode ser chamada de decepção ou desesperação, de não poder resolver a sua questão em termos de decisão.

A terceira fase é denominada conflito da separação. Sepa-

ração do antigo, daquilo que deixa de si. Manifesta-se, primeiro, através de um sentimento peculiar de que os objetos são às vezes próximos, às vezes distantes. É uma situação ambivalente entre vir a ser e deixar de ser o que é, até uma decisão.

A figura do profissional que se relaciona com o sujeito para auxiliar neste processo de elaboração é relevante uma vez que, através dele, poderá ser oportunizado o desvelamento fantasia-realidade, não só quanto ao indivíduo mas ao contexto econômico social e político que permeia a decisão profissional.

Analisando as teorias, convém que se pense, hoje, além das classificações feitas mas na importância que se dá ao ingresso em uma profissão, seu significado para o homem e o que representa em educação, uma tarefa que tenha como objetivo auxiliar a criança e o adolescente a descobrir-se como pessoa, na relação com outras pessoas, em sociedade.

Se a orientação vocacional é uma área de preocupação e estudo e sua prática uma tarefa importante e difícil, parece relevante situá-la em um contexto maior, da orientação educacional e da própria educação brasileira, sua evolução ao longo do tempo para que as teorias a respeito da escolha profissional possam, assim, contextualizadas, serem melhor entendidas.

De acordo com Pimenta (1984), desde sua implantação no Brasil até os dias de hoje, a orientação educacional teve, como a educação, alguns objetivos mais ou menos explicitados e, como consequência, algumas funções mais ou menos específicas, de acordo com os diferentes momentos históricos e as diferentes influências do contexto político, econômico e socio-cultural do país nestes momentos. Introduzida no país na década de 30, com origem nos Estados Unidos e França, com atividades específicas de orientação profissional, logo acumulou atividades de aconselhamento individual.

Do aparecimento em algumas escolas isoladas para a documentação legal não transcorreu muito tempo e logo a orientação educacional passou a fazer parte da legislação brasileira de educação - década de 40. Nesta fase, aparecia nas leis específicas do ensino comercial, industrial e secundário ficando limitada a orientar para um curso posterior e destinava-se a uma clientela com possibilidades de escolha.

Assim, a orientação profissional abriu caminho para a orientação educacional e vocacional que desde seu início teve um caráter disciplinador, ajustando o aluno à escola e encaminhando-o a profissões. É desta fase o conceito de ajustamento do professor Lourenço Filho no Parecer 445/48 do Conselho Nacional de Educação:

"Em linhas gerais, a orientação educacional consiste em serviços perfeitamente articulados com o ensino e a administração de cada escola que visa, de uma parte, ao ajustamento do estudante à própria vida escolar do momento e, de outro, ao seu encaminhamento a maiores estudos futuros, de acordo com suas capacidades e profissões...".

Quando tempos depois - 1968 - surgiu a lei que regulamentava a profissão do Orientador Educacional, se enfatizou a necessidade de uma estrutura científica na atividade desenvolvida. Iniciou-se, então, um período de muitos encontros e discussões sobre as funções atribuídas, que eram de assistir ao educando, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade e prepará-lo para o exercício das opções básicas. Percebe-se aí um enfoque nitidamente psicológico evolutivo e uma função preventiva. O problema da decisão, visto como uma consequência do processo.

Em 1971 surge a Lei 5692, que disciplina a função da orientação, explicitando o tipo de orientação vocacional que deveria ser realizada: sondagem de aptidões, iniciação para o trabalho e aconselhamento vocacional. Nesta fase, muito se buscou em termos

de entendimento dos fatores que envolviam a escolha. A transformação tecnológica pretendida para o país, na época, também foi pretendida para a orientação. Neste período, muitas teorias de escolha foram colocadas em prática ao mesmo tempo em que se buscou, na psicologia das relações interpessoais, os fundamentos para uma ação mais eficiente.

Entretanto, a escola não conseguia profissionalizar como estava previsto em lei e a orientação vocacional não encontrava meios para descobrir aptidões em seus alunos. A escola centrava seu foco de trabalho muito mais na informação e transmissão de conteúdos do que no desenvolvimento de habilidades que possibilitassem ao aluno a resolução de suas tarefas escolares e seus problemas de vida. O aluno continuava a ser visto como um sujeito que trazia consigo, pronta, uma bagagem inata de possibilidades que apenas precisariam ser descobertas e colocadas em prática na hora da escolha de uma profissão. Além disso, um número cada vez menor de alunos permanecia nos bancos escolares, cabendo a muito poucos uma possibilidade de concluir seus estudos de I e II graus e pensar em uma carreira profissional de nível superior. Muitos já haviam sido escolhidos pelo mercado de trabalho.

A partir daí, começou um período de grandes questionamentos na educação, que se vincularam aos questionamentos de outros segmentos sociais. A orientação educacional participou, ativamente, destes momentos, através de muitos encontros regionais e nacionais, questionando agora sua teoria e sua prática. Já não era mais possível considerar apenas os aspectos individuais na formação do indivíduo nem considerar as técnicas grupais de dinâmica de grupo como capazes de solucionar os problemas educacionais. A orientação, assim organizada, parecia estar fadada ao fracasso. As tendências pedagógicas utilizadas pareciam não mais atender às necessidades de uma grande população com as condições da população brasileira.

Uma consciência de necessidade de mudança tomou conta, aos poucos, também dos orientadores educacionais. O tecnicismo adotado, até então, foi proscrito em algumas práticas educacionais e, como a orientação não se sustentou em sua própria ação, buscando novos fundamentos, foi abolida de muitas instituições educacionais, inclusive aquelas com a responsabilidade de formação do profissional em questão.

Em 1982, em meio a este período de denúncias, surge a Lei 7044 que veio alterar alguns artigos da Lei de Diretrizes e Bases, principalmente no que se refere aos aspectos da profissionalização. A qualificação profissional deixou de ser exigida e o artigo 10. desta Lei preconizava que:

"O ensino de I e II graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania."

Novamente postulados em Lei, ainda que de forma diferente, habilidades, valores, preceitos e princípios do trabalho continuaram a permear a tarefa da orientação. Mais precisamente, a orientação educacional se sentiu responsabilizada por agilizar, nas escolas, a questão da preparação para o trabalho. As interpretações foram muitas e diversificadas.

Em algumas escolas se tratou até de criar uma matéria específica para preparar o aluno para o trabalho. Esta abordagem teve pouca repercussão pois, não só a questão da profissão estava sendo questionada, mas toda a abordagem pedagógica na escola, como também a identidade do orientador como profissional.

Hoje, ainda que nos dicionários a vocação apareça com o registro de chamamento e predestinação, o sentido da palavra, em nosso meio, é muito mais amplo.

Assim, desde a idéia da vocação como dom interno e inato a



uma posição que valorize os aspectos externos como fatores de desenvolvimento de uma vocação, tem-se buscado desenvolver este campo de trabalho que merece, cada vez mais, ser considerado uma tarefa científica multidisciplinar.

No entanto, por mais que se tenha substituído a ênfase em uma natureza biológica por uma que leve em conta também os aspectos externos, ainda se procede, muitas vezes, de modo a privilegiar mais aquele aspecto. O erro maior que impregna a orientação vocacional contemporânea consiste, segundo Boholavsky, em entender o homem apenas como objeto de observação e diagnóstico. Quando se deixa de pensar no ser humano como um objeto que se pode observar para diagnosticar e se procura entendê-lo como sujeito de seus comportamentos, se considera que a escolha do futuro é algo que lhe pertence e que nenhum teste ou mesmo nenhum profissional, por mais capacitado que esteja, tem o direito de expropriar.

Para este autor, esta posição possui implicações filosóficas, ideológicas e científicas porque supõe uma concepção de homem. Hoje, a orientação vocacional precisa levar em conta uma visão ampla e compreensiva dos problemas que assolam, não só a juventude mas a sociedade em geral, buscando estabelecer relações entre os fenômenos vocacionais e de personalidade que são, em última análise, pessoais e sociais.

Quando busca a orientação vocacional, um adolescente busca alguma coisa que o realize e não somente o nome de uma profissão. Nesta situação está preocupado mais com o que pode chegar a ser do que é, na atualidade.

Bleger (1984) nos diz que, em orientação vocacional, a contraposição a uma modalidade puramente estatística inclui uma atitude e uma atividade ideológica e também política, que se exerce em um campo científico, através da prática profissional e

profissão como um meio de ganhar a vida e obter poder.

A cristalização de metas implica comprometer-se com a decisão que implica uma escolha. Para isto é necessário aceitar as incertezas que se seguem pois sempre é possível que surjam outras possibilidades que poderão parecer atrativas.

As decisões parecem não ter um caráter de irreversibilidade como se supôs anteriormente e a escolha de uma carreira pode não decidir o futuro tão definitivamente quanto um adolescente tende a acreditar, mesmo porque, segundo Müller (1988), a identidade não é estática, nem definitiva. Constitui-se em um equilíbrio aberto a reajustes e mudanças que, em certos períodos ou situações, pode entrar em crise para reestruturar-se em novas integrações. Os objetivos podem mudar quando os indivíduos têm outras experiências significativas, quando novas oportunidades são apreciadas ou abertas e pode ser que esta maleabilidade signifique qualidade para a vida do indivíduo.

A vida é aleatória e suas contingências podem fazer diferença no desenvolvimento da personalidade e na identidade pessoal.

Super (1975), também enfatiza que, ao se tratar dos fatores da escolha profissional, deve-se considerar as determinantes psicológicas como muito importantes, ainda que a posição social seja, talvez, a mais importante, assim como são relevantes as estruturas de oportunidades dos contextos educacional e ocupacional e também, paralelamente, os fatores econômicos e de mercado de trabalho.

Para este autor, a maturidade vocacional faz parte do desenvolvimento geral do indivíduo e, como processo longo, inicia na infância, continua pela adolescência, pode ir até a idade adulta e inclui a explicação de si mesmo e do mundo adulto.

Estudos do desenvolvimento vocacional mostram que a disposi-

ção de olhar para o futuro, a aceitação da responsabilidade para decidir, fazer planos e começar uma ação neste sentido, procurando os recursos que podem auxiliar na aprendizagem específica de uma profissão são condições que o indivíduo mostra quando está pronto para começar a indagar e também a indagar-se.

O propósito de decidir, começar a explorar ou preparar-se para tomar decisões, não quer dizer que o adolescente esteja pronto para decidir. No entanto, é nesta fase que alguns adolescentes fazem a sua escolha porque há expectativas e pressões sociais para que isto aconteça.

Segundo Pelletier (1977), o desenvolvimento vocacional se confunde com a urgência de se tomar decisões em termos profissionais. Esta tarefa é, em geral, provocada pelas situações psico-sociais e nada prova que em outro contexto cultural o indivíduo experimentaria a necessidade de determinar-se vocacionalmente, na mesma faixa etária. As pressões que um adolescente sofre para tomar decisões e assumir responsabilidades ocupacionais pode levar a escolhas pouco amadurecidas e, por isso mesmo, pouco duradouras ou não satisfatórias.

A questão da idade precisa então, também, ser considerada. As experiências vividas pelos adolescentes são, muitas vezes, determinantes para o seu crescimento emocional, afetivo e também para o desenvolvimento do pensamento lógico-formal, próprio das faixas etárias mais aproximadas da fase adulta.

Hoje, com a retirada de um ano escolar do ensino, a partir da implantação da Lei 5692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, um adolescente pode chegar ao término do II grau com a idade média de 17-18 anos.

Segundo Bohoslavsky (1987), o que está em jogo na escolha de uma profissão não é só o futuro do jovem, mas a sua identidade

pessoal.

Na visão deste autor, chega a surpreender que o adolescente, em meio a tantas mudanças características desta fase, consiga realizar tarefas tão importantes de definição, definindo também sua identidade ocupacional.

Se o futuro implica em desempenhos adultos, este futuro nunca é pensado de uma forma abstrata mas, personificado, que pressupõe o desempenho de um papel e de tudo o que isto representa pessoalmente, e para a sociedade em um sistema de relações dialético. Quem escolhe uma profissão, de certo modo, antecipa o profissional que será.

Neste sentido, alcançar uma identidade ocupacional, uma auto-percepção dos papéis ocupacionais que se desempenha ao longo dos anos, pode ser considerada como etapa de um processo maior, que é a conquista de uma identidade pessoal.

A identidade certamente não emergerá ao final de um processo de escolha mas, a decisão em termos profissionais, certamente contribui para solidificar o sentimento que leva nesta direção.

Para um adolescente definir o futuro, não é somente definir o que fazer mas, fundamentalmente, quem ser. No vínculo que se estabelece com o futuro sempre há aspectos manifestos e não manifestos, conscientes e inconscientes. Mesmo que um jovem se preocupe somente pelo que fazer é importante que se considere uma parte da realidade que possa estar encoberta, que é a pessoa que deseja ser.

Quanto a isto, Lidz (1983) refere que muitos estudantes têm dificuldades para pensar e transmitir as razões da decisão ou de como ela foi alcançada. Muitas das razões que encontram são apenas uma parte da história e da qual estão conscientes. Ainda que estes fatores conscientes sejam importantes, também os motivos

inconscientes permeiam uma escolha.

Para Bohoslavsky (1987), a situação ambivalente entre "vir a ser" e "deixar de ser", supõe a elaboração de lutos próprio desta fase de decisão. São os lutos pela escola, pelos colegas e pelos companheiros que deixa, pelo paraíso perdido da infância, pela imagem idealizada dos pais e também pelas suas fantasias onipotentes.

O adolescente deve conseguir detectar, distinguir e separar as partes de si mesmo que depositou nos objetos que deixa e, elaborando estes conflitos de dependência-independência, renunciar a projetos antigos, a expectativas familiares e de companheiros, decidindo-se por uma escolha em detrimento de outras em que também depositou partes de si projetivamente, aceitando que não pode realizar tudo o que, magicamente, idealizou. Deve também conseguir manejar o tempo de forma adequada, conseguindo situar-se no presente e projetar-se no futuro.

Ao escolher, um adolescente está fixando quem deixa de ser; está escolhendo deixar de ser adolescente, de ser outro profissional, de continuar com os mesmos companheiros, de permanecer com os mesmos objetos e as mesmas relações.

Na medida em que escolhe, deixa, e por isso a escolha supõe elaborar as perdas. Talvez o problema maior da escolha do adolescente esteja vinculado a tudo de que precisa separar-se do que aos novos vínculos que precisa estabelecer, ainda que a incerteza do futuro seja muito penosa.

Assim, o adolescente se compadece não só pelos objetos que deixa como também pelas partes de si mesmo que se identificaram com estes objetos experimentando, por vezes, algumas fantasias que a separação ocasiona e que podem implicar em atitudes retaliativas em relação a eles.

Se as fantasias predominantes são retaliativas e persecutórias, as atitudes mais manifestas podem ser a crítica e também a auto-crítica. O medo de fazer uma escolha pessoal pode gerar uma crítica aos pais que freiam e obstaculizam a escolha, o que pode ou não ser realidade. Quando isto não corresponde ao real o adolescente, em geral, se auto-censura por sentir que não está respondendo às expectativas familiares.

Se as fantasias são depressivas podem surgir sentimentos de solidão, tristeza e de abandono.

Quando estes sentimentos são tolerados, o luto pode ser elaborado. Há elementos que estão fora do espaço próprio e que pertencem a um espaço distinto, mas com os quais as pessoas se relacionam, a partir de si, de sua experiência, com a sua percepção.

Neste sentido, o contexto social incide nas escolhas, pelo sistema de valores que nele prevalece, pelo sistema de relações e de produção que o compõe.

O contexto social, neste sentido, precisa e deve ser analisado, na medida que afeta diretamente a pessoa que escolhe, pela relação que com ele se estabelece. As esferas familiar, educacional e de produção são as que sobretudo interessam uma vez que são emergentes da estrutura social mais ampla e dizem respeito, neste caso, à relação pessoa-futuro.

Em relação à escolha, a família é o grupo de referência fundamental, uma vez que seus valores constituem as bases significativas da orientação do adolescente em relação a percepção valorativa que o grupo familiar tem a respeito das ocupações e também pela própria problemática vocacional interna.

Em geral, as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares em relação as suas próprias experiências são

transmitidas para a criança e o adolescente. Com elas o indivíduo pode identificar-se ou tentar realizar uma reparação quando chegar a hora de decidir-se por uma escolha profissional.

Isto permite entender o sentido que têm as expectativas familiares a respeito da profissão que o adolescente escolhe. Podem surgir sentimentos de dependência diante do projeto, gerando expectativas de realizações, status, ou melhor qualidade de vida para o jovem, de forma consciente e para todos, inconscientemente. Podem também surgir sentimentos de acasalamento a respeito da decisão ou, ainda, sentimentos de ataque ao adolescente porque este tem a possibilidade de escolher quando os pais já têm a sua identidade profissional, bem ou mal consolidada, o que pode provocar orgulho, ciúme ou inveja dos pais.

Um adolescente pode escolher a mesma profissão do pai sem que isto se deva, especificamente, a uma identificação com ele. Também pode escolher uma profissão completamente diferente e isto sim ser devido a uma identificação. Quando se fala em identificação é no sentido de superar um conflito ou uma contradição e quando ela perde este sentido original já pode-se falar em identidade.

Neste sentido, precisa ser considerado que uma escolha é também baseada em identificações pois as profissões são sempre consideradas em relação às pessoas que as exercem e jamais gozam de neutralidade afetiva.

Encontrar orientação para o futuro, segundo Lidz (1983), depende das identificações prévias e de uma resíntese destas, mas, também, há necessidade de julgar comportamentos, na busca de novas identificações.

Por ocasião da escolha os adolescentes vivem mais de perto este problema, como um pano de fundo contra o qual selecionam

cursos, avaliando também as pessoas como modelo.

O contexto social mais amplo de oportunidades educacionais e de produção, onde se realiza a escolha profissional, também são considerados dentro de um processo e devem incluir a análise das informações com respeito a cursos, profissões, áreas e indicação de trabalho.

A estereotipia não é um problema evolutivo do adolescente; é um problema social, que reflete os preconceitos, as distorções de imagem, a confusão e a parcialidade entre as diferentes áreas profissionais, não só do ponto de vista pessoal, como também os valores da sociedade, da classe social e do grupo a que este adolescente pertence.

Cada sociedade define suas estruturas ocupacionais conjugando diferentes variáveis. Aspectos econômicos, políticos, educacionais e históricos revelam os valores que importam à sociedade para que ela esteja estruturada da forma como está. Esta estrutura pode se constituir em oportunidade ou, em sério obstáculo para o desenvolvimento de quem escolhe e são interiorizadas sobre a forma de imagens ocupacionais. As imagens ocupacionais desenvolvem-se, possivelmente, nos diferentes círculos de socialização que são os veículos da relação indivíduo-sociedade.

Talvez seja importante investigar mais como as pessoas aprendem estas imagens porque elas determinam categorias das profissões, existindo sempre mais clareza sobre seus elementos mais superficiais do que sobre sua essência.

Para um adolescente, na sociedade, uma profissão pode assumir uma conotação mais significativa em termos do êxito definido em razão do prestígio, do poder e da perspectiva econômica do que da seqüência de suas atividades ou da articulação com outros papéis produtivos. Ainda que ele realize classificações do tipo



afetivo, reunindo profissões diferentes entre si, estas têm em comum o fato de serem motivadoras de sentimentos similares.

Na investigação do contexto que o adolescente faz, é preciso considerar também o tipo de informação que ele recebe para ser analisada e compatibilizada com seus motivos, valores e necessidades. Na medida em que a informação é prestada, em geral, por pessoas do mesmo contexto social, pode converter-se em um agente reforçador de falsas imagens, uma vez que não sejam considerados os efeitos que exercem o sistema social e a organização da produção, nas diferentes classes sociais.

A transmissão da informação relaciona-se tanto com o que é externo ao indivíduo, quanto ao que é interno e deve levar em conta, a informação propriamente dita e também o sujeito a quem se destina.

Se nos concentrarmos na informação que o adolescente busca e recebe, parece evidente que é necessário que ele conheça as diferentes atividades profissionais da forma mais completa possível. Neste sentido é óbvio que uma informação deva conter profissões de um contexto mais amplo, não só as atividades e instrumentos para o trabalho mas também o objeto do trabalho, a demanda na comunidade, locais onde se exerce e, ainda, a finalidade social das profissões e o papel desempenhado pelos diferentes profissionais no contexto sócio-econômico.

Importante também que seja possível estabelecer relações entre as diferentes atividades, deixando de considerar as profissões como separadas entre si, já que a ciência está a exigir, cada vez mais, uma tarefa multidisciplinar.

Importante ainda é levar em conta a organização do ensino de nível universitário a que o adolescente pretende ter acesso. A organização acadêmica, conteúdos básicos, requisitos para ingres-

so e permanência precisam ser do conhecimento de quem está em processo de escolha.

Em última análise, a tarefa da informação tem o objetivo de aproximar o adolescente da realidade, auxiliando-o na elaboração de um quadro de referência objetivo em que consiga organizar estes conhecimentos específicos. Também tem como objetivo oportunizar a destruição de esquemas estereotipados e distorcidos sobre as profissões, valorizar experiências anteriores que poderão ser utilizadas na construção de novos modelos e padrões para o futuro. Há, sem dúvida, que considerar a vinculação entre experiência vivida e conhecimentos adquiridos que viabilizam o confronto e a discriminação entre fantasia e realidade a respeito de profissões e de escolhas.

Para Bohoslavsky, se é necessário fazer escolhas, é também necessário que o indivíduo tenha desenvolvido os recursos para isto e uma escolha pode então ser superficial, ajustada ou consciente.

Uma escolha superficial pode ser considerada aquela em que o indivíduo não chega a questionar-se e sequer pensa nos problemas da escolha. Por ter desenvolvido, na infância, um desejo profissional que foi reforçado pelas expectativas familiares, este é manifestado sem reflexão e sem possibilidades de compatibilização com suas necessidades e a realidade externa. Esta escolha é feita, ainda, com base na fantasia e na idealização.

De uma escolha ajustada pode-se dizer que é aquela que apenas faça coincidir gostos e capacidades pessoais com as oportunidades exteriores em um balanço ou síntese. Esta forma de escolha baseia-se no que o adolescente é e não no que poderá ser.

Uma escolha que se considera consciente é uma escolha que depende da elaboração dos conflitos e não de sua negação. Se faz

quando o indivíduo consegue identificar-se não só com seus próprios gostos, interesses e aspirações mas, também, leva em conta o mundo externo, onde estão as profissões. Escolhe, tendo em conta o que fazer mas, também, o que poderá ser. Confronta o seu mundo pessoal com a realidade, faz prospecções pessoais e se responsabiliza por elas.

Pode-se dizer que o adolescente na medida em que está desestruturando e reestruturando tanto seu mundo interior como suas relações com o mundo exterior está submetido a uma crise. Dependendo do resultado e dos mecanismos empregados para a superação desta crise, poderão surgir novas formas de relações internas e externas, qualitativamente diferentes das anteriores. A questão da escolha, neste sentido, pode ser motivo de crescimento.

Segundo Lewin (1989), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul oferece os seguintes cursos, distribuídos em quatro áreas do conhecimento:

#### Área I - Ciências Exatas e Tecnologia

- Administração
- Agronomia
- Arquitetura
- Ciências Atuariais
- Ciências Contábeis
- Ciências da Computação
- Ciências Econômicas
- Engenharia
  - . Civil
  - . Elétrica
  - . Mecânica
  - . Metalúrgica
  - . Minas
  - . Química

- Física
- Geografia
- Geologia
- Matemática
- Química

#### Area II - Ciências Biológicas

- Ciências Biológicas (Biologia)
- Educação Física
- Enfermagem
- Farmácia
- Medicina
- Medicina Veterinária
- Odontologia

#### Area III - Filosofia e Ciências do Homem

- Biblioteconomia
- Ciências Jurídicas e Sociais
- Ciências Sociais
- Comunicação Social
  - . Jornalismo
  - . Publicidade
  - . Relações Públicas
- Filosofia
- História
- Pedagogia
- Psicologia

#### Area IV - Letras e Artes

- Artes Cênicas
- Artes Plásticas
- Música
- Letras

O papel da Universidade, segundo a própria UFRGS (1985), é o de centro de pensamento crítico permanente e tem como uma de suas principais funções, contribuir para a elaboração do modelo cultural da sociedade onde está inserida.

Como Universidade mais antiga do estado e de maior tradição na sua composição cultural, a UFRGS necessita, permanentemente, estar atenta ao seu contexto social como também necessita repensar-se, analisando-se constantemente e, buscando ser, simultaneamente, imagem e líder de seu meio.

O atual período da educação brasileira vem causando, inegavelmente, pressões internas no sistema de ensino superior. As mudanças que ocorrem na sociedade, sem dúvida, se refletem nas suas instituições, por isso a necessidade de dinamizar o planejamento dentro da própria Universidade a fim de tornar mais eficiente a educação superior.

É inegável que o grande aumento da demanda ao ensino de III grau representa uma reivindicação da classe média emergente, a qual persegue, pelo diploma universitário, o caminho para assegurar a desejada mobilidade de ascensão social.

Ainda que se questione que, no atual contexto, a formação universitária seja garantia desta mobilidade, seu papel é importante para um desenvolvimento neste sentido.

Quanto a qualidade dos cursos de graduação, as instituições, de um modo geral, não possuem critérios para medi-la e somente os cursos de pós-graduação são avaliados através de critérios definidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. No entanto, é sentida a necessidade de dinamizar o planejamento dentro da Universidade.

Desta forma, com o objetivo maior de subsidiar as decisões em termos de planejamento e administração, o Departamento de

Pesquisa Institucional da Pró-Reitoria de Graduação da UFRGS vem realizando uma série de estudos buscando determinar, analisar e acompanhar a realidade institucional, principalmente no que se refere ao ingresso e permanência dos alunos na instituição.

Assim, de acordo com o décimo terceiro volume da série Estudos e Projetos (1990), que apresenta resultados de pesquisa quanto às características sócio econômicas e culturais do contingente inscrito no Concurso Vestibular da UFRGS no período de 1984/1986, é constatado que os alunos classificados neste período são aqueles sócio economicamente mais privilegiados, têm entre 17 e 19 anos, não necessitam trabalhar para manter-se ou ajudar a família, têm a possibilidade de dedicar-se somente aos estudos e frequentaram cursos pré-vestibulares por mais de um semestre. São originários, em sua maioria, de escolas de sistema particular de ensino e de famílias de pais com nível de instrução superior.

Considerando todos os candidatos inscritos no período analisado, verifica-se que a faixa etária está concentrada entre dezessete e dezenove anos (32,8%) e de dezenove a menos de vinte e um anos (23%).

Também é constatado que a maior proporção dos classificados já havia realizado vestibular pelo menos uma vez anteriormente e havia trocado de curso. Este fato, segundo o documento, reforça a hipótese que, candidatos não classificados em um Concurso Vestibular mudam de opinião sobre o curso anteriormente pretendido, por mais experiência ou maturidade pessoal, ainda que se considere o fato de que talvez o novo curso exija um argumento de classificação mais baixo que o pretendido pela primeira vez.

A análise realizada quanto às condições sócio-econômicas dos candidatos classificados referem que, a partir da instrução e da ocupação dos pais são determinadas, provavelmente, não só a renda familiar mas o tipo de educação proporcionada aos filhos.

Segundo o documento, a família com melhor nível socio econômico proporciona, a partir da infância, um nível de formação mais rico e diversificado facilitando o crescimento educacional de seus filhos.

É interessante observar-se, quanto à proveniência dos candidatos, que a maior parte dos classificados não trabalha e os que trabalham exercem suas atividades relacionadas com profissionais liberais ou técnicos de nível superior. Por outro lado, é constatado, também, que os candidatos não classificados e que trabalham, provêm, em sua maioria, de atividades na administração pública.

Há um destaque quanto ao papel discriminatório que não pode ser imputado somente à Universidade já que o vestibular privilegia uma certa camada de alunos que já vêm sendo selecionados através de todo o processo educacional e social. Neste sentido, a pesquisa aponta para a importância do papel preparatório que cabe às escolas de II grau na formação de jovens capazes de conquistar seu espaço não só no ensino de III grau mas na sociedade em geral. E questiona:

"não estarão ingressando na universidade estudantes muito jovens, ainda sem maturidade suficiente para a escolha de um curso e para percorrer o árduo caminho do curso superior? Ou, quem sabe, as universidades não estarão considerando devidamente a relação ensino de II grau - ensino de III grau?"

Avançando, no sentido de oportunizar mais conhecimento de sua realidade, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou estudos no sentido de analisar as causas da evasão nos cursos de graduação, tendo como base o ano de 1984.

O resultado aponta para um percentual de evasão, neste período, de 14,5% do total de alunos matriculados na instituição, percentual considerado alto, pelos critérios estabelecidos na pesquisa. Os cursos com evasão mais elevada foram, por ordem:

Matemática, Química, Letras, Artes Cênicas, Biblioteconomia, Música, Física, Geografia, Filosofia.

Parece interessante observar que a maior proporção de evasão aconteceu entre os alunos que freqüentavam o terceiro e quarto semestre dos cursos pretendidos, isto é praticamente no início de sua formação acadêmica. Este fato parece relevante e deve merecer mais estudos e investigação ainda que possa estar relacionado com outras variáveis apontadas nesta pesquisa.

A questão da faixa etária dos alunos evadidos, com maior proporção entre 15 e 20 anos é questionada e mencionada e aparece como uma das variáveis que possam ter interferido nas causas de evasão apontadas na pesquisa e que estão assim categorizadas: modificação de interesses pessoais, colisão de horário do curso e atividades profissionais, decepção com o curso, aprovação em outro vestibular, indecisão quanto à escolha da profissão.

É evidente a relação entre evasão e faixa etária na população pesquisada e, segundo o documento, o jovem, nesta idade, ainda não tem clareza suficiente para optar sobre a escolha da profissão embora, segundo o documento, sinta necessidade de realizar suas potencialidades e garantir seu futuro.

Ainda que o estudo realizado não se refira a uma possível pressão cultural, educacional e social, que sofre um adolescente de classe média para ingressar na universidade, é importante seu registro.

Na evasão é também analisada o fato do jovem que ingressa na universidade receber novas informações pelo convívio na comunidade acadêmica, proveniente de suas relações com colegas, professores. O acesso a novos tipos de experiências pode desencadear mudanças de valores e interesses pessoais provocando, também, um maior amadurecimento e alteração de interesses profissionais.



A evasão decorrente da colisão entre o curso e a atividade profissional é vista como decorrente das dificuldades sócio econômica dos alunos que necessitam trabalhar e relacionada ao sistema adotado pela universidade na programação de seus horários de funcionamento. Este, praticamente, não oferece esta possibilidade e impede o aluno de trabalhar.

Quanto a isto, diz o documento, "a universidade adota um sistema que dificulta a organização seqüencial compactada de suas atividades didáticas."

Percebe-se que, quanto ao motivo de decepção com o curso, a análise realizada aponta para os cursos de maior evasão e que foram, na época, Engenharia, Mecânica, Administração, Letras, Engenharia Civil e Música, sem detalhar na pesquisa feita, as causas desta decepção.

## 2 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

### 2.1 - TEMA E QUESTÕES DA PESQUISA

Pode-se dizer que o interesse e a preocupação com as questões da escolha profissional nasceram com a nossa atuação como orientadora educacional.

Em um longo período de prática que inclui atividades em escolas do sistema estadual de ensino e no Colégio de Aplicação da UFRGS, muitas dúvidas nos foram surgindo em relação a este tema. As questões específicas que se referem aos fatores de influência para uma decisão, a faixa etária em que se realiza uma escolha, a responsabilidade da escola no desenvolvimento educacional de seus alunos até a percepção de que uma escolha profissional é uma oportunidade que acontece para poucos alunos, suscitaram muitos questionamentos.

Durante este período foi ficando cada vez mais clara a idéia de que os alunos, em geral, esperam muito da escola, criando expectativas elevadas em relação à ela e ao seu futuro pessoal que inclui o exercício de uma profissão e a ascensão social.

Com experiência em duas realidades distintas foi possível constatar que, mesmo considerando-se as diferenças de estrutura, organização, contextualização e clientela, os níveis de escolaridade atingidos pela maioria dos alunos de uma escola pública estadual que são diferentes daqueles conseguidos pelos alunos do Colégio de Aplicação, os alunos, em geral, parecem depositar na escola a esperança por uma formação que o desenvolva como um ser produtivo em sociedade e como pessoa.

Em 1985, todos os sessenta e um alunos que estavam concluindo seus estudos de II Grau no Colégio de Aplicação e que pertenciam às duas turmas existentes na escola, inscreveram-se para o concurso vestibular da UFRGS e apenas vinte e cinco deles obtiveram classificação para o ingresso na universidade em 1986. Como orientadora educacional destes alunos na época, havíamos acompanhado sua vida escolar e o seu processo de escolha por uma profissão.

A preocupação do Colégio de Aplicação com seus alunos não se restringe ao sucesso que possam ter no vestibular. Entretanto, esta é a primeira medida de desempenho que os alunos experimentam quando saem da escola.

O resultado do vestibular nos mobilizou, na época, no sentido de verificar o que tinha acontecido, uma vez que vinte dos alunos classificados pertenciam a uma turma que vinha desenvolvendo sua escolaridade no colégio desde a 5ª série do I Grau e, os outros cinco, ao grupo que havia cursado apenas o II Grau na escola.

Realizamos então um estudo com base em levantamento de dados sobre o desempenho escolar e o tipo de escolha dos alunos dos dois grupos, com o objetivo de verificar a participação da escola nesta classificação diferenciada, a qual parecia relacionar-se ao tempo de escolaridade dos alunos no colégio.

O resultado deste levantamento, que foi apresentado aos professores para subsidiar uma reflexão quanto à prática pedagógica desenvolvida, apontou que não se registravam diferenças significativas nas duas turmas quanto aos resultados do rendimento escolar, o que fez que se levantassem duas hipóteses a este respeito: o nível de desempenho exigido pela escola era diferente em relação a cada um dos grupos e/ou a escola não conseguia desenvolver as habilidades de pensamento a que se propunha, em apenas três anos de escolaridade, o que se refletia agora no resultado do vestibular.

No que se refere à escolha profissional parecia haver uma certa correspondência entre os resultados de escola a respeito da Informação Profissional e as escolhas realizadas. No entanto, estas evidências, por si só, não respondiam às questões mais amplas que estão implícitas na decisão por uma profissão na adolescência, uma vez que ela significa muito mais do que o preparo para o exercício de uma atividade de produção social.

Neste sentido, em relação ao grupo que havia ingressado na UFRGS no vestibular de 1986, algumas outras questões foram sendo acrescentadas por motivo de curiosidade com o tema. O que teria acontecido com estes alunos, ao longo do tempo, em relação à sua escolha profissional? O que pensariam, algum tempo depois, do significado de uma escolha? Qual seria a sua percepção sobre as experiências educacionais, escolar e acadêmica?

Com a firme convicção de que um processo de escolha profissional não termina com a decisão feita por um determinado curso, com a classificação no vestibular e com o ingresso na universidade, mas é uma construção no espaço e no tempo chegamos ao tema desta pesquisa:

"A escolha profissional na Adolescência: história de uma opção."

Este estudo se propõe investigar não só como o aluno realiza sua escolha, procurando relacioná-la com um referencial teórico a respeito do tema e com os pressupostos do currículo desenvolvido pelo colégio, como pretende verificar a contribuição das instituições educacionais, escolar e acadêmica na formação do adolescente em processo de construção de uma identidade adulta.

Desta forma, as questões básicas desta pesquisa estão assim definidas:

- 1- que fatores são decisivos para uma escolha profissional na adolescência?
- 2- como o aluno percebe o seu processo antes e depois da escolha?
- 3- qual o papel da escola em relação à escolha?
- 4- que fatores determinam a satisfação e a identificação com a escolha realizada?
- 5- a partir da escolha, que fatores favorecem a construção de uma identidade profissional?

É importante ressaltar que, apostar este estudo em um grupo que consegue atingir um nível de escolaridade de II grau e realiza uma escolha profissional de nível superior se faz importante porque, mesmo sem uma investigação mais aprofundada nesta área, o retorno para a sociedade acontece mais tarde, através do exercício das profissões. O tipo de influência que estes profissionais possam exercer na sociedade, através de suas atividades, o nível de responsabilidade social que consigam atingir, com certeza atingem uma parcela muito maior da população.

Apostar pois, neste tipo de estudo, significa, de algum modo, também considerar quem não tem a oportunidade de desenvolvimento educacional destes alunos.

Acreditamos ser da responsabilidade dos educadores, intervir

de forma mais consciente em todo este processo, buscando aprofundar os conhecimentos nesta área.

## 2.2 - DEFINIÇÃO DE TERMOS E CAMPO DE AÇÃO

Para definir os termos desta investigação procuramos nos apoiar na fundamentação de um referencial teórico que explicita, cientificamente, conceitos e idéias sobre o tema desta pesquisa, buscando integrar estes conhecimentos a uma verificação prática e aos objetivos propostos.

Desta forma a decisão foi pelos seguintes termos:

Escolha Profissional: Nesta pesquisa, refere-se às possibilidades de opção por uma profissionalização a nível universitário de alunos que concluem seus estudos de II grau; um processo longo que se inicia na infância, se desenvolve ao longo do tempo e pode sofrer alterações durante a vida, para o qual concorrem fatores internos e externos ao indivíduo.

Adolescência: Fase evolutiva na qual o indivíduo trata de estabelecer sua identidade adulta; um processo de transição da infância para o desempenho de papéis adultos na sociedade; um período do ciclo vital, sem limites fixos de idade cujo desenvolvimento depende da interação bio-psicológica e das circunstâncias de oportunidades sócio-culturais e econômicas.

Formação da Identidade: Processo de construção individual de uma situação que prevê reconhecimento pessoal e social em uma situação de continuidade, no espaço e no tempo, e inclui o exercício de uma atividade profissional.

História de uma Opção: Nesta pesquisa significam as motivações da escolha profissional, os fatores intervenientes para a decisão, pessoais e sociais, a percepção do contexto atual e as possibilidades de inserção na realidade da atividade profissio-

nal, com uma visão prospectiva e planos futuros; inclui a identificação com a profissão escolhida e a satisfação pessoal com a decisão tomada.

Instituições Educacionais: Nesta pesquisa compreende a escola e a universidade e, pode ter sentido a família que, interferem na formação individual e social e com as quais o indivíduo tem a sua personalidade comprometida, por viver grande parte de sua vida dentro delas.

A intenção em delimitar o contexto educacional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como campo de ação desta pesquisa tem como justificativa diversos fatores que estão a seguir relacionados.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem sob sua responsabilidade uma clientela de alunos de I e II graus e, fazendo parte deste contexto, tem para si os mesmos objetivos de ensino, pesquisa e extensão da instituição a que pertence.

Ainda que se caracterize como uma escola pública, sua clientela é estável e, na maioria das vezes, inicia e conclui sua formação na mesma escola, o que possibilita planejar, desenvolver e avaliar a tarefa pedagógica e educacional, ao longo do tempo, em uma prática que prevê sempre uma reflexão e uma retomada dos caminhos a seguir.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por estudos já realizados, é a mais procurada, não só pelos alunos do Colégio de Aplicação, mas por toda a comunidade onde está inserida e também por alunos vindos de outras regiões, para a realização de sua formação profissional de III grau. Esta procura parece se justificar, não só pelo fato da instituição ser pública e gratuita mas também pelo prestígio que possui junto à sociedade.

O objetivo deste trabalho de investigação que se propõe escrever a história de uma opção profissional na adolescência considera a possibilidade de acompanhamento da amostra de uma população, desde a sua formação educacional de II grau, passando pelo concurso vestibular, até a sua formação acadêmica.

O contexto escolhido permite este acompanhamento.

Ainda é preciso que se considere que, como profissional em atividade no Colégio de aplicação, escola-laboratório da universidade, temos também o compromisso de avançar nos conhecimentos educacionais, contribuindo com a extensão destes conhecimentos para outras escolas de I e II graus, para a universidade e para a comunidade em geral.

### 2.3 - INSTRUMENTOS, PROCEDIMENTOS E DELINEAMENTO

O desenho desta pesquisa que focaliza a escolha profissional na adolescência leva em conta a ocorrência deste evento como um processo e não como um fato isolado no tempo, considerando também a natureza evolutiva do período adolescente no ciclo vital. Através dele o indivíduo cresce, se desenvolve, define e redefine situações, altera ou consolida valores de vida na busca de uma identidade adulta.

Um grupo de adolescentes que realiza uma escolha profissional de III grau e ingressa na universidade toma esta decisão dentro de um processo dinâmico de desenvolvimento e a definição a nível profissional, certamente não acontece apenas com a decisão tomada. Envolve sim, uma história pessoal e anterior de desenvolvimento, o próprio evento, e uma história posterior, define ou altera a decisão tomada.

Segundo Bardin (1977) os procedimentos utilizados em uma pesquisa devem possibilitar a ruptura de um saber intuitivo e a apreensão de significados com maior rigor científico.



Assim, esta pesquisa se configura com um estudo longitudinal e os procedimentos utilizados tem como objetivos, não só aproximar teoria e prática mas, também, contribuir para o avanço dos conhecimentos já construídos a respeito deste tema.

Os instrumentos utilizados para aferir os resultados desta pesquisa são os seguintes:

- lista de conceitos finais dos alunos nas disciplinas do currículo de II grau do Colégio de Aplicação dos anos de 1983, 1984 e 1985;
- diagnóstico das Atividades de Informação Profissional do Setor de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação;
- boletim de desempenho dos alunos no Concurso Vestibular da UFRGS em 1986;
- histórico escolar do aluno DECORDI/UFRGS;
- entrevista individual dirigida.

Desta forma este estudo foi realizado considerando diferentes etapas conforme estão demonstradas no quadro abaixo (quadro I) e a seguir, explicitadas.

QUADRO I - PROCEDIMENTOS E DELINEAMENTO

| ETAPAS  | INSTRUMENTOS  | PERIODO |
|---|---|---------|
| I<br>Desempenho Escolar no<br>II grau no período de<br>1983/84/85 | - conceitos e recuperações<br>- resultados Informação<br>Profissional | 1986    |
| II<br>Desenvolvimento no Con-<br>curso Vestibular/86 -<br>UFRGS   | - Boletim de Desempenho<br>CVU/86 - UFRGS                             | 1986    |
| III<br>Desempenho na Univer-<br>sidade                            | - Histórico Escolar dos A-<br>lunos/DECORDI-UFRGS                     | 1990/2  |
| IV<br>Respostas dos alunos<br>quanto à escolha pro-<br>fissional  | - Entrevista individual   | 1991/2  |
| V<br>Integração dos resul-<br>tados                               | - Compatibilização de to-<br>dos os dados coletados                   | 1991/2  |

Etapa I - esta etapa se refere a uma história anterior a escolha profissional e compreende os resultados da avaliação do rendimento escolar de vinte e cinco alunos de uma amostra inicial, expressados em conceitos conforme critérios de avaliação do Colégio de Aplicação. Inclui também os resultados e o diagnóstico das Atividades de Informação Profissional oferecidas pela escola.

Etapa II - compreende a verificação dos resultados no concurso vestibular da UFRGS em 1986, de vinte e cinco alunos, obtidos através do Boletim de Desempenho fornecido pela Comissão Permanente de Seleção e Orientação (COPERSO) da UFRGS e foram buscados no sentido de verificar a relação existente entre desempenho escolar e desempenho no vestibular e também a relação entre diagnóstico da Informação Profissional e a área da escolha pro-

fissional.

Etapa III - compreende uma análise da situação dos vinte e cinco alunos em relação ao ingresso na universidade, tendo como base um Histórico Escolar do aluno com registros até 1990, fornecido pelo Departamento de Controle e Registro Discente (DECORDI) da UFRGS, em 1991.

Etapa IV - esta etapa se refere a realização de entrevistas com quatorze dos vinte e cinco alunos referidos nas etapas anteriores. Foi realizada no segundo semestre de 1991, passados seis anos desde o ingresso na universidade. Seu objetivo consiste em verificar as percepções dos alunos acerca de sua escolha, através da reconstituição de uma história pessoal, que inclui a experiência no Colégio de Aplicação e a experiência na universidade.

Etapa V - esta etapa busca integrar e compatibilizar todos os dados coletados anteriormente e se referem aos quatorze alunos entrevistados na etapa anterior. Esta fase procura verificar a relação entre um parecer emitido após as entrevistas sobre a situação dos alunos em relação à escolha profissional com os resultados de desempenho escolar, desempenho no vestibular, diagnóstico de Informação Profissional. Incluem-se aí também os dados sobre o nível de escolaridade dos pais, sexo e idade dos alunos e a opção por uma disciplina profissionalizante no currículo de II grau.

Este estudo, pela natureza de sua investigação, contém, em seus procedimentos, análises quantitativas e qualitativas utilizadas em separado e também integradas. Ainda que se considere a necessidade destas duas abordagens, é preciso que se tenha presente algumas considerações:

Enquanto a abordagem quantitativa baseia-se na frequência da aparição de certos elementos de um dado pesquisado e a análise se

configure como mais objetiva porque utiliza métodos estatísticos, a análise qualitativa em geral refere-se a indicadores suscetíveis de inferência envolvendo, portanto, a subjetividade. Neste caso, a presença ou a ausência de determinados índices podem se configurar em elementos muito importantes para a análise que se torna mais maleável mas nem por isto menos válida.

#### 2.4 - POPULAÇÃO E AMOSTRA

Parece já evidente que a população e a amostra que constituem os objetos de estudo de uma investigação correspondam a determinados critérios e sejam coerentes, não só com os objetivos da pesquisa realizada mas que contenham em si, nos elementos fundamentais que a compõe, a essência do que se procura investigar.

Considerando que a preocupação desta investigação é entender melhor as questões da escolha profissional na adolescência e, desta forma, contribuir com seus resultados para uma população mais abrangente, principalmente no que se refere às influências das instituições educacionais, foi fundamental, entretanto, para executar este projeto, delimitar o estudo a uma população mais restrita, mas que fosse representativa destas questões.

Assim, tendo em vista que a população alvo são os adolescentes que chegam a realizar uma escolha profissional a nível de III grau e, de forma mais indireta, os adolescentes que estão na escola, o critério básico para definir a população deste estudo foi a consideração de um grupo que, na realidade, viveu o processo de escolha na adolescência.

Neste caso específico e, por considerações já feitas, a população escolhida para participar desta pesquisa são os alunos egressos do Colégio de Aplicação em 1985, cujo ingresso na UFRGS se deu através de concurso vestibular em 1986, já concluíram seus

cursos ou se encontram ainda cursando a universidade.

No que se refere a amostra que é de vinte e cinco alunos, 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, justifica-se por pertencerem originariamente a dois grupos que fizeram seus estudos durante os três anos do II grau no Colégio de Aplicação e com os quais interagimos como orientadora educacional.

Em relação à amostra torna-se necessário que se façam algumas considerações, tendo em vista ser este um estudo longitudinal:

- a amostra inicial, constituída por vinte e cinco alunos, contém os dados escolares referentes ao período 1983/84/85;
- este número (25), é também considerado quanto aos resultados do CVU/86 e ao ingresso na UFRGS em diferentes cursos das quatro áreas do conhecimento classificadas pela instituição, conforme quadro abaixo (quadro II).

QUADRO II  
ÁREAS DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE NO VESTIBULAR/1986 - UFRGS

| Áreas           | I<br>Ciências Exatas<br>e Tecnologia | II<br>Ciências<br>Biológicas | III<br>Filosofia e Ciên-<br>cia do Homem | IV<br>Letras e<br>Artes |
|-----------------|--------------------------------------|------------------------------|--|-------------------------|
| nº de<br>alunos | 10                                   | 07                           | 06                                       | 02                      |
|                 |                                      |                              | total                                    | 25                      |

Conforme dados fornecidos pela universidade, através do Departamento de Controle e Registro Discente, até o 2º semestre de 1990, a situação inicial de ingresso havia se modificado, alterando este quadro, tanto no que se refere às escolhas feitas quanto à situação em que se encontravam os alunos em relação a universidade: ou estavam em curso na escolha realizada, ou já

haviam concluído seus cursos ou, ainda, haviam trocado de curso realizando um novo vestibular e uma nova escolha (quadro III).

QUADRO III  
SITUAÇÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE ATÉ 1990/2

|                           | Area I | Area II | Area III | Area IV |
|---------------------------|--------|---------|----------|---------|
| cursando a<br>1ª. escolha | 06     | 02      | 03       | 01      |
| curso<br>concluído        | 01     | 04      | 03       | 01      |
| troca de<br>curso         | 03     | --      | 01       | --      |

Em relação às trocas de curso foi observado que dos três alunos que trocaram de curso na área I, um deles havia feito a troca por uma escolha da área III, outro por um curso da área IV e um deles permanecia na mesma área, com uma nova escolha. No que se refere a troca de curso havida na área III, a nova escolha tinha sido por um curso da mesma área.

Assim, a amostra no 1º semestre de 1991 estava assim constituída (quadro IV):

QUADRO IV - SITUAÇÃO DA AMOSTRA EM 1991/1

|                 | I<br>Ciências Exatas<br>e Tecnologia | II<br>Ciências<br>Biológicas | III<br>Filosofia e Ciên-<br>cia do Homem | IV<br>Letras e<br>Artes |
|-----------------|--------------------------------------|------------------------------|--|-------------------------|
| nº de<br>alunos | 08                                   | 07                           | 07                                       | 03                      |

Para a realização de entrevistas como etapa final de coleta de dados houve a intencionalidade de distribuí-las, proporcionalmente, entre as quatro áreas do conhecimento, considerando o número de alunos em cada uma delas e também a situação deles em relação às novas escolhas e aos cursos.

A idéia de entrevistar todos os quatro alunos que haviam feito novas escolhas, tendo em vista as questões básicas e os objetivos da pesquisa, foi atingida apenas em parte. Houve a realização de três entrevistas e, embora as muitas tentativas de buscar realizar todas, não obtivemos, por parte de um aluno, o retorno que a viabilizasse.

Procurou-se observar uma proporcionalidade entre o número de alunos entrevistados, por área e segundo a situação de conclusão ou não do curso, em relação à primeira escolha. No entanto, tendo em vista um período diferente de duração dos cursos, esta questão foi considerada mais relevante no que se refere à etapa de análise dos dados.

As entrevistas realizadas foram em número de quatorze, de acordo com a disponibilidade pessoal dos entrevistados e segundo os critérios estabelecidos acima, foram distribuídos pelos cursos das diferentes áreas, conforme quadro abaixo (quadro V):

QUADRO V - CONFIGURAÇÃO DA AMOSTRA FINAL

|              | I                            | II                  | III                          | IV             |
|--------------|------------------------------|---------------------|------------------------------|----------------|
| Áreas        | Ciências Exatas e Tecnologia | Ciênicas Biológicas | Filosofia e Ciência do Homem | Letras e Artes |
| ng de alunos | 04                           | 03                  | 04                           | 03             |
| Percentual   | 50%                          | 42,8%               | 57%                          | 100%           |

Atingindo um percentual de 56% do total dos vinte e cinco alunos, esta amostra contém os elementos necessários para uma investigação de valor científico nesta área.

### 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: RESULTADOS

#### 3.1 - RELAÇÕES DA ESCOLA COM O VESTIBULAR

Esta análise se refere aos seguintes aspectos: relação entre desempenho escolar e desempenho no vestibular e relação entre diagnóstico de Informação Profissional e escolha profissional.

##### 3.1.1 - Desempenho Escolar e Desempenho no Vestibular

No que se refere ao desempenho escolar os dados utilizados foram as listagens de conceitos finais relativas aos vinte e cinco alunos, nas diferentes disciplinas do currículo do II grau no Colégio de Aplicação, nos anos de 1983, 1984 e 1985.

Estes conceitos estão assim definidos pela escola:

- A -> o aluno que atinge um desempenho em nível de excelência, tanto no que se refere aos aspectos cognitivos quanto aos modos de atuação;
- SM -> o aluno que atinge um desempenho em muito bom nível, tanto no que se refere aos aspectos cognitivos quanto aos modos de atuação;
- S -> o aluno que atinge um desempenho em nível básico



tanto no que se refere aos aspectos cognitivos quanto aos modos de atuação;

- NA -) o aluno que não atinge os objetivos básicos, apresentando dificuldades na aprendizagem e nos modos de atuação; deve realizar atividades de recuperação;
- I -) o aluno que não atinge o nível dos padrões propostos pela escola. Equivale à reprovação.

No que se refere ao desempenho no vestibular, foram considerados os escores brutos obtidos pelos alunos na primeira e na segunda etapas que compunham o concurso na época.

As provas da primeira etapa, com questões objetivas, eram comuns a todos os alunos e visavam avaliar conhecimentos adquiridos na área de Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa, Literatura e Língua Estrangeira), em História, Geografia, Biologia, Química, Matemática, Física, matérias do núcleo comum do II grau.

A segunda etapa do vestibular constituía-se de quatro provas conforme os diferentes grupos de curso: uma prova de Língua Portuguesa para todos os classificados para esta etapa, e outras três, conforme a opção feita. Estas tinham como objetivo aferir um conhecimento mais aprofundado e dirigido ao curso pretendido. Se referiam às mesmas matérias da primeira etapa e uma das provas continha questões analítico-expositivas.

Para possibilitar a análise estatística de correlação entre estes desempenhos, os conceitos do Colégio de Aplicação foram transformados em uma escala ordinal simples, a seguir explicitada:

- A -> 3
- SM -> 2
- S -> 1
- I -> 0

O conceito NA, que se refere às recuperações, não foi incluído na escala de desempenho acima definida. Foi trabalhado como uma nova variável que é denominada número de recuperações no Colégio de Aplicação e é definida como o número total de recuperações durante os três anos de escolaridade do II grau, em cada disciplina.

Os resultados desta análise estão assim configurados (tabela 1):

TABELA 1 - CORRELAÇÃO DO DESEMPENHO NO VESTIBULAR versus DESEMPENHO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

| Matéria no Vestibular                           | Coeficiente de Correlação do Escore no Vestibular com a(s) respectiva(s) disciplinas no 2º grau |       |               |              |
|---|---|-------|---------------|--------------|
|   | r   | P     | Significância | No de Alunos |
| Com. Expressão (L. Port+Lit+Inglês) na 1ª etapa | 0,3468  | 0,045 | *             | 25           |
| L. Portuguesa na 2ª etapa                       | 0,6769  | 0,000 | ***           | 25           |
| Inglês na 2ª etapa                              | 0,2402  | 0,302 | NS            | 7            |
| Literatura na 2ª etapa                          | 0,8290  | 0,005 | **            | 8            |
| História na 1ª etapa                            | 0,2236  | 0,141 | NS            | 25           |
| História na 2ª etapa                            | 0,1608  | 0,300 | NS            | 13           |
| Geografia na 1ª etapa                           | -0,2147   | 0,151 | NS            | 25           |
| Geografia na 2ª etapa                           | -0,8018   | 0,099 | NS            | 4            |
| Biologia na 1ª etapa                            | -0,1138   | 0,294 | NS            | 25           |
| Biologia na 2ª etapa                            | -0,3613   | 0,190 | NS            | 8            |
| Química na 1ª etapa                             | 0,5260  | 0,003 | **            | 25           |
| Química na 2ª etapa                             | 0,2725  | 0,196 | NS            | 12           |
| Matemática na 1ª etapa                          | 0,5963  | 0,001 | ***           | 25           |
| Matemática na 2ª etapa                          | 0,5784  | 0,051 | NS            | 9            |
| Física na 1ª etapa                              | 0,3931  | 0,026 | *             | 25           |
| Física na 2ª etapa                              | 0,0940  | 0,375 | NS            | 14           |
| Matérias no Vestibular                          | r   | P     | Significância | No de alunos |
| Biologia - Questões analit. expositivas         | -0,1771   | 0,337 | NS            | 8            |
| História - Questões analit. expositivas         | 0,2891  | 0,244 | NS            | 8            |
| Matemática - Questões analit. expositivas       | 0,1431  | 0,357 | NS            | 9            |

Convenção:

NS → não significativa a 5%

\* → significativa a 5%

\*\* → significativa a 1%

\*\*\* → significativa 0,01%

Considerando o número de alunos em cada uma das etapas, as provas específicas do vestibular e a convenção estabelecida no quadro de correlação, observa-se:

- em relação à primeira etapa do vestibular:
  - . o coeficiente de correlação de Comunicação e Expressão e Física é significante a 5%;
  - . Química apresenta um coeficiente de correlação a 1%;
  - . Matemática é significante a 0,01%;
  - . História, Geografia e Biologia não apresentam correlação significante de desempenhos.
  
- em relação à segunda etapa do vestibular:
  - . Literatura apresenta um coeficiente de correlação de 1%;
  - . Língua Portuguesa é significante a 0,01%;
  - . Inglês, História, Geografia, Biologia, Química, Matemática e Física não apresentam correlação significante entre os desempenhos.

Tendo em vista a primeira etapa do vestibular pode-se concluir que:

- quanto mais alto o desempenho em Matemática no colégio, melhor o desempenho no vestibular;
- existe também relação entre os desempenhos na escola e no vestibular nas disciplinas de Química, Física e em Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa, Literatura e Inglês);
- não existe relação entre os desempenhos de escola e de vestibular nas disciplinas de História, Geografia e Biologia.

Tendo em vista a segunda etapa do vestibular pode-se concluir que:

- quanto mais elevado o rendimento em Língua Portuguesa no

colégio, melhor o desempenho nesta disciplina no vestibular;

- em Literatura também existe relação entre desempenho escolar e de vestibular;
- não existe relação entre os desempenhos de escola e de vestibular nas disciplinas de Inglês, História, Geografia, Biologia, Química, Matemática e Física.

Uma análise geral destes resultados leva às seguintes conclusões:

- Língua Portuguesa é a disciplina do colégio que apresenta uma correlação mais significativa em relação ao desempenho no vestibular considerando que, na primeira etapa, está incluída na área de Comunicação e Expressão e, na segunda etapa, aparece com maior coeficiente de significância;
- Matemática é a disciplina que apresenta maior coeficiente de correlação de desempenho, considerando a primeira etapa do vestibular;
- Literatura e Química apresentam uma correlação média de desempenho na segunda etapa do vestibular;
- Comunicação e Expressão e Física apresentam um coeficiente baixo de desempenhos na segunda etapa do vestibular;
- as disciplinas de História, Geografia e Biologia não apresentam correlação entre desempenhos na primeira etapa, nem na segunda etapa;
- as questões analítico-expositivas de Biologia, História e Matemática não apresentam correlação de desempenho;
- as disciplinas que apresentam maior coeficiente de correlação de desempenho são Língua Portuguesa e Matemática;
- as disciplinas que apresentam coeficiente médio de correlação de desempenho são Literatura e Química;
- há correlação baixa e semelhante em Comunicação e Expressão e Física;

- as disciplinas que apresentam coeficiente de correlação significativo nas duas etapas, em diferentes níveis, pertencem às áreas científica e humanística do conhecimento.

TABELA 2 - CORRELAÇÃO DO DESEMPENHO NO VESTIBULAR versus NÚMERO DE RECUPERAÇÕES NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

| Matéria no Vestibular                           | Coeficiente de Correlação do Escore no Vestibular com a(s) respectiva(s) disciplinas no 2º grau |       |               |              |
|---|---|-------|---------------|--------------|
|   | r   | P     | Significância | No de Alunos |
| Com. Expressão (L. Port+Lit+Inglês) na 1ª etapa | -0,2032   | 0,165 | NS            | 25           |
| L. Portuguesa na 2ª etapa                       | -0,5935   | 0,001 | * * *         | 25           |
| Inglês na 2ª etapa                              | 0,4556  | 0,152 | NS            | 7            |
| Literatura na 2ª etapa                          | -0,7504   | 0,016 | *             | 8            |
| História na 1ª etapa                            | 0,1485  | 0,239 | NS            | 25           |
| História na 2ª etapa                            | -0,2655   | 0,190 | NS            | 13           |
| Geografia na 1ª etapa                           | -0,3027   | 0,071 | NS            | 25           |
| Geografia na 2ª etapa                           |   |       |               |              |
| Biologia na 1ª etapa                            | 0,0614  | 0,385 | NS            | 25           |
| Biologia na 2ª etapa                            | 0,2465  | 0,278 | NS            | 8            |
| Química na 1ª etapa                             | -0,3665   | 0,036 | *             | 25           |
| Química na 2ª etapa                             | 0,1661  | 0,303 | NS            | 12           |
| Matemática na 1ª etapa                          | -0,5540   | 0,002 | * *           | 25           |
| Matemática na 2ª etapa                          | -0,7564   | 0,009 | * *           | 9            |
| Física na 1ª etapa                              | -0,4633   | 0,010 | * *           | 25           |
| Física na 2ª etapa                              | 0,1121  | 0,351 | NS            | 14           |

Convenção:

NS ⇒ Não significativa a 5%

\* ⇒ significativa a 5%

\* \* ⇒ significativa a 1%

\* \* \* ⇒ significativa a 0,1%

Considerando o número de recuperações nas diferentes disciplinas no colégio, o desempenho no vestibular e a convenção estabelecida no quadro de correlação, observa-se:

- em relação à primeira etapa do vestibular:
  - . Matemática e Física são significantes a 1%;
  - . Química é a disciplina que apresenta significância a 5%;
  - . Comunicação e Expressão, História, Geografia e Biologia: não é significativa a correlação entre número de recuperações e desempenho no vestibular.
  
- em relação à segunda etapa do vestibular:
  - . Língua Portuguesa é significativa a 0,1%;
  - . Matemática tem um índice de correlação de 1%;
  - . Literatura é a disciplina que apresenta um coeficiente de correlação a 5%;
  - . Inglês, História, Biologia, Química e Física não apresentam coeficiente de correlação significativo.

Tendo em vista o número de recuperações no colégio e o desempenho na primeira etapa do vestibular pode-se concluir que:

- quanto menor o número de recuperações no colégio, nas disciplinas de Matemática e Física, melhor o desempenho no vestibular;
- é também significativo, ainda que em nível mais baixo, que quanto menos recuperações em Química melhor é o resultado no vestibular.

No que se refere à segunda etapa pode-se concluir que:

- é tanto mais significativo o resultado no vestibular em Língua Portuguesa, quanto menor for o número de recuperações no colégio nesta disciplina;
- Matemática é a disciplina que apresenta resultados de correlação média entre o baixo número de recuperações na

escola e melhor desempenho no vestibular;

- é também significativo, ainda que em nível mais baixo, que quanto menos recuperações em Literatura no colégio, melhor o desempenho no vestibular.

Considerando-se estes resultados pode-se concluir que:

- quanto menor o número de recuperações em Língua Portuguesa no colégio, mais alto o desempenho no vestibular, considerando-se a segunda etapa do vestibular;
- em Matemática é significativa a correlação existente tanto na primeira quanto na segunda etapa do vestibular;
- existe também correlação média entre um baixo número de recuperações no colégio e melhor desempenho no vestibular nas disciplinas de Física na primeira etapa;
- Química também apresenta um coeficiente considerado significativo, ainda que em nível mais baixo entre número de recuperações e desempenho no vestibular;
- não apresentam correlação significativa as disciplinas de História, Geografia e Biologia.

Uma análise geral da relação entre desempenho escolar e desempenho no vestibular permite que se chegue às seguintes conclusões:

- existe maior relação entre desempenho escolar e no vestibular na disciplina de Língua Portuguesa, o que significa dizer que, quanto melhor o desempenho no colégio, melhor o desempenho no vestibular. Este resultado é claro e mais evidente na segunda etapa do vestibular, tanto no que se refere às médias obtidas pelos alunos como também no que se refere a um menor número de recuperações no colégio. A análise da correlação existente na primeira etapa do vestibular nesta disciplina fica prejudicada pois que, seus resultados aparecem integrados à área de Comunicação e

Expressão;

- a disciplina de Matemática é a que parece guardar maior coerência entre desempenhos de escola e de vestibular, tanto no que se refere às médias obtidas, quanto à relação entre um baixo número de recuperações no colégio e melhor desempenho no vestibular;
- existe ainda relação considerada significativa nas disciplinas de Química, Física e Literatura, tanto no que se refere às médias obtidas no colégio e no vestibular quanto a um baixo número de recuperações e sua relação com um melhor desempenho no vestibular. Estes resultados constam dos dois quadros de análise e se referem às duas etapas do vestibular;
- não há relação entre desempenhos de escola e de vestibular nas disciplinas de História, Geografia e Biologia;
- é importante salientar que, tanto no que se refere aos resultados que são significantes, quanto àqueles que não são significativos na relação entre desempenhos, constam disciplinas das duas grandes áreas do conhecimento: Exatas e Humanística.

### 3.1.2 - Diagnóstico de Informação Profissional e Escolha Profissional

Um diagnóstico de Informação Profissional nasce como resultado de atividades oferecidas e realizadas, sistematicamente, pelo setor de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação com os alunos do II grau e tem como objetivo auxiliá-los no seu processo de escolha profissional.

Estas atividades são realizadas em dois níveis: procurando favorecer o encontro do aluno consigo mesmo, através de situações que motivem a reflexão e a busca do auto-conhecimento, e também se referem a informações sobre o contexto das profissões. São



desenvolvidas em grupo e individualmente.

Neste trabalho se considera a influência de múltiplos fatores como intervenientes para o processo decisório. Entende-se que, faixa etária, desempenho escolar, experiências extra-escola, interesses, habilidades, influências e expectativas familiar e social, conhecimento de cursos e profissões, status social da profissão até as questões econômicas e financeiras e o mercado de trabalho, são relevantes e interferem na decisão. Todos estes fatores devem ser analisados e ponderados pelos alunos para que a escolha possa emergir, como uma decisão consciente e realizada com base na realidade.

O final deste processo prevê entrevistas individuais, tantas quantas forem necessárias, para a decisão do aluno e envolvem, na questão da escolha profissional, o seu significado mais abrangente em termos de escolha de vida.

Os dados que compõem o Diagnóstico de Informação Profissional são manifestações aleatórias e intencionais, objetivas e subjetivas em relação à escolha, registradas durante a escolaridade do aluno e reunidas em uma ficha síntese específica.

O diagnóstico considera em seu resultado, as duas grandes áreas do conhecimento: Científica e Humanística.

Ainda que a maioria dos alunos aceite realizar esta programação, há alguns que prescindem dela. Neste sentido, podem ser levantadas duas hipóteses: ou estas atividades não possuem ainda uma abordagem que motive a todos os alunos ou, é muito difícil para alguns adolescentes, dependendo de seu estágio de desenvolvimento, confrontarem-se com esta situação de escolha, porque ela implica em outras definições de vida, para as quais eles talvez não se sintam preparados.

curso por quatro áreas do conhecimento que são: Ciências Exatas e Tecnologia, Ciências Biológicas, Filosofia e Ciência do Homem, Letras e Artes.

Para possibilitar uma análise de relação entre Diagnóstico e Escolha Profissional, considerou-se as duas primeiras como pertencendo à área Científica do Conhecimento e as duas últimas fazendo parte da área Humanística do Conhecimento. Desta forma, as escolhas dos alunos foram agrupadas de acordo com estas duas áreas e a relação que se estabeleceu entre Diagnóstico e Escolha Profissional ficou assim estabelecida (quadro VI):

QUADRO VI  
 RELAÇÃO ENTRE DIAGNÓSTICO DE INFORMAÇÃO PROFISSIONAL E ÁREA DE  
 ESCOLHA NO VESTIBULAR/1986 - UFRGS

| Diagnóstico      |             | Escolha  |   |
|------------------|-------------|--|---|
| Número de Alunos | Áreas       | Ciências Exatas / Tecnologia / Ciências Biológicas | Filosofia e Ciência do Homem / Letras e Artes |
| 15               | Científica  | 14 alunos  | 01 aluno                                      |
| 07               | Humanística | 01 aluno   | 06 alunos                                     |

Observação: Três alunos não realizaram atividades de Informação Profissional.

Observa-se em relação a estes dados que:

- dos vinte e cinco alunos que ingressaram na universidade em 1986, vinte e dois haviam realizado atividades de Informação Profissional;
- quinze alunos tinham diagnóstico para a área científica e um deles realizou sua escolha por um curso da área humanística;
- dos sete alunos com diagnóstico para a área humanística, um deles fez a escolha por um curso da área científica.

Considerando, entretanto, dados fornecidos pelo Departamento

de Controle e Registro Discente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1991, novas escolhas tinham sido realizadas por quatro dos vinte e cinco alunos desde o seu ingresso em 1986. A situação se alterou, apresentando, então, os seguintes resultados de relação entre Diagnóstico e Escolha Profissional (quadro VII).

QUADRO VII  
 RELAÇÃO ENTRE DIAGNÓSTICO DE INFORMAÇÃO PROFISSIONAL E  
 ÁREA DE ESCOLHA NO VESTIBULAR - SITUAÇÃO EM 1991/1

| Diagnóstico      |             | Escolha  |   |
|------------------|-------------|--|---|
| Número de Alunos | Áreas       | Ciênicas Exatas / Tecnologia / Ciências Biológicas | Filosofia e Ciência do Homem / Letras e Artes |
| 15               | Científica  | 13 alunos  | 02 alunos                                     |
| 07               | Humanística | --   | 07 alunos                                     |

Em relação a estes dados observa-se que:

- um aluno que tinha diagnóstico para a área científica fez uma nova escolha por um curso da área humanística;
- um aluno que havia realizado a escolha por um curso da área científica com diagnóstico para a área humanística, fez sua nova escolha para a área diagnosticada;
- considerando-se que houve quatro novas escolhas, as outras duas foram por cursos da mesma área da primeira etapa e de acordo com o diagnóstico.

Estes dados permitem concluir que existe relação entre o Diagnóstico de Informação Profissional da Escola e a Escolha Profissional realizada pelos alunos.

Pode-se dizer que existe uma total relação entre os diagnósticos para a área Humanística e as escolhas feitas e uma menor relação entre diagnóstico para a área Científica e as opções realizadas.

Uma análise geral sobre os resultados de escola e de vestibular levam a conclusão que existe relação entre eles, tanto no que se refere ao desempenho em algumas áreas do conhecimento, quanto às atividades específicas de orientação vocacional.

### 3.2 - ENTREVISTAS

As entrevistas foram criadas tendo em vista reconstruir a história da opção profissional, desde a época da decisão até a data da realização das mesmas. A trajetória percorrida pelos alunos, desde a formação escolar até a sua experiência acadêmica fazem parte desta história e, sem dúvida, este conhecimento favorece uma percepção da situação destes alunos em relação às questões de sua escolha profissional.

Tendo em vista que fatores internos e pessoais, externos e sociais, contribuem não só para a decisão mas para a possibilidade de uma identificação profissional e resultam na satisfação com a decisão tomada, se buscou, nas entrevistas, a compreensão desta história.

Considerando todos estes aspectos foi criada uma base para o estudo das entrevistas que está a seguir explicitada:

- quanto ao conteúdo:

- . estrutura conceitual -> referencial de idéias que explicitam o significado da escolha profissional na adolescência;
- . contextualização de dados -> análise da situação individual e geral das escolhas, com base na estrutura conceitual e nos discursos das entrevistas.

- quanto à dinâmica:

- . horizontalidade -> análise de fatores pessoais, institucionais e sociais de opção profissional;
- . verticalidade -> situação anterior, realidade atual e

- . Prõspectsãõ futura quanto ao exercício da profissãõ;
  - . individualizaçãõ -> posições e significados pessoais quanto à escolha realizada;
  - . generalizaçãõ -> caracterizaçãõ extensiva das respostas coincidentes e semelhantes, por categorias.
- quanto aos temas:
- . história e motivaçãõ da escolha;
  - . influênciã familiar;
  - . influênciã escolar;
  - . outros fatores de influênciã;
  - . exercício da profissãõ, hoje;
  - . percepçãõ da profissãõ no atual contexto;
  - . experiênciã na universidade.

Desta forma, as entrevistas constaram das seguintes questões:

- 1- O que te levou fazer a escolha profissional para o vestibular/1986 e o que aconteceu com esta escolha?
- 2- Fala sobre a tua experiênciã no colégio e o que esta experiênciã representou na tua escolha.
- 3- Falando sobre a tua família, ela teve ou não influênciã na tua escolha?
- 4- Que outras influênciãs ou fatores identificas na tua escolha?
- 5- O que representa para ti, hoje, o exercício de uma profissãõ?
- 6- Como percebes a tua profissãõ no atual contexto sócio-político e econômico?
- 7- Após tua experiênciã como aluno universitário o que tens a dizer da universidade?

A questão 1 teve como objetivo evocar a memória do aluno para a reconstrução de sua história pessoal e buscou o enfoque

global da situação em relação à escolha profissional.

A questão 2, que se refere à escola, buscou coletar dados da experiência educacional como um todo e não só no que se refere à influência direta para a escolha, uma vez que se compreende sua interferência como mais abrangente na formação do adolescente.

As questões 3 e 4 buscaram particularizar os fatores de influência e desta forma, aprofundar, confirmar ou não estes fatores como intervenientes na decisão.

As questões 5 e 6 se referiram à percepção do exercício da profissão em termos de valores e expectativas e procuraram conduzir a uma análise de mercado de trabalho, de aspectos sociais, políticos e econômicos relacionados à escolha realizada. Tiveram, ainda, como objetivos, motivar respostas que revelassem não só a percepção da realidade mas as possibilidades de inserção pessoal no contexto profissional e social.

A questão 7 buscou respostas quanto à contribuição da universidade na formação de uma identidade profissional e a participação do aluno neste processo.

Foram realizadas entrevistas com quatorze alunos. Destes, onze haviam feito uma única escolha profissional e três haviam trocado de curso no período compreendido entre 1986 e 1991.

Abaixo, a relação das entrevistas realizadas:

- 1- Artes Plásticas
- 2- Medicina
- 3- Comunicação Social: Publicidade e Propaganda
- 4- Ciência da Computação
- 5- Odontologia
- 6- Ciências Econômicas
- 7- Comunicação Social: Jornalismo

- 8- Engenharia de Minas
- 9- Artes Cênicas
- 10- 1ª escolha: Medicina Veterinária  
2ª escolha: Ciências Biológicas
- 11- 1ª escolha: Arquitetura  
2ª escolha: Artes Plásticas
- 12- Ciências Contábeis
- 13- 1ª escolha: Física  
2ª escolha: Comunicação Social: Publicidade e Propaganda
- 14- Ciências Jurídicas e Sociais

A análise realizada buscou a compreensão destas histórias de opção profissional, procurando contextualizá-las, no espaço e no tempo, através de deduções, inferências e interpretações qualitativas. Esta análise resultou na emissão de pareceres que tiveram como referências a fundamentação teórica desta pesquisa, os critérios estabelecidos como base para o estudo das entrevistas e a nossa experiência como orientadora educacional, uma vez que este procedimento faz parte de nossa atividade profissional cotidiana.

Para facilitar a leitura e a compreensão da análise destes dados, as entrevistas estão identificadas por número e organizadas de forma seqüencial, de acordo com às datas em que foram realizadas. Aparece, em primeiro lugar, a síntese das entrevistas, por tópicos, logo a seguir os pareceres emitidos sobre cada uma delas e, por último, um parecer de categorização quanto ao processo de construção da identidade profissional.

### 3.2.1 - Sínteses e Pareceres

Entrevista número 01

Curso: Artes Plásticas

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 23 anos

- A mãe é professora e tem um irmão que fez publicidade.
- Pensa que a tendência da família é para a área humana.

#### Outros fatores de influência

- Já fotografava quando fez um semestre de intercâmbio estudantil e morou um semestre nos Estados Unidos.
- Viagem foi importante também neste sentido.

#### Exercício da profissão hoje

- Representa ser alguém, especializado em alguma coisa.
- Fazer o que se quer, da melhor maneira possível.
- Também financeiramente, receber bem pelo que se faz.
- Ser reconhecido pelo mercado; ter mercado.
- Trabalhar por conta própria.
- Curso que vai fazer pode preparar para isso.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- A maior parte dos profissionais é pouco preparada; maioria é autodidata.
- Em Porto Alegre não há cursos de especialização a nível superior.
- Mercado de trabalho até existe.
- Profissional bem preparado é valorizado.
- Por aqui, o nível técnico e artístico é muito pobre.

#### Experiência na Universidade

- É uma bagunça, pobre, gasta dinheiro em besteira.
- Há falta de material; estúdios são poucos e difíceis de usar.
- Tem bons professores, mas há também alguns mal preparados, desinteressados e apadrinhados.
- As cadeiras que sã funcionam durante o dia atrasam a vida.
- Para quem precisa trabalhar e estudar, os horários atrapalham.
- Os professores não gostam de dar aulas à noite.



## Parecer sobre a entrevista número 1

O interesse direcionou a escolha e, no seu caso, o interesse específico por fotografia parece ter sido resultado da experiência no colégio, com a realização de uma disciplina profissionalizante específica no segundo ano do segundo grau.

Suas ponderações para a decisão se deram sempre neste sentido e outros dois cursos analisados por ele, como hipóteses de escolha na época, foram descartados por envolver mais a técnica fotográfica e, Artes, oferecer a possibilidade de uma formação estética.

A preferência pela área humana aparece na sua formação familiar onde teve contato com a atividade através do pai e também por si mesmo, em viagem que realizou. Esta preferência é percebida como influência na sua formação, uma vez que os familiares exercem atividades profissionais dentro desta área do conhecimento. Esta preferência também é constatada na sua formação escolar, quando diz que não gostava de ciências exatas, embora não tivesse dificuldades.

Atribui à escola não só o direcionamento para a profissão, mas a certeza da escolha e, parece valorizar sua experiência quando relata que o tempo de colégio foi bom porque pensar era importante e, também, quanto ao conhecimento específico de fotografia, o qual refere ser do mesmo nível do seu curso superior.

Se observa alguma preocupação com o retorno financeiro da profissão, pela procura de uma especialização em fotografia comercial, porque "só de arte não se vive". No entanto, não fica claro se esta preocupação é mais recente ou foi considerada desde a sua escolha. De todo modo, não aparece como uma necessidade imediata.

Esta oportunidade de especializar-se, continuar os estudos

fora do país, sem necessidade de trabalho imediato, é possível e reconhecida por ele como decorrente do apoio e respaldo financeiro que a família fornece.

Constata-se, por isso mesmo, que sua preocupação imediata é, ainda, a nível de estudos e as questões de trabalho na profissão são colocadas de forma mais genérica.

Parece colocar no curso que vai fazer, a expectativa de um conhecimento que lhe permita ser reconhecido pessoal e socialmente através da profissão. Neste sentido, diz que o exercício da profissão representa ser alguém, especializado em alguma coisa, ser reconhecido pelo mercado e ter mercado. Esta idéia sugere que a identidade profissional passa também, pelas questões pessoais de reconhecimento social.

Em geral, parece satisfeito com sua escolha e se encontra ainda em processo de formação profissional.

Valoriza a profissão escolhida e relaciona as oportunidades de mercado de trabalho a questões de competência e ao conhecimento na profissão.

De um modo geral, parece satisfeito com sua trajetória e, mesmo que aponte falhas quanto à formação profissional recebida na faculdade, reconhece aspectos positivos.

Embora não seja o seu caso, parece ter consciência que, em geral, as pessoas que precisam trabalhar e estudar não encontram, por parte da universidade, o favorecimento desta oportunidade por questões de organização e horários da instituição.

Entrevista número 02

Curso: Medicina

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

#### Motivação e história da escolha

- Não sabe bem o que motivou, gostava de biologia e se encantava com medicina.
- Na época do vestibular teve dúvidas de colocar a opção, embora tivesse certeza da escolha.
- Gostava porque lida com pessoas, descobrir a cura.
- Está satisfeita com a escolha; faculdade no início é chata, depois é boa.
- Conclui próximo ano, está fazendo estágios finais.
- Desde a infância queria ser médica de nenê.
- Está participando de uma pesquisa na área de psiquiatria; a única convidada com este nível de estudos. Gosta muito e é bom profissionalmente.
- Tudo o que faz, faz com entusiasmo, se dedica intensamente. Já é conhecida na faculdade por isto.
- Gosta de ler sobre psiquiatria; é um prazer.
- Na hora da opção pensou que só tinha 16 anos e que ainda poderia mudar. Acha que vai se dar bem na profissão.
- Hoje, se não fosse isso, talvez relações públicas.

#### Experiência no Colégio

- Influência direta nenhuma; indireta: não ter medo, ter segurança para fazer medicina. Uma boa base.
- "Morre" de saudades do colégio; uma vez por mês se encontra com os colegas e é ótimo.
- Experiências dos laboratórios eram fantásticas.

### Influência Familiar

- Nenhuma, a decisão foi dela.
- O pai ficou muito feliz com a escolha e sempre quis ter uma filha médica.

### Outros fatores de influência

- Basicamente a curiosidade.
- Tem uma prima que é médica mas não se relaciona com ela.
- Tem o pai e a mãe como modelos de responsabilidade e valorização do trabalho. Disciplinados, responsáveis, procuram fazer as coisas bem feitas.

### Exercício da profissão hoje

- Liberdade, ser "dona do nariz", não depender dos outros para viver.
- Poder ajudar alguém e ajudar a si mesmo.
- Trabalhar é importante, a questão financeira também.
- Saber bem uma área, saber bem o que está fazendo, ter bastante conhecimento na área que escolheu.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Meio difícil. Fonte de emprego não é fácil; mesmo que digam que para os bons tem lugar, não é bem assim.
- Financeiramente, retorno é demorado.
- Socialmente a profissão anda desgastada. Maus médicos contribuem para isso. Com pessoas idosas o status do médico prevalece.

### Experiência na Universidade

- Tem muito de desorganização e dão prioridades a coisas irrelevantes.
- Deveriam oferecer mais cursos de cunho social, nas diferentes

- áreas. A PROREXT está fazendo alguma coisa neste sentido.
- Cursos muito baratos, o pessoal não valoriza.
  - No curso básico, há muito período vago e algumas disciplinas são dadas muito cedo. Não sabe em que ordem faria o currículo.
  - Há pouco procurou um professor que deu aulas nos primeiros semestres porque tinha dúvidas em uma disciplina atual e precisava destes conhecimentos. O professor ficou contente, disse que as pessoas deveriam fazer isto; é importante para a profissão.

#### Parecer sobre a entrevista número 2

Relaciona sua escolha com características pessoais como curiosidade, saber de onde vêm as doenças, descobrir a cura e também com o interesse por uma disciplina escolar a nível de II grau. Relaciona também com o interesse manifestado pela profissão desde a infância, ainda que fantasiado.

Sua insegurança na hora de afirmar a decisão por ocasião do vestibular parece, por isso, ter se prendido mais à questão da idade na época e a sua pouca experiência de vida. Reconhece facilidade para relacionar-se com as pessoas quando diz que se não fosse isso, seria relações públicas.

A influência atribuída aos pais, os quais diz ter como modelo, é a da responsabilidade, valorização do trabalho, fazer as coisas bem feitas. Ainda que diga que não houve interferência da família, diz também que o pai ficou muito feliz com a escolha e sempre quis ter uma filha médica. A expectativa da família, implícita e atendida, parece ter sido também no que se refere a valores de vida.

Atribui à sua experiência na escola uma influência indireta, o fato de ter recebido uma boa base, não ter medo e possuir segurança para realizar o curso. Manifesta saudades e carinho

pelo colégio e pelos colegas, com quem ainda mantém vínculo. Neste sentido, pode-se dizer que valoriza os aspectos do conhecimento, competência e afetividade de sua formação educacional.

Parece sentir-se valorizada por ter sido convidada a participar agora de uma equipe com estudos mais avançados e por ser conhecida no curso que realiza, pelo fato de fazer as coisas bem feitas, com entusiasmo.

Valoriza as relações humanas, preocupa-se com o aspecto social da profissão escolhida, com as relações de ajuda aos outros e a si própria, com a imagem do profissional e do status também proveniente da competência.

Parece identificada com as atividades do curso e da profissão e tem uma visão consciente das possibilidades que a sociedade hoje oferece neste sentido. O exercício da profissão representa hoje, para ela, liberdade, autonomia, independência pessoal e financeira.

Sua crítica à instituição universitária acontece quanto à seqüência curricular, preocupa-se e sugere atividades de cunho social, ainda que reconheça que a mesma já está fazendo alguma coisa neste sentido.

Ao relatar que procurou solucionar dúvidas de uma disciplina dos primeiros semestres e relatar também que o professor havia gostado, que isto era bom para a profissão, parece confirmar o que ela refere como características pessoais suas de curiosidade, gosto pelo conhecimento. Ainda parece relacionar-se com outras características, como de ter contribuído para um sentimento de satisfação neste professor, assim como deve ter provocado no pai este mesmo sentimento quando da escolha da profissão, por ele esperada.

Parece valorizar a opinião do outro a respeito de si própria.

para a construção de uma imagem positiva, tanto no âmbito das relações pessoais, quanto profissionais. No entanto, ao corresponder às expectativas familiares, educacionais e sociais, parece harmonizar e compatibilizar sua atuação com interesses e necessidades pessoais de crescimento.

Constata-se que a aluna parece estar segura e satisfeita com a escolha que realizou, com seu desempenho como aluna na faculdade e, numa visão prospectiva, como profissional. Quanto a isto diz: "Acho que vou me dar bem".

Entrevista número 03

Curso: Comunicação Social - Publicidade e Propaganda

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 23 anos

Motivação e história da escolha

- Não lembra a época da decisão: um ano ou seis meses antes do vestibular.
- Queria algo relacionado com fotografia como técnica; por isso escolheu Publicidade.
- Não gosta de artes.
- Disciplina profissionalizante no colégio foi importante para a decisão.
- Primeiro lugar no vestibular, na área.
- Acha que estava certa na escolha, fora as condições do curso.
- Disciplinas no curso, em relação à fotografia, eram de nível abaixo do 2o. grau e que ela já havia aprendido.
- Após concluir o curso, fez estágio de três meses em empresa de publicidade para descobrir como era este trabalho.
- Estágio foi realizado em redação. Decidiu que não gostou.
- Redação ou criação de arte não era o que queria.
- Fez algum trabalho de fotografia, mas acha que não vai sobrevi-

ver com isto.

- Quando estudava inglês, após a faculdade, foi convidada a fazer a publicidade do curso, o que fez por um ano.
- Foi convidada para ser monitora das aulas.
- Também ganhou uma bolsa de estudos de Inglês para um mês na Europa. Ficou mais três meses viajando. Gostou como experiência. Nesta época, pediu demissão do trabalho de publicidade.
- Retornou para o mesmo curso, faz pesquisa em troca das mensalidades e é monitora.
- Atualmente é também professora de inglês em um outro curso.
- Pretende fazer mestrado em Literatura Anglo-Americana.

#### Experiência no Colégio

- Tinha pavor de Artes e Teatro; pegou até recuperação.
- Nas demais disciplinas seu rendimento era homogêneo; não gostava de Inglês e Português.
- Gostava de Química pelo professor; de Física e Biologia.
- Colégio era bom nas aulas de laboratório e fraco na área de Letras.
- Nunca pensou em fazer um curso com o que gostava na escola porque não tinha o que fazer com isto.
- Não sabia que gostava, mas hoje gosta de ser professora.
- Gosta de alunos já universitários; não gosta de criança e adolescente.
- Descobriu gostar de Inglês depois que saiu do colégio.

#### Influência Familiar

- Não interferiu na escolha.
- A família sabia que fotografia e Publicidade não tinham futuro.
- Mãe é socióloga, pai é professor universitário, com formação em Engenharia Civil.



### Motivação e história da escolha

- Artes plásticas era o curso com mais cadeiras de fotografia.
- Disciplina profissionalizante do colégio direcionou nesta área.
- Publicidade e Arquitetura também tinham fotografia, mas Artes se preocupava com a formação estética.
- Faculdade também proporcionou contato com o meio artístico.
- Nunca se arrependeu de ter feito esta escolha.
- Fez licenciatura porque não existia bacharelado.
- No curso não aprendeu praticamente nada de fotografia; aprendeu mais no colégio e em outros cursos.
- Aprendeu também com colegas, embora tenha tido aulas que foram úteis.
- Concluiu o curso em dezembro de 1990.
- Vai para os Estados Unidos fazer um curso de dois anos em fotografia comercial; só de arte, não se vive.
- Espera que este curso ofereça mais possibilidades.

### Experiência no Colégio

- Já gostava de fotografia e a disciplina profissionalizante o direcionou e o fez ter mais certeza.
- O tempo de colégio foi bom; não tinha "decoreba", pensar era mais importante.
- Também não gosta de ciências exatas, embora não tenha dificuldades.

### Influência Familiar

- A família sempre foi aberta quanto à sua escolha.
- Sempre recebeu apoio em todos os sentidos, inclusive financeiro.
- O pai teve uma agência de viagens, sempre gostou de máquinas fotográficas.

### Outros fatores de influência

- Gosta de trabalhar com grupos e com gente.

### Exercício da profissão hoje

- Como professora de Inglês, uma responsabilidade que a maior parte não leva a sério. Um surfista que saiba Inglês, pode dar aulas.
- Não sabia que gostava de ensinar e ver os outros aprenderem.
- Gosta muito de dar aulas, principalmente para iniciantes.

### Percepção da profissão no atual contexto

- O Brasil é uma catástrofe. As pessoas não têm dinheiro.
- Com esta crise diminuiu a publicidade e as escolas de Inglês decresceram nos últimos anos.
- Por outro lado tem gente querendo ir embora do Brasil.
- Interessa a ela voltar a fazer marketing.

### Experiência na Universidade

- A Comunicação em si é uma bagunça.
- É um emprego para os professores e não há controle algum.
- Alguns poucos professores queriam trabalhar; é quando acontece alguma coisa boa.
- Poucas aulas ou, às vezes, nenhuma.
- Aluno que quiser pode aprender por conta própria; biblioteca e laboratórios ajudam.
- Há disciplinas que parecem não se relacionar com nada.
- Fez monitoria por algum tempo e foi o pacto da mediocridade.
- Em relação a tudo isto, sentimento de impotência.
- Os horários eram o caos. Parece que já mudou.
- Mesmo que a universidade seja boa, depende do aluno.
- Influência da universidade para a formação de um bom profissional é pouca.

### Parecer sobre a entrevista número 3

A aluna parece ter levado em conta, na época, para a escolha, o gosto por uma atividade especial oportunizada por uma disciplina opcional, desenvolvida no 2o. ano do II grau.

Os fatores relacionados a mercado de trabalho e retorno financeiro necessários à sobrevivência parecem ter aparecido mais tarde, durante ou após o curso, ainda que a família tenha apontado estas questões antes da realização do curso.

Não se observa relação entre as disciplinas de sua preferência no colégio (ciências exatas e biológicas) e a escolha feita, a não ser no que diz respeito à disciplina específica de fotografia, oferecida no currículo escolar como enriquecimento.

O curso e algumas atividades pertinentes à profissão escolhida, como redação e criação de arte foram experienciados pela aluna durante um estágio após a conclusão do curso. Não despertaram seu interesse pela profissão, embora diga ter gostado de realizar um trabalho de marketing por algum tempo, já como profissional.

As circunstâncias parecem tê-la levado a descobrir interesse por outra atividade profissional. O gosto por ensinar e ter ao mesmo tempo algum retorno financeiro parece ter sido importante para ela. A sua valorização como pessoa nesta atividade, primeiro como aluna que foi destacada com uma bolsa de estudos e também um convite para monitoria parecem ter influenciado também nesta motivação. Parece orgulhosa de seu desempenho cognitivo.

As atividades hoje desempenhadas como professora e que se caracterizam por um trabalho que prevê a relação direta com pessoas e grupos e pressupõe exposição da figura do profissional nesta relação, parecem também ter sido desenvolvidas ao longo do tempo, depois de concluído o 2o. grau. Isto porque em sua expe-

riência no Colégio de Aplicação, as disciplinas que oportunizam o desenvolvimento desta habilidade, e toda a área humana não despertavam interesse.

Embora não faça nenhuma referência a uma possível relação entre a profissão do pai, professor universitário com formação de engenheiro civil, e sua atual situação com formação em publicidade e professora de Inglês, pode-se levantar a hipótese de uma influência neste sentido.

Parece ainda ambivalente em relação ao exercício da profissão. Ao mesmo tempo em que fala em responsabilidade e competência referindo-se à profissão de professora de Inglês e pretende fazer um curso de mestrado em Literatura Anglo-Americana, refere, em outro momento da entrevista, que ainda pretende fazer marketing, uma atividade de seu curso universitário já concluído.

Esta ambivalência aparece também quando ao analisar o atual contexto sócio-político e econômico refere que a atual crise afeta as duas atividades profissionais que por ela estão sendo experimentadas.

Sua crítica à universidade e ao curso, ainda que prenda-se objetivamente a questões de estrutura de organização, competência e responsabilidade dos professores, enfatiza a responsabilidade do aluno na sua formação. Neste sentido, parece referir a si própria na descoberta de alternativas que preencham necessidades pessoais e profissionais. Estas necessidades parecem passar também pelo desenvolvimento de uma atividade com gosto, competência e responsabilidade com retorno financeiro para a sobrevivência.

Entrevista número 04

Curso: Ciência da Computação

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- Escolha foi feita uma semana antes do vestibular. Estava em dúvida entre Engenharia Elétrica e Computação.
- Estava ligado em Computação desde que havia feito a disciplina profissionalizante de Processamento de Dados no 2o. ano do colégio e gostou muito.
- Informações sobre as atividades do profissional na escola também ajudaram a decidir.
- Depois de um semestre de curso confirmou sua escolha. Era o que queria.
- Com 19 anos, saturou de estudar, trancou matrícula por um ano.
- Viajou para a Europa com o dinheiro da passagem e para pouco tempo de sobrevivência. Trabalhou como bar-man em um "pub" londrino e como lavador de pratos em um hotel.
- Foi a primeira experiência de procurar emprego para sobreviver e válida porque conheceu pessoas, se relacionando de modo diferente.
- O que dava segurança na experiência era saber que por aqui teria as coisas resolvidas; a faculdade estava garantida.
- Antes, foi estagiário no local onde a mãe é Engenheira Civil e também participou de pesquisa na faculdade com bolsa do CNPq.
- Regressou um ano depois para concluir o curso.
- Na volta, demorou para integrar-se novamente com os estudos. Havia perdido seu grupo de colegas.
- Decidiu morar sozinho, em um apartamento que era da mãe.
- Ao mesmo tempo, com mais alguns colegas, conseguiu trabalho no sistema de computação de uma empresa.

- Ao concluir a faculdade, fez concurso para uma empresa multinacional; passou e foi para São Paulo fazer um curso na própria empresa.
- O curso da UFRGS é um bom curso; oferece boa capacitação profissional.
- Trabalha ainda na mesma empresa, onde pretende crescer profissionalmente. Quem sabe, um dia, montar sua própria empresa.
- Pretende também ter um negócio fora da profissão para maior renda. Está satisfeito com a profissão.
- A disciplina profissionalizante do colégio foi importante para despertar o interesse. Pensa que se deu pelo modo do professor ensinar a disciplina.
- Pretende fazer mestrado em Administração de Empresas em São Paulo para completar seus estudos.
- A sede da empresa é em São Paulo e sua namorada também é de lá.

#### Experiência no Colégio

- Na turma do colégio, pouca gente se interessava por esta área.
- Gostava muito de Física e de aulas de Química.
- O Inglês no Colégio era muito bom.
- Professores de Matemática incentivavam seu gosto pela área de Ciências Exatas.

#### Influência Familiar

- Não sabe se houve. Pai é Bioquímico e mãe, Engenheira Civil.
- Pensa que o gosto pelas exatas vem da mãe.
- Fez a escolha sozinho: só comunicou aos pais.

#### Outros fatores de influência

- Não sabe. Talvez um amigo de um colega que fazia engenharia e lidava com computadores; conversava muito com ele sobre isto.

### Exercício da profissão hoje

- Principal é a responsabilidade.
- Para crescer as pessoas devem se empenhar.
- O que é agora deve-se ao que foi e se empenhou no colégio e na faculdade.
- É fazer o que se gosta, ter um salário, independência, ser dono do nariz.
- Há muito tempo que não pede dinheiro para os pais.
- Gosta do trabalho que faz; é uma área nova.
- Aprender, saber o máximo possível dentro da profissão para no futuro ser recompensado.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Bem. Tem espaço para quem tem competência.
- Tem mercado de trabalho e continua em expansão.

### Experiência na Universidade

- Gostou. Em termos de formação profissional a UFRGS é muito boa.
- Professores todos com Mestrado e Doutorado.
- Curso foi bem dado e organizado.
- Horários bem feitos e fechados.
- No básico, os horários vagos, eram aproveitados nos computadores.
- No curso se faz amigos, o grupo se mantém.
- Quando voltou da Europa, havia perdido a turma e, talvez por isso, não houve mais tanto entusiasmo para estudar.

### Parecer sobre a entrevista número 4

O interesse parece ter sido fator de influência na escolha realizada. O gosto pela área de Ciências Exatas no Colégio de Aplicação parece ter recebido reforço quando da realização da disciplina profissionalizante de Processamento de Dados, oportu-

nizada no currículo da escola, assim como é visto o incentivo dos professores desta mesma área.

A decisão entre as duas profissões pretendidas são atribuídas às atividades de Informação Profissional realizadas também na época. Reconhece no professor da disciplina profissionalizante do colégio, uma motivação concreta para o seu interesse, relacionando-a com o modo de ensinar e o interesse dele pela disciplina.

Assim, parece considerar a sua experiência na escola, tanto a nível de proposta educacional valorizando as disciplinas e os professores, como também confere importância à sua participação. Ao mencionar que o que ele é agora deve-se ao seu empenho no colégio e também na faculdade, parece revelar satisfação com sua atual condição.

Sua história, ao longo do tempo, desde o ingresso na universidade até hoje sugere crescimento pessoal e profissional, crescente independência e autonomia. A pausa que fez nos seus estudos quando tinha dezenove anos parece envolver não só a saturação de estudos mencionada por ele mas, também, uma reflexão sobre seus objetivos de vida.

A viagem para a Europa, quando teve que resolver a questão de sobrevivência através de trabalho, parece ter sido uma experiência e um exercício importantes neste sentido. Quando, na volta, decidiu morar sozinho e conseguiu um trabalho junto com outros colegas, também apontam nesta direção.

A oportunidade de realizar concurso, imediatamente após a conclusão do curso, em uma empresa considerada de grande porte, não foi desprezada por ele, que aceitou o desafio e foi bem sucedido. Este fato parece sugerir auto-confiança e segurança quanto ao conhecimento adquirido. Quando revela que sua faculdade oferece boa capacitação profissional, talvez esteja referindo-se tam-



bém a si próprio.

Parece ter consciência de que seu caminho passa responsabilidade e pelo empenho com que se dedica às coisas que realiza.

Em geral, pensa que, para crescer, as pessoas devem se empenhar no que fazem e parece se orgulhar de sua independência financeira quando fala que há muito tempo não pede dinheiro para os pais.

Valoriza a competência na profissão, o conhecimento a nível pessoal, atribuindo também este valor aos seus professores de faculdade e ao próprio curso.

Manifestando mais de uma vez gostar do que faz, do curso que realizou, da instituição onde fez sua formação acadêmica, o faz de certa forma relacionando este gosto com competência e organização.

Valoriza as relações de amizade e, na faculdade, o fato de ter formado um grupo, feito amigos, parece relevante. Ao contrário, quando percebeu que havia perdido seu grupo de estudos na volta da viagem à Europa, ressentiu-se disto como motivação de estudo.

Percebe existir alguma relação entre seu interesse pela área de Ciências Exatas e a profissão exercida pela mãe, ainda que diga não ter certeza desta influência.

A valorização do aspecto financeiro está implícita no seu modo de viver, independente dos pais e também quando pensa em ter um outro negócio com objetivo de maior renda, sem deixar de exercer a atual profissão.

Prospectivamente, se vê exercendo a mesma profissão, desejando crescer na empresa onde trabalha e, quem sabe, um dia, ter uma empresa sua. O objetivo mais imediato em relação a isto, é um

curso de mestrado fora do estado, na cidade onde mora sua namorada. É objetivo quando fala de seus planos, que incluem a área afetiva.

Em geral, parece bem identificado com a profissão escolhida, cujo desempenho parece estar oportunizando situações de crescimento e realização.

Entrevista número 05

Curso: Odontologia

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- Sempre se interessou por Odontologia.
- Fez vestibular com dezesseis anos e foi nesta época que pensou nesta opção.
- Rendimento no colégio era homogêneo, embora não gostasse da área de humanas.
- Entre Direito, Engenharia Elétrica e Odontologia o mercado de trabalho influenciou bastante.
- Foi difícil escolher, ficou indeciso, talvez por personalidade, é indeciso até hoje.
- Sempre gostou do curso, desde o início. Nunca pensou em desistir.
- Faculdade de Odontologia é atípica. Dos quarenta alunos que entraram, vinte se formaram juntos. "A gente forma grupo".
- As aulas são no mesmo prédio, "logo se conhece toda a faculdade" e há pouquíssimas desistências: duas ou três durante o curso.
- Concluiu o curso em quatro anos.
- Como havia adiado o serviço militar, ingressou no exército e hoje é tenente-dentista.

- Mora em Santana do Livramento.
- Ingressou no exército também para conseguir montar seu consultório. Hoje, conseguiu comprar o equipamento e um carro.
- Após completar o tempo de dois anos de exército pretende sair, mas se conseguir transferência, trabalha meio turno e abre seu consultório.
- Pretende fazer curso de especialização em cirurgia.

#### Experiência no Colégio

- Sinceramente, não sabe.
- Uma boa base para o vestibular e para a vida.

#### Influência Familiar

- Não sugeriram nada, não tinham expectativa explícita.
- Sempre falou em Engenharia, talvez a mãe esperasse este curso.
- Quando decidiu por Odontologia, aceitaram bem.
- Pai é representante comercial, mãe, auxiliar de judiciário, um irmão é promotor.

#### Outros fatores de influência

- As idas ao dentista desde pequeno. Gostava do que ele fazia.
- Isto influenciou sua decisão.

#### Exercício da profissão hoje

- Responsabilidade com os pacientes, em Odontologia.
- Em qualquer profissão, honestidade e competência.
- Cada pessoa tem a sua ambição.
- Pessoalmente, ser um bom dentista especialista e ter um consultório aqui em Porto Alegre.
- Busca a realização e uma boa imagem; ser reconhecido como um bom profissional.
- Objetivo mais imediato: a especialização e um bom consultório.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Uma profissão elitista, a começar pela faculdade que ensina a cura e a prevenção é a saída para a população brasileira.
- No Brasil, a prevenção está atrasada, a parte técnica é razoável e está se tentando solução a nível de saúde pública.

### Experiência na Universidade

- Dois alunos apenas desistiram do curso, não deve ter muitas coisas ruins.
- Maioria dos alunos é de classe média, não precisam trabalhar.
- Há muito gasto durante o curso, a procura é pela classe média.
- É a favor da universidade pública e gratuita, mas há o problema de não pagar e não valorizar. Entra na conscientização de cada um; é difícil.
- Professores de Odontologia dificilmente entravam em greve. Não estão na universidade por salário. Estão porque gostam e porque é "vitrine" para eles.
- É uma faculdade a parte.
- A universidade faz o seu papel mas depende do aluno a sua formação.
- Também existem falhas, mas alguns poucos professores deixam a desejar.
- Na faculdade se aprende como fazer, mas para fazer melhor deve-se praticar.
- A Odontologia é eminentemente prática. Mais conhecimentos vêm da prática e na Especialização.

### Parecer sobre a entrevista número 5

O caminho percorrido pelo aluno, desde a época da decisão até os dias de hoje, parece ter se baseado em aspectos de interesse e também de racionalidade e objetividade.

Desde a escolha considerou, além do interesse pelo curso, as

questões de mercado de trabalho da profissão e suas possibilidades. Reconhece como influência a figura de seu dentista, cujas atividades lhe despertavam interesse desde a infância.

Não há relação direta entre a profissão escolhida e as atividades profissionais exercidas por seus familiares. A expectativa implícita da mãe por Engenharia não fica clara e é atribuída pelo aluno mais como uma possibilidade pois, segundo ele, quando decidiu por Odontologia, aceitaram bem.

Sua experiência no Colégio de Aplicação parece não ter conseguido definir uma área específica de interesse mas, ao conferir à escola o fato de lhe ter oferecido uma boa base para o vestibular e para a vida, parece atribuir à ela aspectos positivos na sua formação.

Sua decisão, difícil na época e, atribuída por ele a uma característica pessoal de indecisão que permaneceria até hoje, não é verificada em nenhum momento da entrevista e parece mais relacionada com uma dificuldade situacional do período de escolha profissional, em que vários fatores podem intervir, entre eles, a sua idade na época, dezesseis anos.

Nunca pensou em desistir do curso que realizou e tem consciência que a prática é fundamental e precisa ser adquirida, que uma especialização também é importante. Neste sentido, logo após a conclusão do curso, buscou e encontrou solução para suas questões financeiras conseguindo, ao ingressar no Exército, um meio em que pudesse exercitar-se profissionalmente e ao mesmo tempo lhe desse retorno financeiro para concretizar suas aspirações materiais, em relação à profissão e, também, pessoalmente.

Desde o início da entrevista referiu que a faculdade que frequentou é atípica porque as aulas são centralizadas, todos se conhecem, formam grupos desde que entram e há poucas desistências

durante o curso. O fator de organização aliado a possibilidade de convivência pessoal e a interação com colegas e professores desde o início do curso, na instituição, parecem relevantes e faz levantar a hipótese que seja importante para a segurança e o interesse do aluno pelo curso, assim também como para a construção de uma identidade profissional.

A responsabilidade que se revela nas coisas que ele realiza é enfatizada na percepção que tem do exercício da profissão e também no que se refere ao papel desempenhado pelo aluno na sua formação profissional.

Ainda que considere o curso e a profissão elitistas, os aspectos positivos de seus professores, do curso e da faculdade parecem valorizados e se referem a aspectos de organização da estrutura, competência, responsabilidade e gosto pelo que se faz.

A imagem de um bom profissional, o reconhecimento pela competência, na sua visão, muito importantes para seus professores, parecem também importante para ele e são sua meta. Este aspecto de status social, que é mencionado como aspiração, parece reforçado pela imagem que tem dos seus professores na faculdade. No entanto, tem consciência e parece considerar a realidade brasileira ao analisar a sua profissão no atual contexto, apontando falhas no tipo de abordagem da Odontologia no Brasil, que prioriza a cura e não a prevenção, desde a formação do profissional no curso de graduação.

Ainda que não se observe nenhum questionamento em sua escolha, em geral, o aluno parece bem identificado com a profissão escolhida, buscando alternativas para exercê-la de forma autônoma e responsabilizando-se pela concretização de seus objetivos profissionais desde a conclusão de seu curso.

Entrevista número 06

Curso: Ciências Econômicas

Idade dez/85: 18 anos

Idade atual: 23 anos

Motivação e história da escolha

- Escolha foi por influência do colégio e da sociedade.
- Sua turma do colégio tinha bom poder aquisitivo e ele não.
- Queria ser rico para poder competir.
- O pai é militante político; havia contradição entre a família, a sociedade e o colégio.
- Na época, decidiu por economia para trabalhar com mercado de capitais e enriquecer.
- No terceiro semestre se desinteressou.
- Saía muito à noite; começou a estudar astrologia.
- Gostava de uma menina que mudou-se de Porto Alegre.
- Não conseguia aprovação em nenhuma disciplina, sua família estava desgostosa; o avô morreu nesta época.
- Perdido e sem rumo, sentiu que precisava encontrar uma direção para sua vida.
- Deixou a astrologia e conseguiu estágio em uma instituição municipal, e trabalha, até hoje, na área de planejamento dentro da economia.
- Precisou de mais conhecimento para exercer atividades de trabalho, era tratado como profissional.
- Trabalho fez voltar o interesse pelo estudo.
- Começou a fazer política estudantil; hoje é presidente do Diretório Acadêmico de sua faculdade.
- Namora hoje a mesma menina que gostava.
- Pretende terminar o curso no ano que vem, mas tem dúvidas quanto a candidatar-se à presidência do Diretório Central de Estudantes. Neste caso, tranca matrícula.

- Está decidindo.

#### Experiência no colégio

- Formação cultural é boa.
- Estudou na época da ditadura militar; a situação se reproduzia na escola.
- Alguns professores e direção repressivos e autoritários.

#### Influência Familiar

- Pai é advogado, jornalista e sindicalista; mãe é dona de casa.
- Aceitaram bem a escolha.

#### Outros fatores de influência

- A questão financeira era a mais importante.

#### Exercício da profissão hoje

- A profissão é condição para a realização pessoal.
- Trabalho é fundamental na vida das pessoas.
- É importante trabalhar no que se gosta, onde haja interesse.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- Formação do economista ainda é muito generalista, neoclássica, com pouca aplicabilidade nos dias de hoje.
- Em crise, como a atual, o mercado se retrai.
- Apesar da crise, em todas as profissões, os bons têm mercado.
- Em qualquer profissão, o importante é ser atuante, ter voz ativa.
- Não adianta ser somente técnico, tem que ter opinião, independentemente do caminho que tome.

#### Experiência na Universidade

- Universidade perdeu, na época da ditadura, bons professores e permaneceu o que havia de mais conservador e reacionário.



- Não conseguiu ainda se adaptar à nova realidade.
- Há, também, autoritarismo. Para certos segmentos dirigentes, seria bom se não houvesse alunos e alguns professores.
- Muitos professores (de vinte horas) vêm à faculdade como "bico". Se observa na maneira pouco profunda como ensinam a matéria.
- Horários são razoáveis, embora as aulas sejam dispersas por vários prédios.
- Deveria haver mais ênfase na teoria marxista.

#### Parecer sobre a entrevista número 6

As necessidades pessoais da época, ligadas aos aspectos financeiros e relacionadas ao status social, parecem ter sido fundamentais para a escolha.

A expectativa de obter da profissão as condições necessárias para satisfazer estas necessidades, parece, no entanto, ter sido frustrada quando do seu ingresso na universidade. O confronto com a realidade, revelou dificuldades no desempenho. Parece ter constatado que o desejo de ficar rico envolvia também uma espera no tempo e uma construção pessoal nesse sentido.

Esta situação sugere uma escolha motivada por uma idéia mágica e propulsora de que a profissão poderia resolver seus problemas mais imediatos, sem a necessidade de considerar outros fatores pessoais e sociais. Sugere também uma dificuldade de poder situar-se no tempo atual de sua experiência e a possibilidade de projetar-se para o futuro, considerando aspectos da realidade.

O período de dois anos em que esteve desinteressado dos estudos, revela frustrações com o seu baixo desempenho nos estudos e coincidem, também, com muitas outras frustrações em termos afetivos deste período. A morte do avô, um amor não correspondido

que foi embora da cidade, somaram-se ao sentimento de tristeza que percebia nos seus pais pelo seu desinteresse pelos estudos. Para compensar todo este quadro, parece ter se refugiado na vida noturna, nos bares, dedicando-se também ao estudo da astrologia, talvez como busca de solução para sua situação.

O tempo parece ter sido um fator de relevância no seu desenvolvimento pessoal, tendo criado outras necessidades pessoais, mais baseadas na realidade. A partir de sua experiência como estagiário, a valorização e a exigência de mais conhecimento no trabalho, parecem ter revitalizado o seu interesse pelo estudo e pela escolha realizada.

Ser tratado como um profissional na atividade que realizava, também parece ter sido relevante para sua auto-estima.

Um caminho paralelo parece estar sendo traçado às atividades relacionadas à sua escolha profissional. São as atividades políticas estudantis, e podem se relacionar a uma influência do pai.

Hoje, embora pareça mais satisfeito em termos afetivos, ainda tem dúvidas quanto ao seu futuro pessoal mais imediato e ao caminho a seguir. As questões políticas permeiam sua atuação e são evidentes em todos os seus posicionamentos. Neste sentido, até as considerações que faz a respeito de sua experiência no colégio têm conotação política quando critica o autoritarismo da época, embora reconheça a contribuição da escola para uma boa formação cultural.

Parece ter muito interesse por desenvolver-se na área política, que lhe dá prestígio. Ao mesmo tempo, parece sentir necessidade de concluir seus estudos na área escolhida, buscando uma identidade também a nível profissional.

Entrevista número 07

Curso: Engenharia de Minas

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 23 anos

Motivação e história da escolha

- Quando criança, gostava de terra, de bombas, de explosão.
- Na época da escolha teve dúvidas entre Geologia e Engenharia de Minas.
- Procurou ver o que fazia um Engenheiro de Minas. Um tio tem esta profissão; decidiu-se.
- O colégio não tinha estrutura para ensinar o que estudar; estudava só em véspera de prova.
- No curso de Engenharia é necessário estudar sempre.
- No primeiro semestre da faculdade deu-se mal.
- Está aprendendo a ser disciplinado para estudar e trabalhar.
- Se tudo der certo, se forma no ano que vem.
- Uma vez pensou em largar o curso e fazer Psicologia ou Biologia.
- No colégio, gostava de Biologia, com o professor Cordeiro e foi bem no vestibular.
- Pensou em Psicologia porque possibilitava analisar sem se envolver muito.
- Sentiu que devia confiar no instinto e permaneceu no curso.
- Em estágios e trabalhos de campo aprendeu muito mais do que na faculdade; importantes em experiência de vida, valores diferentes e responsabilidade na profissão.
- Fez um estágio de três meses e meio em Corumbá; uma "barra" para o amadurecimento pessoal e pelas exigências. Foi tratado como profissional.
- O que pretende é uma incógnita.
- Se for criado um curso de pós-graduação desta profissão, faz;

em outras áreas não.

- Pretende trabalhar com pesquisa mineral ou, enfrentar a Amazônia ou, quem sabe, fazer cursos ou concursos fora do Brasil.

#### Experiência no colégio

- Muito boa em termos de relacionamento; aprendeu "lances" de amizade, fez grandes amigos e continuam a se encontrar.
- Faltou disciplina para o estudo. Colégio cobrava muito o conhecimento através de prova, mas não como se desenvolve isto.
- Hoje, como monitor, está atento a isto.
- Gostava das aulas do Milagre, Química e Biologia; de Matemática não era "fã", mas é um auxílio para outras coisas.

#### Influência Familiar

- Teve. O tio é Engenheiro de Minas. O pai, Economista, sempre teve um desejo meio escondido de ter um filho Engenheiro.
- A escolha foi pessoal, sua.

#### Outros fatores de influência

- A possibilidade de não morar em cidade grande favorece a sociabilidade.
- Em cidade grande há desrespeito em relação ao espaço de cada um.
- Existia nele um instinto de eremita, de reflexão. Mudou por conhecer pessoas que trabalharam em locais isolados; é um problema.

#### Exercício da profissão hoje

- Tentar sobreviver, ter um canto e um espaço sem depender.
- Ter liberdade.
- Morar com a família tem regalias, mas é importante um espaço próprio.
- Os pais cobram a conclusão do curso; são preocupados.

### Percepção da profissão no atual contexto

- É relativo. Há oportunidades de trabalho e salário, basta se sujeitar a certas coisas: trabalhar de sol a sol e morar com dificuldades.
- Tendência do mercado de trabalho é se expandir sempre, embora em crise haja estagnação.
- Prospecção é uma roleta: cálculos nem sempre são tão precisos e por milímetros não dá bons resultados.
- Há muitas empresas multinacionais; questões financeiras e políticas atrapalham.

### Experiência na Universidade

- A universidade está falha, elitizada.
- Há muito para ser estudado e avaliado.
- Deve ser administrada por competência e não por política.
- Há o problema da privatização.
- Quem está na UFRGS, em geral, tem dinheiro. O ingresso deveria ser pelo desempenho escolar e não somente uma prova. Isto teria que ser administrado por pessoas sérias.
- No curso, entram quarenta e cinco; se formam muito poucos devido às dificuldades.
- Professores são intolerantes, relacionamento é frio e as dificuldades do curso desestimulam.
- Não se está amadurecido quando se entra para a faculdade.
- Os professores não consideram as diferenças de conhecimento dos alunos.

### Parecer sobre a entrevista número 7

Parece ter levado em conta na escolha um interesse manifestado na infância mas, parece mais evidente a influência explícita de um tio que exerce a mesma profissão e uma influência implícita do pai que tinha "um desejo meio escondido de ter um filho enge-

nheiro".

Valoriza sua experiência na escola em termos de relacionamento e das amizades que conserva até hoje. Neste sentido, afetivo, menciona algumas disciplinas que gostava, relacionando-as diretamente com os seus professores. No entanto, as dificuldades sentidas por ele, no início do curso, são atribuídas a sua falta de disciplina para o estudo e não oportunizada pela escola. Quanto a isto, refere que o colégio cobrava muito em termos de conhecimento, através de prova, mas não ensinava como desenvolver o estudo como hábito.

Uma análise em relação ao seu desempenho aparece somente quando pensou em desistir do curso, por dificuldades. Neste sentido, refere que gostava muito das aulas de Biologia com um determinado professor e foi muito bem no vestibular. Talvez, por isso, chegou a pensar em assumi-la como opção profissional.

O curso de psicologia, que também aparece como possibilidade de escolha posterior, talvez por conter elementos de análise, sugere que tenha sido mais no sentido de resolver suas questões pessoais a respeito do caminho a seguir.

A imaturidade referida em geral ao início do curso, parece também relacionar-se à sua pouca experiência de vida na época da escolha. As atividades de estágio e trabalho de campo que, segundo ele, oportunizaram aprender mais do que na faculdade, enfatizam a idéia de que a experiência vivida é importante para o conhecimento e também para outras aprendizagens de vida.

Não está definido em termos de planos profissionais futuros e o que pretende "é uma incógnita".

Parece ter claro que o exercício da profissão envolve aspectos de sobrevivência, independência, autonomia e liberdade e parece revelar desejo neste sentido. No entanto parece também

ambivalente em relação a esta independência revelando que morar com a família tem regalias mas é importante ter um espaço próprio.

Reconhece oportunidades de mercado e retorno financeiro na profissão, desde que o profissional se sujeite a certas coisas que parece considerar difíceis.

Como aluno universitário, reconhece algumas falhas na instituição e faz sugestões quanto a uma administração por competência e também quanto à modalidade de ingresso.

Considera o seu curso como sendo de muitas dificuldades, o que ocasiona muitas desistências. Atribui este fato aos professores que se mostram intolerantes e não consideram as diferenças de conhecimento dos alunos e que também são imaturos quando ingressam na faculdade. Relaciona as dificuldades também apontadas ao tipo de relacionamento que é estabelecido na faculdade, o qual qualifica de frio.

O fato de citar todas estas dificuldades sugere pouca satisfação com o curso, especialmente no que se refere às exigências feitas e também quanto às relações pessoais. Sugere, no entanto, também, persistência, esforço e valorização pessoal pois é monitor de uma disciplina e abandonou a idéia de desistir do curso, pretendendo se formar no ano que vem, se tudo der certo.

Em geral, constata-se que o aluno mostra dúvidas quanto às possibilidades de identificar-se com a profissão.

Constata-se também, que outros aspectos pessoais, além do interesse, não foram levados em conta para a escolha e que os aspectos da realidade profissional tiveram como referência, a experiência de um parente e incluem a influência e a expectativa da família.

Hoje, embora tenha muitas dúvidas quanto ao seu futuro e pareça sentir-se pouco confortável em relação à escolha, parece também disposto a seguir um caminho esperando descobrir a satisfação pessoal e profissional.

Entrevista número 08

Curso: Artes Cênicas

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- A decisão por Teatro se deve a experiência no colégio, as disciplinas com que se identificou.
- O colégio fez valorizar as atividades criativas e a área humana.
- Duas opções: Medicina e Teatro. Levou em conta o que propiciasse uma vida diferente. Considerou, também, a possibilidade de trabalhar a sua criatividade.
- No início decepcionou-se com o curso e chegou a pensar em novo vestibular.
- Fez pesquisa; foi o que o manteve e até hoje é importante.
- Encontrou espaço pessoal e convites para fazer peças, como ator.
- Não tinha dificuldades no colégio; a sensação era a de que poderia fazer qualquer coisa.
- Queria saber mais sobre todas as áreas. Como é impossível, buscou nas artes a realização, o auto-conhecimento.
- Está concluindo o curso e vai para a Europa para continuar seus estudos.

Experiência no colégio

- Colégio teve influência por valorizar a área humana, criativa e de relações humanas.



- Valores vêm da família e da escola.
- Escolha foi também um desafio para sair fora dos padrões familiares e encontrar o próprio caminho.
- Colégio proporcionou uma postura analítica; não oferecia coisas, mas as apresentava e o aluno encontrava a solução.
- Quando resolveu ser ator, pensou que função seria esta e resolveu também descobrir isto.
- Colégio valorizava a postura crítica, professores davam abertura e a educação era proposta neste sentido.

#### Influência Familiar

- Família grande, com diferentes profissões; muitas ligadas à área humana: Medicina, Pedagogia, Direito.
- Nenhum profissional de teatro.

#### Outros fatores de influência

- Momento de efervescência cultural tornava atraente as atividades artísticas, como liberdade de expressão de um movimento jovem.

#### Exercício da profissão hoje

- A profissão define o indivíduo socialmente.
- Está ligada à busca de identidade do indivíduo.
- A partir dela é definido o espaço social.
- Representa auto-realização, pelo prazer da atividade e pelo aspecto financeiro.
- A decisão se dá sempre em relação a este conflito, pois define o que se vai ser, o papel social.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- Financeiramente, indigna.
- Não há espaço; fora de televisão é difícil.
- Escolheu um trabalho de ponte dentro do Teatro: as pesquisas,

principalmente em Antropologia Teatral.

- Busca a integralidade de vida e integridade como ser humano.
- Busca o auto-conhecimento e, a partir daí, a definição da relação consigo mesmo e com os outros.
- A partir do autor é que se define o papel e a função do artista na sociedade que busca o teatro para se expressar.

#### Experiência na Universidade

- O Departamento de Artes Dramáticas é isolado, tem sede própria e não há intercâmbio entre os cursos.
- Não há tradição na formação pedagógica do ator no Brasil.
- Curso é fragmentado e propicia pouca informação.
- É positivo o fato do curso colocar os alunos em contato com pessoas e idéias que circulam no meio artístico.
- Se o aluno tiver capacidade de efetivar uma integração, é bom.
- Na seqüência do currículo, cada professor faz o seu planejamento, sem considerar o que já foi trabalhado.
- A maioria dos professores não tem formação profissional didática.
- A faculdade querer abranger todos os caminhos gera indefinição na formação.

#### Parecer sobre a entrevista número 8

Considerando os motivos manifestos de influência para a escolha profissional constata-se que o aluno atribui muita relevância à sua experiência educacional no Colégio de Aplicação. No que se refere ao desenvolvimento de algumas disciplinas do currículo e à valorização de atividades criativas e da área humana, a escola parece ter sido fator de influência na formação e na decisão, ao lado da família, de onde tais valores também são provenientes.

Pode-se estabelecer alguma relação entre a escolha realizada

e as profissões exercidas pelos seus familiares, quanto à área de conhecimento. Mas, a opção específica, única no meio familiar, é justificada como anseio de sair fora dos padrões familiares, ter uma vida diferente, construindo um caminho pessoal, independente e autônomo. Esta afirmação encontra reforço quando diz que a profissão está ligada à busca de identidade do indivíduo.

A decisão pela profissão, questionada no início do curso, parece ter encontrado reforço nesta postura e busca descobrir a essência de sua função, tanto no aspecto individual como social. Assim, é relevante sua preocupação em construir-se e desenvolver-se como pessoa através da profissão, buscando nela o meio para definir-se, definindo também seu papel social.

A procura de uma construção pessoal através da profissão é reafirmada quando fala de integralidade de vida e integridade como ser humano e que parece revelar, mais uma vez, a busca de uma harmonização como ser humano entre os aspectos pessoais e profissionais.

Esta curiosidade e esta busca que parecem ser suas características pessoais, também são sugeridas nas atividades de pesquisa que realizou durante a sua formação acadêmica e, agora, em um curso no exterior para o aperfeiçoamento na profissão escolhida.

Ao relacionar a sua escolha também com um movimento jovem de liberdade de expressão, na época, sugere que houve identificação com os valores e aspirações de sua geração.

Percebe-se que o sentimento de onipotência, natural na adolescência, foi abandonado quando, mesmo pensando que poderia fazer qualquer coisa e gostaria de saber muito sobre todas as áreas, as circunstâncias sociais, culturais e educacionais o obrigaram a uma definição pessoal em termos profissionais.

As questões de aspecto financeiro no exercício de uma profissão são consideradas pelo aluno, mas parecem, de imediato, não ser a sua maior preocupação. Ainda que tenha consciência de sua importância para a profissão, as questões de auto-conhecimento e auto-realização parecem mais relevantes e prioritárias nesta fase.

Reconhece aspectos positivos do seu curso de formação no que se refere a pessoas e idéias que circulam no meio artístico, sugerindo que isto é importante para o desenvolvimento. Mas, preocupado com a sua formação como profissional, se ressentia da falta de uma pedagogia para a formação do ator no Brasil e da informação recebida no curso.

Entrevista número 09

Curso: 1o. Medicina Veterinária

2o. Ciências Biológicas

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- Escolha foi muito difícil na época.
- Gostava de bichos desde a infância.
- Pensou que este interesse fosse suficiente.
- Uma irmã e o namorado dela faziam Agronomia; talvez por isso a escolha por Veterinária.
- Não aguentou a faculdade; decepcionou-se.
- Cursou dois anos (86 e 87) e trancou por um ano (1988).
- No período sem estudar, pensou em Educação Física porque tinha habilidade esportiva, ou Publicidade para ganhar dinheiro.
- Em 1989 fez novo vestibular para Biologia.
- Continua pensando que seu interesse é por animais, mais especificamente por comportamento animal.

- Biologia oferece mais liberdade para "mexer" com isto.
- Veterinária tem a preocupação com produção e não com comportamento animal.
- Vai agora fazer um estágio por seis meses em outro estado, com tartarugas marinhas.
- É uma oportunidade; nunca havia pensado, especificamente, em tartarugas. Vai trancar a matrícula.
- Continua não gostando da faculdade e não tem pressa para obter o diploma; não sabe se é o mais importante.
- Experiência no estágio pode ser importante em termos de horizontes pessoais e profissionais.

#### Experiência no Colégio

- Escolhas tiveram pouca relação com o tempo de colégio.
- Biologia, no colégio, não foi importante nem para Veterinária, nem para Ciências Biológicas.
- Experiência não foi importante nem em termos de relação com as pessoas.
- Não estava preocupada com o que queria ser, até a época em que precisou escolher.
- Quando pensou em Educação Física, talvez fosse por influência de seu bom desempenho na escola.

#### Influência Familiar

- Não teve nenhuma influência.
- Muito pelo contrário e até exageradamente, nunca se tocou neste assunto.
- Sempre deixaram a decisão por conta dela.
- Nunca houve nenhuma expectativa de que os filhos seguissem a carreira dos pais. O pai é dentista, a mãe professora.
- Até hoje não se fala no assunto, embora perceba que os pais esperam que ela conclua o curso.
- Estágio que vai realizar também foi decisão pessoal, sem troca

de opiniões com a família.

#### Outros fatores de influência

- Sempre gostou muito de animais, sem oportunidade de conviver com eles, pois mora em apartamento.
- Sempre foi um sonho morar em um lugar isolado em contato com a natureza.

#### Exercício da profissão hoje

- Tudo o que acontecer em relação a isto vai ser muito pessoal.
- O diploma é importante, mas a maior preocupação é pessoal.
- Há, também, a preocupação com a ecologia, a preservação do ambiente.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- A Biologia tem que viver de pesquisa e não há dinheiro para isto.
- A Biologia deveria participar de projetos em todas as áreas, pelas questões de ecologia e bem-estar social.
- Hoje, as pesquisas têm influência de grupos políticos e não da ciência.
- Licenciatura nesta profissão não é Biologia.

#### Experiência na Universidade

- Visão talvez seja exagerada, mas é decepcionante.
- O pior é que consegue ver as falhas e como arrumar.
- Quando entrou na faculdade tentou se mobilizar em relação a isto e viu que era impotente.
- Não há muita preocupação com a formação e sim com a informação.
- Nada se relaciona com nada.
- Os professores, em geral, dão o que está nos livros; nada que não se encontre neles;
- Fornecem informações e as pessoas fazem o que quiserem com

elas.

- Pode-se entrar para a universidade e ficar sempre trabalhando em laboratório, cada um no seu mundo.
- No início da faculdade tentou participar no sentido de melhorar a qualidade, mas viu que não adiantava.

#### Parecer sobre a entrevista número 9

Seu interesse por animais parece tê-la levado a fazer as escolhas. Também aparece, claramente manifestada, a influência de uma irmã, principalmente quando da primeira decisão.

O interesse, manifestado desde a infância, não se modificou na adolescência e permanece até hoje. Neste sentido, parece ter havido a idealização do exercício de uma profissão com base apenas no interesse como fator de influência. Reconhece hoje que, simplesmente gostar de animais foi insuficiente para manter-se no primeiro curso. Mesmo assim, percebe-se que o interesse também foi preponderante para sua segunda escolha.

A decepção com o primeiro curso aparece mais por ele não ter atendido a este interesse e talvez por desconhecimento do próprio curso e da profissão.

Parecem também não ter sido consideradas, na época das escolhas, principalmente da primeira, as atividades exercidas no curso e na profissão, as questões de mercado de trabalho e outros fatores de realidade que podem intervir na satisfação com a escolha.

Ainda hoje estes fatores não são enfatizados, mas a menção do estágio que vai realizar aparece como possibilidade para descobrir-se como pessoa e sugere a descoberta de atividades que possa realizar profissionalmente.

Esta idéia de descoberta parece reforçada quando refere que

no exercício da profissão sua maior preocupação é a pessoal e tudo o que irá acontecer será neste sentido.

Os aspectos financeiros da profissão, mercado de trabalho e as condições pessoais em termos de habilidade chegaram a ser considerados, ainda que separadamente quando decidiu abandonar o primeiro curso, e chegou a pensar em outras duas profissões como opção, sem decidir-se por nenhuma.

Observa-se também alguma relação entre a profissão do pai e da filha quanto à área de conhecimento preferida. No entanto, a influência dos pais não é reconhecida e a total autonomia que a família parece conferir a ela para a decisão em termos profissionais, parece ser vista como exagerada. Sugere, também, que ela, talvez, gostasse de ter a participação da família no seu processo de escolha e de definição profissional.

Sua percepção é de que não houve influência e que não havia expectativa implícita por parte da família e, o fato de ter mencionado, por mais de uma vez, que nunca se tocou no assunto não deixa clara sua posição a respeito.

Ao revelar que nunca se preocupou com o que queria ser, até a época em que precisou escolher, sugere que a necessidade, imposta por condições externas, sociais e educacionais, de escolher uma profissão, na época, gerou a necessidade maior, interna, de pensar em si como pessoa, com uma identidade também profissional.

Neste sentido, parece hoje priorizar, em suas preocupações, a descoberta de si mesma e parece não estar encontrando, nas suas escolhas, estímulo e oportunidades para isto. Questiona a necessidade de urgência de conclusão do curso, talvez por não ter descoberto seus objetivos pessoais de vida integrados aos exercício da profissão, mesmo sentindo uma certa urgência dos pais neste sentido.



Como consequência, parece pouco satisfeita e não atribui relevância à sua experiência no colégio, tanto no que se refere à disciplina específica que poderia tê-la influenciado nas escolhas, quanto na área das relações humanas. Revela também, talvez por isso, muita insatisfação, que reconhece exagerada, com a instituição onde faz a sua formação profissional, apontando falhas quanto à informação recebida e à falta de preocupação com a formação do profissional.

Parece que estes sentimentos de pouca satisfação no que se refere à sua formação escolar e acadêmica se relacionam, de certa forma, com a manifestação que fez em relação à participação de sua família na sua decisão, quando refere que não teve influência nenhuma, até exageradamente. Desta forma, pode estar atribuindo às instituições - familiar e educacional - alguma responsabilidade em termos de sua identificação profissional. Esta idéia parece reforçada quanto ao estágio que vai ser realizado agora, levantando a expectativa de ser importante em termos de horizontes, tanto pessoais como profissionais.

Entrevista número 10

Curso: 1o. Arquitetura

2o. Artes Plásticas

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- O processo foi o mais óbvio; riscou o que odiava e se informou sobre o que interessava: Arquitetura, Artes Plásticas e Publicidade.
- Havia o interesse pelo lado estético.
- Hoje, vê que gostava desde a infância. Frequentou escolinha de Artes.

- No colégio, destacava-se, adorava Artes e foi muito estimulada pelos professores.
- Decisão foi difícil; houve pressões externas.
- Escolha foi no dia do vestibular: Arquitetura na UFRGS, Publicidade na PUC. Passou no primeiro, não concluiu o segundo.
- Ajudou na decisão uma entrevista com um arquiteto que falou sobre "designer" na profissão.
- Nos dois primeiros semestres é preciso gostar muito para continuar na faculdade; o básico é distante do que se quer.
- Fez toda a parte de desenho e quando chegou a parte técnica, de construção, não se interessou.
- Decidiu largar a faculdade, conversou com pessoas e descobriu que o profissional de Publicidade não precisa ser formado; decidiu-se por Artes.
- Fez curso de revisão pré-vestibular e novo vestibular em 1988.
- Terá que ter uma atividade paralela depois de formada para não "morrer de fome". Professora de Artes em colégio é pouco gratificante, sua experiência mostra que as pessoas não estão interessadas em Artes.
- Fez estágio em uma agência de Publicidade e também em uma produtora de vídeo. Gostou da atividade de direção de arte; fez por curiosidade para descobrir possibilidades.
- Acha "que é por aí". A questão visual e estética é o que lhe interessa.

#### Experiência no Colégio

- Uma coisa boa.
- Diversificação de atividades: Teatro, Música, Artes, motivando a sensibilização.
- O que tirou de experiência: um posicionamento crítico diante dos fatos, conseguir articular as idéias.
- As visitas às galerias foram importantes. A disciplina de Artes

- ainda estava presa didaticamente. O trabalho de sensibilização deveria ser antes ou paralelo às atividades de sala de aula.
- Faltou um trabalho mais direto na área profissional, com ênfase nas disciplinas, ao longo do tempo; uma nova concepção de ensino.
  - "Qual o papel da escola nisso? Ensinar uma matéria e fazer prova? Não dá para esquecer o funcionamento das pessoas."

#### Influência Familiar

- De certa forma houve influência, uma certa pressão.
- Na escolha por Artes perguntaram o que queria com esta profissão e que iria "morrer de fome".
- Pensa que sua primeira escolha, por Arquitetura, aconteceu por esta influência.

#### Outros fatores de influência

- Teve experiência em escolinha de Artes na infância.
- Uma tia fazia xilogravura e uma prima fez Artes Plásticas.
- Na sua casa havia trabalhos manuais: mãe costurava as roupas das filhas; filhas faziam bordado e pintura.
- Teve experiência como modelo fotográfico no início da adolescência.

#### Exercício da profissão hoje

- Complexo. Nunca se envolveu totalmente com isso.
- O importante é a pessoa se realizar profissionalmente e não só gostar de dinheiro.
- Importante é crescer, descobrir coisas dentro da profissão. É o desenvolvimento pessoal e ter boas relações com as atividades que realiza.
- A criação também é essencial na profissão.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Artes Plásticas no Brasil é relegada. Não há interesse público, governamental. As pessoas não conhecem, o mercado é fechado.
- "Designer" interessa para o desenvolvimento humano, faz parte do ser.
- Apavora a idéia de induzir ao consumo, fazer a cabeça através da arte.
- A pessoa que cresce no mercado publicitário acaba por ter uma visão consumista. Não gosta disto.

### Experiência na Universidade

- Como ambiente universitário em Porto Alegre é o meio possível para troca de idéias.
- Em termos de estrutura e professores, péssima.
- Há professores interessados.
- Em geral o aluno evolui por tentativa e erros.
- Os laboratórios não são bons, com algumas exceções.
- No geral é tudo desarticulado, mas há cadeiras "legais".
- Depende do professor e do aluno.
- A técnica é muito fraca e desestimulada, mas tem coisas boas que possibilitam desenvolver.
- No currículo, a questão entre disciplinas obrigatórias e opcionais não está clara. O aluno fica confuso e há pouca discussão dentro disso.
- Pós universidade, aqui, há dificuldades de desenvolvimento, tanto em Artes como em Publicidade.

### Parecer sobre a entrevista número 10

O gosto pela arte como expressão do ser humano, os fatores estéticos e visuais fazem parte de sua formação e estão presentes em sua história pessoal de vida, desde a infância. Parecem ter sido importantes e contribuído para a sua decisão profissional.

Observa-se que, mesmo tendo feito novo vestibular, dois anos após o primeiro, a motivação da escolha não foi alterada e a primeira escolha, por Arquitetura, parece ter acontecido mais por questões de retorno financeiro na profissão. Estas questões apontadas na época pela família, são vistas hoje, por ela, como pressão externa. Neste sentido, buscando atender às expectativas familiares, procurou apoiar-se na experiência de um arquiteto ligado à área de designer como possibilidade de atividade a ser exercida na profissão.

Sua experiência, desde muito cedo, inclui atividades ligadas à área humana e artística e, neste sentido, a influência familiar deve ter contribuído para o desenvolvimento e a permanência deste interesse e pode ter determinado suas aspirações em termos profissionais. Existem pessoas na sua família que exercem atividades nesta área.

As atividades desenvolvidas no Colégio de Aplicação também parecem ter contribuído para seu desenvolvimento na área humana, sendo-lhe oportunizada, pelo currículo proposto, a realização de disciplinas que possibilitaram, não só o crescimento técnico através da prática, mas também o conhecimento, o desenvolvimento e o estímulo à sua sensibilidade, reforçando seu interesse pela área.

Parece também valorizar a escola no que se refere à aprendizagem de uma postura crítica, que diz possuir hoje diante dos fatos, com a possibilidade de articulação de idéias.

A falha que aponta quanto à área específica de Artes Plásticas no colégio é, segundo sua percepção, ligada a questões didáticas entre técnica e sensibilização e parecem estar de acordo com o seu ponto de vista sobre a arte como expressão pessoal.

Aponta também algumas sugestões para o colégio no que se

refere a um trabalho na área profissional mais articulado e integrado, ao longo dos anos, com ênfase nas diferentes disciplinas do currículo. Na sua percepção, esta concepção nova de ensino prevê que o papel da escola deva passar não só por ensinar uma matéria e fazer prova, mas pela vivência e por uma preocupação com o funcionamento das pessoas e o seu lado humano.

Esta afirmação, mesmo sendo considerada procedente e relevante como sugestão, parece ser oriunda de suas necessidades na época, as quais não deve ter considerado satisfeitas.

A busca de um curso e de uma profissão em que possa desenvolver-se como pessoa, estabelecendo boas relações com as atividades que realiza e que são a sua expressão sobre o exercício profissional, parecem ser a sua preocupação e seu objetivo de vida.

A questão de retorno financeiro da profissão parece, hoje, mais próxima de suas necessidades, ainda que deixe claro que no exercício de uma profissão este fator precisa estar conjugado à realização pessoal.

Em relação à sua experiência como aluna universitária, aponta aspectos positivos e negativos.

Ao mesmo tempo em que diz que, em geral, o aluno evolui por tentativas e erros, que a técnica é fraca e desestimula, que os laboratórios, em geral, não são bons e que há questões no currículo que deixam o aluno confuso, reconhece que há coisas boas que possibilitam o desenvolvimento; há cadeiras "legais", há professores interessados e que tudo depende do aluno e do professor.

Esta afirmação sugere a importância da relação professor-aluno no que diz respeito à responsabilidade e comprometimento a nível de formação profissional, ainda que pesem as contradições existentes na instituição.

Parece valorizar a formação profissional em nível superior para o desenvolvimento de uma atividade profissional pois, para a realização do segundo vestibular, desconsiderou uma das possibilidades porque o profissional não necessita, na prática, este nível de formação.

Constata-se que as questões da motivação da escolha profissional, mais existenciais e de desenvolvimento pessoal, parecem ter sido reafirmadas quando da realização do segundo vestibular. Os referenciais que possui da realidade acerca do mercado de trabalho e do prestígio social da profissão parecem também não ter sido impedimento para seus objetivos, buscando na formação profissional a realização de seus objetivos pessoais.

Entrevista número 11

Curso: Comunicação Social: Jornalismo

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 23 anos

Motivação e história da escolha

- Escolha não aconteceu por influência da família. Pai é engenheiro Químico e há muitos Advogados na família.
- Não foi por incentivo da Escola.
- Foi por exclusão; qualquer coisa na área técnica.
- No colégio tinha mais facilidades nas disciplinas da área humana.
- Em geral gosta mais do que tem facilidade, mas o português do colégio era ruim.
- Pensou em Direito, era técnico demais. É uma pessoa prática e queria "vislumbrar" o que iria fazer na profissão.
- Conversou com o pai; mercado de trabalho estava difícil e a escolha deveria ser feita por ele mesmo.
- Tinha também consciência de suas limitações: Medicina não pas-

saria no vestibular; Direito, talvez, com alguma dificuldade. Isto ajudou na decisão.

- Química com o Milagre, no colégio, era uma maravilha mas estava consciente que o curso não oferecia recursos.
- Fez o vestibular e entrou no 2o. semestre. Aproveitou o 1o. semestre para concluir um curso de inglês e fazer datilografia porque seria necessário na profissão.
- Na faculdade o importante é a lição humana.
- Há incentivo para a leitura; fez uma monografia.
- A parte técnica é muito prejudicada.
- Foi monitor de fotografia até o penúltimo semestre, por hobby. Gosta e chegou a ter um laboratório em casa.
- Fez um curso de especialização em vídeo e fotografia porque o ajudaria na profissão.
- Começou a trabalhar no jornal, como estagiário, depois como free-lancer e hoje é contratado da empresa.
- Aprendeu muita coisa na prática.
- No jornalismo se faz tudo premido pelo tempo mas gosta de trabalhar assim por característica de personalidade.
- Hoje, faz o que gosta, o que sempre quis fazer. Também adora futebol e hoje é repórter esportivo no clube de sua preferência.
- Este ano começou a fazer Direito na PUC, como complementação de estudos, uma parte mais intelectual para a formação e para "ascender" porque ganha pouco para o que deseja.

#### Experiência no Colégio

- A melhor coisa do mundo ter ido parar lá.
- Quando entrou na 5a. série precisou de professor particular.
- Colégio dava liberdade vigiada.
- Com toda a contradição que possa existir, preparou para a vida.
- Conviver sempre com a mesma turma é genial.
- Sensacional a área de biomédicas na proposta do colégio. Lembra



sempre das aulas do Cordeiro e do Milagre.

- Na área humana, a disciplina de Português poderia ser mais avançada.
- A parte de didática em História poderia ser mais sistematizada, não sabe se é certo dizer isto. Os livros eram defasados.
- Gostava de ter aulas com estagiários. O professor não é obrigado a saber tudo.

#### Influência Familiar

- A família tem assinatura de três jornais diários.
- Gostam de música, rádio, deve ter influenciado.

#### Outros fatores de influência

- Não sabe. Quando criança queria ser jogador de futebol.
- Acha que isto também influenciou a escolha por jornalismo.

#### Exercício da profissão hoje

- É o sonho realizado.
- No jornalismo as idéias surtem efeito nas pessoas e elas têm que respeitar o profissional por isso.
- Gosta de se posicionar e jogar com as palavras.
- Em geral, nas dificuldades, trabalha bem.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- Aqui em Porto Alegre, oportunidades para o desenvolvimento da profissão, quase nulas, existem apenas dois jornais.
- Jornal onde trabalha é o mais lido do Estado; jornalismo é sério e ele gosta.
- Pretende fazer pós-graduação em jornalismo.
- Namorada é de Santa Catarina, talvez vá para lá.

#### Experiência na Universidade

- Há muita burocracia instalada.

- Alguns professores "aquartelados" não dão espaço.
- Departamentos assim como estão estruturados, não dá.
- Formação é muito genérica.
- No curso, parte técnica é caótica, inexistente. Melhor não ter do que ter assim. Computação não existe no curso.
- Adorou a parte humana, há liberdade, relação direta com o professor é ótima.
- Relação com os colegas é boa embora certa dificuldade em formar grupos pela organização do curso.

#### Parecer sobre a entrevista número 11

Para realizar a escolha profissional parece ter levado em conta o seu interesse mas também a relação entre ele, o desempenho escolar e suas características pessoais. Refere-se a isto dizendo que, em geral, tem mais facilidades naquilo que gosta mais. Esta idéia, de certa forma, também sugere que um interesse mais acentuado possa acontecer em função de uma habilidade desenvolvida.

Dizendo-se uma pessoa prática que queria vislumbrar o que iria fazer na profissão, parece ter encontrado através de uma visão prospectiva, esta possibilidade no jornalismo.

Na análise que fez dos motivos da escolha diz ter levado em conta também as suas limitações mas, estas parecem referir-se mais a um provável desempenho no vestibular do que ao exercício de atividades profissionais específicas. Ainda assim, este dado parece contemplar uma situação de realidade em relação às suas possibilidades imediatas na época da escolha.

Ainda que no início da entrevista tenha mencionado que sua escolha não foi por influência da escola, nem da família, reconhece posteriormente a influência familiar quanto ao interesse pela área humana e de comunicação e que deve ter se refletido na

sua formação.

Também aparece a valorização da figura do pai ao relatar que o procurou para conversar na época em que precisava tomar a decisão. A opinião dele parece tê-lo tranquilizado em relação a sua autonomia e capacidade para decidir, ainda que o mercado de trabalho estivesse difícil para qualquer profissão.

Parece valorizar muito a sua experiência no colégio e considerá-la muito importante para a sua formação pessoal. Embora aponte contradições existentes na escola, diz que esta o preparou para a vida. A sua afetividade pelo colégio aparece também quando diz que "a melhor coisa foi ter ido parar lá".

Na proposta educacional do Colégio de Aplicação, salientou a área de Ciências: Biologia e Química, referindo-se especificamente a dois professores e a qualidade de suas aulas.

Ainda que não fosse a área de sua preferência, chegou a pensar em realizar a sua escolha nesta área, tomando como referência a figura de seu professor, o que sugere a importância do modelo adulto como influência na adolescência.

Em relação à sua área de escolha faz algumas críticas e sugestões às disciplinas de História e Português que teve no colégio e estas parecem mais relevantes talvez por suscitarem maior interesse e, por isso mesmo, concentrarem mais a sua atenção.

Evidencia ter-se preparado para o exercício da profissão desde que passou no vestibular e antes mesmo de ingressar no curso. Quanto a isto diz que terminou um curso de inglês e fez um de datilografia porque sabia que seriam úteis. Também durante a faculdade parece ter aproveitado as oportunidades que teve no sentido de conjugar seus interesses pessoais - a fotografia, como hobby, a uma possibilidade de exercitar e desenvolver esta ativi-

dade, como monitor de uma disciplina específica. Fez ainda uma especialização em vídeo e fotografia. Ainda não tendo concluído o curso, buscou estágio como jornalista na mesma empresa onde trabalha até hoje.

Parece muito satisfeito com sua escolha, com sua trajetória e consigo mesmo, ainda que reconheça que precisa ganhar mais para o padrão de vida que deseja. A formação que busca agora no curso de Direito justifica-se como uma complementação intelectual na formação e uma possibilidade de ascensão financeira. No entanto, seus planos são no jornalismo, com um curso de pós-graduação, incluem a namorada que mora em outro estado e a possibilidade de trabalhar lá.

Percebe-se que desde a escolha, na época da escola, passando por sua formação profissional acadêmica, até os dias de hoje na atividade de Jornalista, buscou sempre integrar os aspectos de interesse, características pessoais e desempenho, aos aspectos da realidade profissional e social.

Sua preocupação parece ter sido sempre no sentido de encontrar satisfação pessoal no desempenho profissional.

Esta idéia parece reforçada quando diz que faz o que gosta e sempre quis fazer, referindo-se ao fato de ser repórter esportivo de um clube de futebol de sua preferência. Futebol é uma de suas paixões.

O exercício da profissão é visto como o sonho realizado e a possibilidade do reconhecimento e do respeito pela pessoa através de idéias expressas como profissional.

## Entrevista número 12

Curso: Ciências Contábeis

Idade dez/85: 16 anos

Idade atual: 22 anos

### Motivação e história da escolha

- Estava na hora da escolha.
- Com dezesseis anos era muito inexperiente, conhecia poucas profissões e a visão era mais da família.
- "A gente só se vê antes e o que será depois".
- O ensino deveria ter um ou dois anos a mais.
- Colégio de Aplicação é o colégio dos porquês: as pessoas aprendem a questionar e a se questionar.
- Escolheu pelo currículo. O mercado de trabalho influenciou.
- Por preconceito, algumas profissões foram tiradas de lado.
- Sempre foi ligado a finanças. Curioso em relação a notas, cédulas. O pai é bancário.
- Conversou com um profissional da área, amigo do pai. Sabia que Economia era só teoria e tinha dúvidas sobre Administração, Publicidade, nem pensar. Iria morrer de fome.
- No segundo semestre do curso trabalhou, por nove, meses em uma imobiliária, com números.
- Com dezessete anos, teve dúvidas quanto ao curso e pediu transferência para Administração, mesmo sabendo que não há mercado de trabalho.
- A dúvida era, fazer o que gosta e não viver bem ou, ao contrário, viver bem e não fazer o que gosta.
- Profissão de contador continua mal vista por causa do técnico de segundo grau; as prerrogativas são quase as mesmas.
- Desistiu da transferência antes do resultado da solicitação.
- Está concluindo o curso e esperando terminar a greve para a formatura.

- Novo vestibular em 1991 para Direito na ULBRA.
- Conversou com o pai sobre isto.
- O curso de Ciências Contábeis é bom, mas quer complementar com Direito Tributário. Esta complementação possibilita boa remuneração.

#### Experiência no Colégio

- Especificamente este grupo de profissões não usa nada do colégio.
- Faculdade é uma coisa nova, outro ritmo.

#### Influência Familiar

- Influência do pai que tratava com dinheiro; se "espelhou" no pai.

#### Outros fatores de influência

- A curiosidade em relação ao aspecto financeiro em geral.

#### Exercício da profissão hoje

- A vida deve ser aproveitada.
- O trabalho deve ser exercido com responsabilidade, mas o lazer também é importante.
- Pretende exercer uma atividade que conjugue os dois cursos.

#### Percepção da profissão no atual contexto

- Qualquer profissão está prejudicada hoje.
- Um vendedor ambulante ganha mais do que um profissional com curso superior. Será que vale mais?
- Em termos de perspectivas a sua profissão é bem valorizada, há muitos impostos no Brasil.

#### Experiência na Universidade

- Pode falar com profundidade porque tem duas experiências.

- UFRGS não tem preocupação com a frequência do aluno e com a sua formação.
- ULBRA tem professores ótimos.
- O curso de Ciências Contábeis da UFRGS é considerado o segundo melhor do Brasil.
- Deveria haver reestruturação de algumas disciplinas, não há estágio obrigatório, nem trabalho conclusivo.
- Embora houvesse aulas à noite, horário é "muito solto".
- Organização deveria permitir formar grupo; as pessoas se telefonam antes de fazer a matrícula para poder formar um grupo.
- Curso deveria ser mais prático, como a medicina.
- Deveria haver um convênio da UFRGS com as empresas; seria interessante para ambas.
- Largaria tudo se pudesse ter uma emissora de rádio porque é ligado à cultura em geral, teatro, música, informações.
- Administrar, contratar pessoas.
- Há mais ou menos dois anos que isto está mais claro na sua cabeça, mas sempre gostou e nunca pensou em fazer.
- A sua opção é a menos sacrificante e que dá retorno financeiro.
- Não vai ser aquilo que ama. Até hoje, não sabe aquilo que ama de verdade.

#### Parecer sobre a entrevista número 12

Para a escolha da profissão, parece ter levado em conta, na época, um fator pessoal de interesse, mas também e talvez mais, os aspectos externos e sociais que influenciam e determinam uma decisão em termos profissionais.

A influência familiar também parece evidente e clara para a escolha, assim como é reconhecida por ele esta influência e o desejo de espelhar-se no pai, cujas atividades se realizam na mesma área da sua escolha.

Atribui à sua experiência no colégio uma aprendizagem no sentido de questionar a realidade e questionar-se. No entanto, parece que as possibilidades destes questionamentos, na época, aconteceram mais em função dos aspectos da realidade externa do que em função de si mesmo, na época adolescente de 16 anos. A evidência de considerar mais os aspectos sociais da profissão, parece reforçada quando refere que algumas profissões, por preconceito, foram descartadas.

No fato de sugerir um ou dois anos a mais no ensino escolar, parece estar implícita uma idéia de que este tempo a mais seria necessário para obter mais conhecimentos, mais experiência de vida e talvez mais maturidade para a escolha.

As atividades do curso, a oportunidade de vivenciar um trabalho ligado à profissão e, tendo-se passado um ano da sua escolha, fez surgir dúvidas quanto à continuidade do curso e à decisão tomada, o que também parece reforçar a idéia de que o tempo e a experiência pessoal são importantes para o desenvolvimento e a conscientização de necessidades.

Percebe-se que mesmo tendo-se cercado de algumas garantias para a escolha, em função de um análise racional e objetiva das possibilidades profissionais, sua experiência suscitou questionamentos em relação aos seus interesses e satisfações pessoais na profissão.

No entanto, antes mesmo de concluir seu curso, já iniciou estudos que complementam sua formação na profissão escolhida e especializam o profissional desta área com a possibilidade de mais oportunidades de mercado de trabalho, melhor retorno financeiro e reconhecimento social.

Hoje, embora esteja percorrendo um caminho contínuo, ininterrupto na busca de uma formação profissional, reconhece que sua



opção é a "menos sacrificante e a que dá retorno financeiro". Ao dizer que não vai ser aquilo que ama e que, até hoje, não sabe aquilo que ama de verdade, sugere que este caminho parece não atender plenamente suas necessidades de satisfação. A dúvida que sentiu quando do início da faculdade, parece apontar para uma reflexão neste sentido. No entanto, as questões de mercado de trabalho parecem tê-lo influenciado mais uma vez e decidiu permanecer com a escolha feita.

A visão que tem da universidade aponta aspectos que valorizam o seu curso quanto ao reconhecimento pela competência, mas aponta sugestões quanto a maiores possibilidades de formação na prática e também quanto à necessidade de relacionar-se com grupos na época da faculdade.

Os aspectos pessoais mais afetivos parecem estar mais claros para ele, há cerca de dois anos, ainda que pouco relacionados com a sua escolha profissional.

Entrevista número 13

Curso: 1o. Física

2o. Comunicação Social: Publicidade

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- Na época se fixou mais na área de ciências exatas porque o colégio tinha laboratórios, oportunizava ver o funcionamento das coisas.
- Sempre foi curioso, gosta de fazer as coisas na prática, descobrir.
- Física é um mistério, sempre gostou e ainda é o seu objetivo.
- No curso Física muitas cadeiras de Engenharia. Pessoal da Física questiona mais, queria saber o porque das coisas.

- Entrou em contradição; estava imaturo na época.
- Buscou formar um grupo para trabalhar junto na prática. Fizeram estudos e apresentaram trabalhos fora do estado.
- Física da faculdade mais teórica que a do colégio. Alguns professores do colégio marcaram por isto, o Luiz Fernando em Física e o Milagre em Química.
- Família numerosa começou a cobrar um trabalho; sempre incentivou a autonomia.
- Começou a trabalhar com arte; sempre desenhou bem.
- Fez quatro semestres do Curso de Física e novo vestibular em 1989 para Publicidade. Entrou em segunda opção, Biblioteconomia, lutou e conseguiu transferência de curso.
- Escolheu Publicidade porque é prático como pessoa; diploma é para por na parede.
- Curso de Publicidade precisa mais teoria.
- O problema são os professores; é triste; são boas pessoas mas não têm didática; têm muita prática.
- O bom professor relaciona a disciplina com a realidade e a profissão.
- No primeiro semestre de Publicidade não trabalhou para se socializar com o grupo; mercado exige que os profissionais se unam.
- Pensa em fazer pós-graduação em Publicidade nos Estados Unidos e depois sonha em estudar Física na Europa.

#### Experiência no Colégio

- Não sabe a metodologia mas desde o primeiro dia aprendeu que o mundo precisa ser questionado e a não aceitar as coisas prontas.
- Quer ser autônomo, pensar por si.
- Experiência gerou segurança pessoal, confiança em relação ao saber. Ainda que não saiba, sabe que pode aprender. Pode, com isto, ficar excessivamente confiante.

- Maturidade é personalidade e conhecimento, razão e emoção. No colégio o mundo da razão é forte, o mundo emocional é fraco.
- O colégio é uma família, uma casa, não proporciona abertura em termos emocionais. Neste sentido tem a teoria mas não tem a prática.
- Tudo o que acontece é ali dentro; saiu com pouca experiência emocional.
- O professor é amigo, mas é a única janela para o mundo.
- A formação do colégio é para um mundo sério, de pessoas sérias; isto vai ajudar no que pretende.

#### Influência Familiar

- Família grande com profissões de diferentes áreas: Odontologia, Arquitetura, Educação Física, Engenharia, Música, Direito.
- Para o vestibular sempre tem alguma pressão de família.
- Há pressão social: com 16 anos tem que entrar na faculdade.
- Em casa perguntaram o que ia querer com Física, mas era o que mais o agradava.
- O pai sempre apoiou a escolha e a cobrança não veio antes.
- A escolha foi sua.

#### Outros fatores de influência

- Sempre foi de desafios: a Física e a Publicidade são desafios.

#### Exercício da profissão hoje

- O seu ideal; a consideração por aquilo que faz e a remuneração por isto.
- Um gari é um profissional mas não tem consciência disto.
- Um advogado que é funcionário público apenas sobrevive.
- Um profissional representa a capacidade que absorve e as características pessoais que possui.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Publicidade surgiu das necessidades da sociedade.
- É um "oba, oba"; qualquer um pode ser publicitário.
- É um curso prático.
- Se a sociedade fosse séria, cada profissional trabalharia na sua área e seria bem pago.
- Em uma sociedade consumista e alienada, a televisão define o que é moda, influencia pessoas, distorce a realidade, mostra profissionais fantasiosos.
- A profissão, no entanto, é possível e o nome se faz.
- Nos primeiros anos da profissão, o retorno financeiro é baixo; depois de fazer nome compensa.
- Para quem é bom, sempre tem lugar.

### Experiência na Universidade

- Valoriza a universidade que tem; esforçada para os limites que possui.
- Mal administrada pelo governo, sofre cortes mas está de pé e não deve ser privatizada.
- Milhares de alunos ficam a disposição de professores e salas. As direções deveriam fazer os horários.
- Quem trabalha não pode ficar dependendo de horários diurnos.
- Professores reivindicam salários; alunos, qualidade.
- Professor em geral sente que é mais do que o aluno que, às vezes, sabe mais do que ele e quer absorver o máximo.
- Professor que não dá aula e manda fazer trabalho é como se estivesse mandando aluno embora.
- Há poucos recursos materiais, laboratórios. Apesar disso, alunos são bons e a universidade ainda é boa e funciona.

### Parecer sobre a entrevista número 13

Desde o início da entrevista o aluno relaciona suas escolhas

com interesse pessoal (gostar de) a características pessoais como curiosidade, gostar de desafios, descobrir o funcionamento das coisas, realização prática. Reconhece também que tem habilidade para desenho e realiza trabalhos nesta área.

Atribui à escola a influência para a sua decisão na época do primeiro vestibular quando fala dos laboratórios onde via as coisas acontecerem na prática e menciona professores que marcaram por isto, na área de ciências exatas.

A realização de um segundo vestibular aparece relacionada à sua imaturidade na época e à necessidade financeira de um trabalho imediato, ainda durante seus estudos.

A pressão social aparece em relação à sua primeira escolha, quando fala que, com dezesseis anos, tem que fazer vestibular.

Filho de uma família numerosa, a necessidade econômica parece estar implícita mas também é explicitada quando diz que o pai garante a sobrevivência mas exige dos filhos a realização de um trabalho remunerado assim que ingressem na universidade para suas despesas extras e lazer, e como incentivo à autonomia.

As escolhas feitas, ainda que pertencendo a duas áreas do conhecimento, são vistas por ele como um desafio e possíveis de integração futura.

O fato de não ter conseguido aprovação direta por ocasião da realização do segundo vestibular, mas ter continuado a lutar por uma vaga e conseguido a transferência de curso, parece relacionar-se às suas características pessoais, de gostar de desafios. Também parece se relacionar ao que ele fala de sua aprendizagem no Colégio de Aplicação quando diz que desde o primeiro dia aprendeu que não se deve aceitar as coisas prontas, questionando o mundo onde se vive.

Valoriza suas experiências no colégio em termos de conhecimento e razão, e questiona em termos de relação com a realidade externa e emoção, reconhecendo no professor da escola, um amigo, mas como sendo a única janela para o mundo. Compara o colégio a uma família.

Quando menciona que a formação recebida na escola é para um mundo sério, de pessoas sérias, e que isto vai ser importante para o que pretende, pode-se inferir que, por esta afirmação, perpassem valores da formação escolar.

Em relação ao conhecimento adquirido, sente-se seguro mas teme se tornar excessivamente confiante, de onde se conclui algum temor no sentido de superestimar situações onde este conhecimento esteja à prova.

O aspecto social de relacionamento parece muito valorizado por ele e aparece no seu relato, em diferentes momentos.

A influência do pai, como figura significativa, aparece no apoio prestado por ocasião da escolha, quando outros familiares questionaram a decisão. Aparece também quando diz que o pai sempre incentivou a autonomia e ele quer ser autônomo e pensar por si mesmo.

Em termos de perspectivas, analisa criticamente a sociedade, apontando aspectos de consumo e alienação social. No entanto, coloca expectativas positivas, quando refere que para quem é bom, sempre tem lugar, o nome se faz e a recompensa financeira vem quando o profissional nesta área fizer nome. Parece, com isto, perceber a dificuldade de projetar-se no mercado de trabalho, mas demonstra esperança de se tornar um bom profissional, "fazer um nome".

Valoriza a instituição a que pertence, dizendo que ela é esforçada embora a critique sobretudo quanto aos horários estabe-

lecidos, cujo funcionamento é mais nos turnos da manhã e da tarde. Quando diz que quem trabalha não pode ficar dependendo de horários diversos, parece referir-se também às suas necessidades pessoais.

A crítica aos professores da universidade parece acontecer pelo desinteresse que estes possam demonstrar em relação à pessoa do aluno, colocando-se em uma posição superior, deixando de valorizar o conhecimento que este já tenha adquirido.

Quando diz que o professor que em vez de dar aulas, dá um trabalho, é como se mandasse o aluno embora, parece revelar a necessidade de inter-relação com o professor e não só com o conteúdo.

Neste sentido, preocupa-se com o conhecimento mas parece também preocupado ainda com uma busca de modelos de identificação para a construção de uma identidade profissional e pessoal.

Em geral, parece estar inserido em um processo de busca que consolide sua escolha e sua afirmação pessoal no contexto social.

Entrevista número 14

Curso: Direito

Idade dez/85: 17 anos

Idade atual: 22 anos

Motivação e história da escolha

- é difícil dizer o que levou a escolha.
- Apesar do trabalho de Informação Profissional as pessoas que estão perto influenciam.
- Preferência era pela área humana.
- Vestibular para Direito na UFRGS e Psicologia na PUC passou nos dois; decidiu por Direito.
- No início do curso se arrependeu. Vinha de uma escola pequena,

o que o aluno dizia era considerado. Na faculdade não era assim, "não querem saber de ti como pessoa".

- No colégio, a mesma turma desde a quinta série. Não tem dificuldades de relacionamento mas estranhou muito a faculdade: aulas expositivas e ser tratada em geral.
- Tinha dúvidas, mas no meio do curso se encontrou.
- Hoje vê que não iria se dar bem com Psicologia.
- É cedo fazer uma escolha profissional com dezesseis anos. "É um crime". Tem gente que nunca se encontra.
- Já está definida profissionalmente.
- É difícil dizer se na época da escolha tinha a mesma clareza.
- Concluiu o curso em cinco anos. Trabalhou, a seguir, em um escritório grande, por seis meses.
- Faz concurso para Promotoria; passou na primeira etapa e está fazendo curso preparatório para a segunda etapa.
- Experiência do trabalho foi boa, embora a jornada de trabalho fosse de quatorze horas.
- É importante trabalhar mas também ter tempo para a vida pessoal.
- Sempre pensou em promotoria, sabe que é difícil, cargo de responsabilidade e exige morar no interior
- É difícil passar no concurso da primeira vez, exigência grande, mas está estudando.

#### Experiência no Colégio

- Colégio contribuiu para a formação e gosta dele até hoje.
- Foi importante ser tratada como gente; aprendeu fazendo experiências.
- Área humana é muito valorizada no colégio e ela adorava Filosofia, História.
- Na área de ciências exatas o aprendizado era sempre concretizado.
- Importante também para a convivência, pelo aluno ser considera-



do uma pessoa, interagir no seu conhecimento.

### Influência Familiar

- A família sempre tem influência, principalmente uma família forte e presente como a dela.
- Não indicou, mas aprovou a escolha.

### Outros fatores de influência

- Considerou o mercado de trabalho.
- É uma pessoa extrovertida e o interesse combinava com a atividade do trabalho.

### Exercício da profissão hoje

- Muita responsabilidade.
- Tentar fazer cumprir as leis deste país, o que é difícil.
- Dedicção; enfrentar desafios; seriedade.
- Vida particular não deve ser relegada.

### Percepção da profissão no atual contexto

- Como advogada, problemática.
- Como promotora, uma profissão importante no Brasil.
- Função primordial do Promotor é a defesa da sociedade.
- O controle do cumprimento das leis é seu dever e tem poder para isso.
- Importante a troca com a sociedade.
- Socialmente é valorizada pela importância que tem.

### Experiência na Universidade

- No começo frustrante, se esforçou para adaptar-se e integrar-se.
- O Direito é muito corporativo.
- Há dois ou três professores que são só professores, os demais são procuradores, desembargadores e esta hierarquia vai para a

faculdade.

- Há muita formalidade e distância.
- As vezes, poucas aulas.

#### Parecer sobre a entrevista número 14

Hoje, parece que considerou em sua escolha aspectos de interesse, mercado de trabalho e características pessoais combinadas às atividades exigidas pela profissão.

Ao revelar não ser fácil determinar os motivos de sua decisão na época e que uma escolha com dezesseis anos é difícil e um "crime", mas que está definida profissionalmente, sugere satisfação pessoal consigo mesmo pela possibilidade de identificação com a escolha realizada.

As dúvidas que tinha entre Direito e Psicologia parecem ter sido dissipadas ao longo do tempo, ainda que a decisão de permanecer com a primeira opção, possa estar relacionada pelo curso pertencer a UFRGS, a mesma instituição do Colégio de Aplicação. Os motivos desta preferência não aparecem na entrevista mas parece que este fato também influenciou o caminho da sua formação profissional.

Reconhece a importância da escola em sua formação, valorizando muito a experiência que teve, a consideração do colégio pelos aspectos individuais e pela pessoa do aluno, tanto no conhecimento quanto nas relações interpessoais.

A área humana de sua preferência e valorizada pelo colégio é citada por ela, destacando duas disciplinas em especial. No que se refere a metodologia, refere-se a importância de uma aprendizagem concreta, principalmente na área de ciências exatas.

Sua afetividade em relação à escola também é declarada objetivamente quando diz que "gosta até hoje".

Reconhece que a família sempre exerce influência em uma decisão em termos profissionais referindo-se a sua, naturalmente, como forte e presente. Neste sentido parece valorizar a sua formação familiar.

A formação escolar recebida parece ter sido frontalmente diferente do tipo de formação que encontrou na sua profissionalização. As diferenças de metodologia mas, sobretudo, as diferenças quanto ao tratamento do aluno, parecem ter sido mais observadas por ela que, no entanto, procurou adaptar-se e integrar-se a esta nova realidade.

A valorização que confere à profissão envolve aspectos de seriedade, responsabilidade e poder e passa pelo valor social que é conferido ao profissional que escolheu ser.

Parece tranqüila e satisfeita consigo mesma e com sua trajetória pessoal desde a escolha. Engajada com as atividades da profissão, está procurando os meios para desenvolver-se dentro dela, o que sugere uma identificação não só com a escolha mas agora, com a profissão.

### 3.2.2 - Parecer Geral de Categorização

Tendo em vista os pareceres individuais sobre as entrevistas, foi possível também emitir um parecer interpretativo de categorização sobre a situação dos alunos, em relação à sua escolha profissional.

Estas categorias não pretendem que se estabeleça um quadro estático e finito em si mesmo quanto à situação da escolha, visto que se considera que a identidade profissional é parte da identidade pessoal do indivíduo, cujo processo de construção é dinâmico e se faz ao longo do tempo. Negar isto, através de um quadro de categorias fechadas, seria negar todo o constructo desta pesquisa.

Neste sentido, este parecer tem como finalidade registrar os diferentes estágios em que se encontram os alunos em relação ao seu processo de escolha, o que vem confirmar que o desenvolvimento humano é uma construção pessoal que se faz no social; depende de fatores internos, mas também do significado que o contexto da realidade possa ter para cada individualidade.

Assim, para a elaboração destas categorias, foram considerados os fatores pessoais da escolha, os aspectos institucionais, familiar e educacional e, ainda, os fatores da realidade profissional e social, na medida em que apareceram ou não, nas entrevistas realizadas. Também foram consideradas, a existência de projetos pessoais em relação à profissão e as evidências de manifestações de satisfação com a escolha realizada.

Para uma classificação das entrevistas, por categorias, levou-se em consideração a opção profissional existente na data da realização das entrevistas, independente de ser a primeira ou a segunda escolha e do fato do aluno ter ou não concluído seu curso universitário.

Considerando-se estes aspectos, temos que:

- cinco alunos parecem identificados e/ou satisfeitos com a escolha realizada (categoria 1);
- seis alunos parecem em busca de uma identificação e/ou satisfação com a escolha realizada (categoria 2);
- três alunos parecem pouco identificados e/ou satisfeitos com a escolha realizada (categoria 3).

No entanto, após a categorização pode-se também fazer algumas considerações quanto ao número de opções realizadas, à área das escolhas, sua relação com o Diagnóstico de Informação Profissional e à conclusão ou não do curso acadêmico. Assim, temos:

- quanto à categoria 1:

- . dos cinco alunos classificados nesta categoria, três deles fizeram suas escolhas por cursos da área científica e dois, por cursos da área humanística;
- . estes cinco alunos fizeram uma única opção profissional até a data da realização da entrevista;
- . quatro alunos já concluíram seus cursos universitários: três na área científica e um na área humanística;
- . o aluno que está em curso, tem a sua escolha na área científica.

- quanto à categoria 2:

- . dos seis alunos classificados nesta categoria, dois fizeram suas escolhas por cursos da área científica e quatro por cursos da área humanística;
- . dois destes alunos fizeram uma segunda escolha profissional; os dois faziam cursos da área científica; um deles tinha diagnóstico para esta área e o outro para a área humanística; os dois mudaram sua opção para cursos da área humanística;
- . um aluno já havia concluído seu curso, que pertence a área humanística.

- quanto à categoria 3:

- . dos três alunos classificados nesta categoria, dois fizeram suas escolhas por cursos da área científica e um por curso da área humanística;
- . um destes alunos fez uma nova escolha profissional para a área científica, a mesma da primeira escolha e para a qual tinha o diagnóstico de Informação Profissional;
- . um destes alunos já concluiu seu curso, na área humanística, e os dois que estão em curso, têm suas escolhas na área científica e humanística.

### 3.3 - INTEGRAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta etapa da investigação contém elementos que tiveram origem em coleta de verificação de dados ou são resultados de análises parciais efetivadas ao longo deste estudo. Procurando integrar todos os dados utiliza a Análise Fatorial de Correspondência como tratamento estatístico para esta compatibilização.

Segundo Calegari-Jacques (1991) a Análise Fatorial de Correspondência (AFC) é uma técnica estatística exploratória que se destina mais a gerar hipóteses, do que testá-las. Como método, é utilizado para avaliar a associação entre duas ou mais variáveis categóricas que costumam ser organizadas em tabelas de contingência. Através de uma correlação entre linhas e colunas, este tipo de representação permite visualizar, mais facilmente, a relação entre linhas, entre colunas e entre cada linha e cada coluna, verificar não só a proximidade entre as categorias mas possíveis associações entre elas.

O objetivo desta análise é verificar como todas as variáveis que identificam ou caracterizam a população pesquisada se associam e se relacionam ao grau de satisfação com a escolha profissional realizada.

Assim, considerou-se o parecer de categorização relativo às quatorze entrevistas como variável dependente que está assim definida e codificada:

SAT -> parece identificado e/ou satisfeito com a escolha realizada;

EMB -> parece em busca de satisfação e/ou identificação com a escolha realizada;

NSAT -> parece pouco satisfeito e/ou identificado com a escolha realizada.

As outras variáveis que foram consideradas para verificar a

existência de correlação com a variável dependente se referem aos seguintes dados e estão assim categorizadas e codificadas:

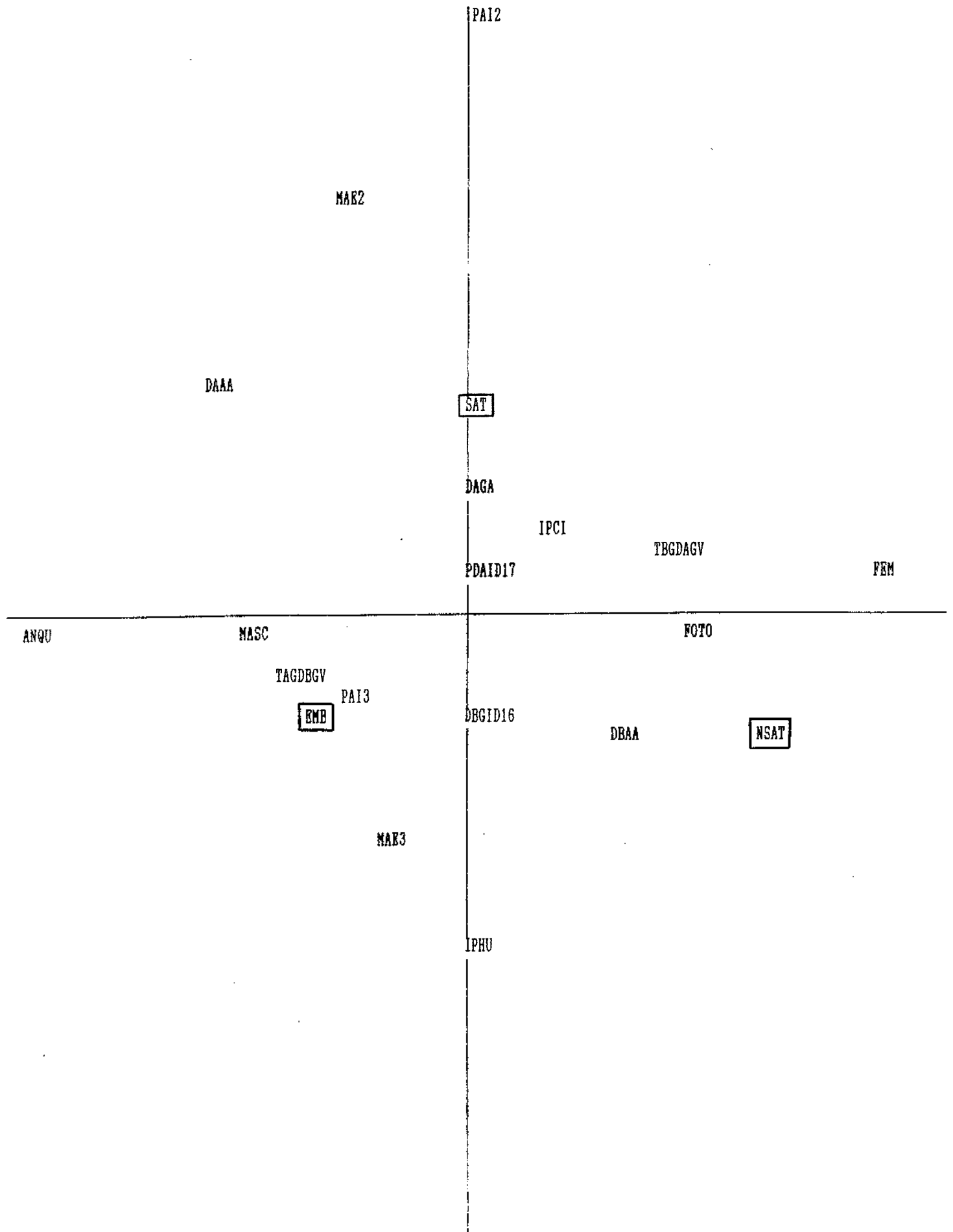
- sexo: masculino (MASC), feminino (FEM);
- idade do 1º vestibular: 16 anos (16), 17 e 18 anos (17);
- nível de instrução dos pais: I Grau (1), II Grau (2), III Grau (3);
- Diagnóstico de Informação Profissional: área científica (IPCI), área humanística (IPCH);
- opção da disciplina profissionalizante no II Grau: Fotografia (FOTO), Processamento de Dados (PDAD), Análises Clínicas (ANQI). Esta variável foi considerada porque, de certa forma, revela a área de preferência dos alunos, na escola.

O desempenho escolar e no vestibular também foram considerados variáveis para associação. Categorizadas pela média em dois níveis, alto e baixo, estão assim definidas:

- desempenho geral no Colégio de Aplicação no II Grau: baixo (DGBA), alto (DGAA);
- desempenho no Colégio de Aplicação na área da escolha profissional: baixo (DBAA), alto (DAAA);
- total geral de recuperações no Colégio de Aplicação: baixo (TBGR), alto (TAGR);
- desempenho no vestibular/1986: baixo (DBGV), alto (DAGV).

O tratamento estatístico resultou em uma Tabela de Freqüências Cruzadas entre as Categorias (Anexo 2) e em um Gráfico de Associação entre as Categorias (gráfico 1), apresentado a seguir:

ANALCORR



Verticalement: Axe N° 1 ( 69 % )  
Horizontalement: Axe N° 2 ( 31 % )



Em relação a esta configuração, de um modo geral, pode-se constatar que:

- os alunos que parecem satisfeitos e/ou identificados com a escolha realizada são aqueles que tinham dezessete anos na época do vestibular/1986, possuíam o diagnóstico e realizaram as suas escolhas por cursos da área científica do conhecimento, optaram por cursar a disciplina profissionalizante de Processamento de Dados no colégio, têm pais e mães com escolaridade até o II Grau, tiveram um bom desempenho (alto) em sua escolaridade de II Grau, em geral e na área da escolha profissional e obtiveram resultados gerais altos nas provas do concurso vestibular;
- os alunos que parecem em busca de satisfação e/ou identificação com a escolha realizada são aqueles que fizeram vestibular com dezesseis anos, pertencem mais ao sexo masculino, possuíam diagnóstico e realizaram suas escolhas por cursos da área humanística, optaram por cursar a disciplina profissionalizante de Análises Clínicas no colégio, têm pais com escolaridade até o III Grau (nível superior), tiveram um total alto de recuperações no Colégio de Aplicação e um desempenho geral mais baixo no concurso vestibular;
- os alunos que parecem pouco identificados e/ou não satisfeitos com a escolha realizada, tinham dezesseis anos na época do vestibular, estão associados tanto à área humanística quanto à área científica do conhecimento, optaram por fotografia como disciplina profissionalizante no colégio, tiveram um desempenho mais baixo no colégio na área da escolha.

Analisando estes resultados pode-se concluir que:

- a idade em que o adolescente realiza a escolha profissio-

- nal, o desempenho escolar, o desempenho no vestibular, o nível de escolaridade dos pais associam-se à escolha realizada e ao grau de satisfação e/ou identificação com ela;
- as disciplinas profissionalizantes de II Grau do Colégio de Aplicação não estão, em geral, associadas à satisfação com a escolha realizada e a opção pela disciplina de Processamento de Dados é a que parece guardar mais coerência com escolhas por cursos da área científica;
  - a variável sexo parece não ser determinante na satisfação e/ou identificação com a escolha realizada.

Considerando-se também esta análise em relação ao universo de adolescentes que realiza uma escolha profissional, os resultados aqui evidenciados, fazem com que se levantem várias novas hipóteses e motivam novos questionamentos em relação a este tema:

- uma maior satisfação e/ou identificação com escolhas da área científica, se relacionam à objetividade que caracteriza esta área do conhecimento e a uma maior possibilidade de inserção imediata no mercado de trabalho, considerando o atual contexto econômico e social?;
- as escolhas por cursos da área humanística caracterizam uma busca mais aprofundada do que seja a realização pessoal e profissional?;
- a associação entre busca de satisfação e pais com escolaridade de nível superior pode significar que, para indivíduos que têm mais garantias econômicas da família não se criam necessidades desta ordem, estendendo-se assim o período de dependência adolescente;
- a expectativa familiar de pais que possuem uma escolaridade de nível médio pode determinar nos filhos uma maior motivação de ascensão cultural e social e por isso mesmo, influenciar na satisfação com a trajetória pessoal percorrida até a identificação profissional;

~ os resultados do desempenho cognitivo repercutem na auto-estima do aluno, interferem na escolha realizada e na possibilidade de identificação com ela.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados aferidos nas diferentes etapas desta investigação evocam idéias e conceitos do referencial teórico para que se façam algumas considerações finais.

A afirmação de que a história pessoal de desenvolvimento humano envolve aspectos biológicos, afetivos e sócio-culturais se relaciona, nesta pesquisa, à idéia de que a identidade profissional é parte da identidade pessoal do indivíduo cujo processo de construção é dinâmico, acontece ao longo do tempo e depende da interação entre fatores pessoais e aspectos sociais.

No caso dos adolescentes que fizeram parte deste estudo se considerou a oportunidade de escolha de uma profissão de nível superior como fator importante para o processo de busca de uma identidade adulta.

A simples expressão "eu sou eu", utilizada por Grimberg (1970) para definir a identidade pessoal é mais explicitada por Erikson (1976) quando ele refere que a identidade pessoal pode ser definida como uma percepção pessoal e social de uniformidade e continuidade da existência, no espaço e no tempo. Segundo este

autor, o homem, porque tem necessidade de sentir que pertence a uma humanidade, necessita também combinar o orgulho tecnológico com o sentimento de possuir uma identidade. A atividade profissional faz-se importante neste sentido.

Expressões como: ser alguém, ter um nome, ser conhecido e reconhecido pelo que se faz, são as manifestações gerais e comuns a todos os alunos quando respondem sobre o significado do exercício profissional. Necessidades de autonomia, independência afetiva e financeira também ficam evidenciadas, assim como as preocupações com o mercado de trabalho e a valorização social obtida através da atividade da profissão.

Os resultados, de um modo geral, enfatizam, neste caso, que o processo da escolha não termina com a decisão tomada pelos alunos, com a classificação no vestibular ou com o ingresso na universidade, nos cursos pretendidos. Na história pessoal destes adolescentes, a família, a escola e a universidade interferem e contribuem não só para a decisão mas para a possibilidade de uma identificação com a escolha realizada. Cabe aqui fazer uma referência a Bohoslavsky (1987). Segundo este autor, definir o futuro não é definir somente o que fazer mas, fundamentalmente, quem ser.

Tendo em vista o que foi exposto, parece importante que se destaque, nas considerações, o papel desempenhado pelo aluno, pela família, pela escola e pela universidade, na história da escolha profissional na adolescência.

### **Os Adolescentes**

A média da idade dos alunos, na época em que realizaram sua escolha profissional (desesseis, dezessete anos) revela que eles tiveram uma escolaridade regular, tendo em vista o modelo educacional brasileiro proposto, o que é considerado um privilégio. Em

nosso país a maioria dos jovens não consegue concluir seus estudos, sequer a nível de I grau.

Em relação a isto, parece interessante observar que estes adolescentes, em sua grande maioria, têm pais e mães com nível de instrução média e superior. Pode-se inferir, através deste dado, que possuam um nível sócio-econômico da considerada classe média da população brasileira o que, de certa forma, parece viabilizar e garantir a permanência dos filhos na escola e a valorização do conhecimento a nível escolar e universitário.

No período desta investigação, de 1983 a 1991, não se registrou nenhuma evasão da escola e da universidade, na população pesquisada. Também ficou constatado, durante as entrevistas realizadas, que a maioria destes alunos, hoje com vinte e dois, vinte e três anos, ainda não ingressou no mercado de trabalho. Alguns poucos já trabalham, concluíram seus cursos e são independentes, financeiramente, de família. Entretanto, de um modo geral, pode-se dizer que aqueles que estão em curso e mesmo alguns que terminaram seus cursos universitários, possuem um respaldo econômico da família.

Em relação à idade em que é feita a escolha profissional, é importante salientar uma constatação de dificuldade na tomada da decisão profissional. Neste sentido, ficam evidentes as pressões sociais e culturais do meio, para que estes alunos ingressem na universidade.

Segundo Pelletier (1977), o desenvolvimento vocacional se confunde, em nossa sociedade, com a urgência de tomar decisões neste sentido. Uma imaturidade pessoal e a necessidade de obter mais conhecimentos através de experiências pessoais são reconhecidas pelos alunos que verbalizam suas incertezas na hora da decisão, sugerem um ou dois anos a mais na escolaridade de II grau, falam do quanto é difícil e até "um crime" fazer uma esco-

lha nesta idade; que existem pressões externas neste sentido. Fica constatada a insegurança, o temor de não acertar na escolha, de não atender às expectativas familiares e sociais, de não conseguir obter sucesso no mundo dos adultos, como já indica Bohoslavsky (1987), referindo-se à escolha na adolescência.

A realização de uma segunda escolha profissional de quatro alunos desta pesquisa, ainda que possa estar relacionada também a outros fatores, parece ter ligação com a idade em que foi tomada a primeira decisão. O período compreendido entre a primeira e a segunda escolha pode ter sido relevante para o amadurecimento pessoal e para uma visão mais consciente da realidade social. Neste sentido, Erikson (1976) aponta que, para alguns adolescentes, torna-se necessária uma espécie de moratória psicossocial para que eles, vivendo novas experiências, adquiram mais segurança para tomar as suas decisões.

Observa-se, mesmo entre aqueles que não trocaram de curso, que alguns manifestaram esta necessidade. Passado algum tempo de sua escolha, questionaram e repensaram sua decisão; houve quem trancasse sua matrícula para realizar viagens ou outras atividades, no sentido de descobrir-se e descobrir outras possibilidades.

Ainda no que se refere à idade, é interessante observar que os alunos que fizeram suas escolhas com dezessete anos, parecem hoje mais satisfeitos que aqueles que tomaram a decisão com dezesseis anos.

Mesmo considerando-se o número da amostra, este resultado parece relevante e motivo de maior atenção, considerando-se a demanda de alunos que buscam a universidade nesta faixa etária, o que representa a formação profissional destes alunos, para eles mesmos e para a sociedade.

Pode-se concluir que, nesta faixa de idade, um ano a mais pode fazer diferenças significativas no desenvolvimento pessoal, já que o período adolescente se caracteriza também como uma fase de intensas experiências pessoais.

Encontramos neste estudo também a possibilidade de verificar que o adolescente, na realidade, anda em busca de modelos de identificação adulta. Neste sentido, a figura do professor, tanto da escola quanto da universidade, e outras pessoas, podem se tornar significativas e se apresentar como uma possibilidade de "ser como". O ingresso no mundo adulto, ainda segundo Bohoslavsky, sempre é personalizado e esta idéia parece confirmada, tanto no que se refere às questões pessoais, quanto profissionais.

Figuras adultas, ainda que muitas vezes idealizadas, são tomadas como referência para os adolescentes. No caso da escolha profissional são consideradas a competência, o sucesso profissional e o prestígio social mas, de um modo geral, as pessoas parecem se tornar significativas pela importância que conferem ao adolescente. Estas idéias encontram ressonância em Coleman (1985), que fala sobre a importância dos adolescentes serem tratados pelo que são e não como um esteriótipo da fase que vivem.

Em relação à escolha propriamente dita, percebe-se que ela é decorrente de uma história pessoal de desenvolvimento e que os fatores de influência interatuam de diferentes maneiras, e de acordo com o significado que assumam para cada indivíduo. Merece destacar, no entanto, que o interesse por cursos e profissões mobiliza muito os adolescentes e os leva a tomar as decisões na área profissional. Esta motivação aparece, muitas vezes, como uma idealização por parte do adolescente e, em outras, como uma real possibilidade de execução da atividade profissional. Fica evidente que o gosto por uma determinada formação profissional pode ser



fruto de oportunidades e experiências pessoais vividas pelo adolescente na família, na escola ou em sociedade, mas também pode ser construído através de modelos de identificação e, desta forma, introjetado através do modelo que representa esta atividade profissional.

É importante considerar que o interesse como motivação para a escolha aparece, nesta pesquisa, sempre contextualizado e associado a outros fatores pessoais e sociais.

Deste modo, não é possível dizer que o interesse aparece como um fator interno de motivação porque, com certeza, as experiências familiares, educacionais e sociais podem despertar interesse por determinadas atividades e áreas do conhecimento.

Um outro aspecto a salientar no sentido da escolha é a percepção do adolescente sobre si mesmo. Alguns deles parecem ver-se a si próprios com mais objetividade, o que fica constatado ao se relacionar esta questão ao desempenho escolar e à escolha realizada.

Ao longo dos estudos do II grau, em geral, o interesse parece que se direciona e manifesta-se no desempenho escolar. As áreas do conhecimento em que o adolescente obtenha mais sucesso são, via de regra, as de sua preferência e, de alguma forma, também servem como referência para a área da escolha profissional. As análises feitas, confirmam esta idéia. Observa-se, no entanto, que alguns adolescentes fizeram suas escolhas por cursos e profissões que, com certeza, as maiores exigências seriam nas áreas de seu desempenho mais baixo na escola, ou que não se registravam como de sua preferência. Estas escolhas, embora parecendo contraditórias, confirmam Lidz (1983). Diz este autor que quando se fala sobre fatores da escolha profissional, resgata-se apenas uma parte da história já que aspectos e necessidades inconscientes direcionam também as escolhas profissionais.

Este fato, no entanto, merece ser ressaltado porque tende a se refletir, mais tarde, como mostram os resultados desta investigação, no grau de satisfação e na possibilidade de identificar-se com a escolha realizada.

Em geral, os adolescentes que parecem considerar mais objetivamente seus aspectos pessoais e ponderam mais sobre os aspectos de realidade profissional, como oportunidades de mercado de trabalho e de inserção social, parecem também mais satisfeitos ou identificados com a sua escolha.

Ao contrário, pode-se dizer que escolhas realizadas considerando apenas aspectos pessoais ou com ênfase somente nos aspectos de mercado de trabalho e de busca de prestígio social são, de alguma maneira, mais idealizadas e parecem não ter trazido a satisfação pessoal esperada.

Pode-se concluir esta idéia buscando novamente em Bohoslavsky a confirmação de que uma escolha consciente é aquela que envolve questões de auto-conhecimento e também o contexto da realidade onde está inserida. Esta possibilidade, que se relaciona ao estágio de desenvolvimento de cada um dos adolescentes que realiza a escolha, reforça a idéia da escolha como um processo de construção.

Para Knobel (1981), um adolescente só se torna adulto quando sua maturidade biológica esteja acompanhada de uma maturidade afetiva e intelectual; quando possa reconciliar-se com os pais da infância e separar-se deles, partindo então para construir sua vida, com uma nova identidade. Buscando relacionar esta idéia ao que ficou constatado em relação aos alunos que fizeram parte desta investigação pode-se dizer que alguns deles, independente de sua idade cronológica, estão mais próximos de uma identidade adulta, outros em um processo que se caracteriza ainda como uma fase de busca desta identidade. Alguns outros, ainda, parecem que

vão precisar de mais tempo para esta construção.

Confirma-se, contudo, que a história é escrita por cada um deles, no seu ritmo, no seu espaço e de acordo com o tempo que necessitarem para isto.

Para Coleman (1985), na adolescência, porque há muitas questões a resolver, o que os adolescentes parecem fazer, é ir resolvendo cada uma destas questões de cada vez, no sentido de um desenvolvimento ascendente, o que também parece acontecer com os adolescentes neste estudo.

### A Família

A família, como primeiro núcleo de formação e desenvolvimento, é remetida, através desta investigação, uma irrefutável relevância, principalmente no que se refere a valores, motivações e expectativas de vida.

A interferência do grupo familiar em todo o processo de escolha fica explícita na verificação dos dados e aparece também de maneira implícita e nem sempre reconhecida pelos alunos.

A conclusão é que esta interferência tanto pode acontecer de forma direta para a escolha, aceita ou não pelos adolescentes, e até classificada como uma pressão externa. Também acontece pelo exercício de atividades que privilegiam determinadas áreas do conhecimento ou, ainda, pela transmissão de valores e princípios de vida adotados pela família.

Muitos dos alunos desta pesquisa reconhecem que, direta ou indiretamente, sua opção originou-se da família. Outros, talvez em busca de uma autonomia ainda não resolvida, parecem ter dificuldades para reconhecer e admitir sua relevância. Nestes casos as respostas são contraditórias. Do mesmo modo que procuram negar qualquer participação familiar em relação à escolha, também men-

cionam desejos e expectativas da família em relação a ela.

Segundo Aberastury (1981), em relação à instituição familiar, o adolescente mantém vínculos muito importantes e se encontra em um momento particular em que começa a separar-se. A separação de um sistema do qual é elemento periférico para vir a converter-se em núcleo de outro sistema tem muitas implicações que vão além de uma escolha profissional.

Um adolescente, ao fazer a sua escolha, de certo modo altera o grupo familiar pois está dando o primeiro salto no sentido de separação, o que supõe não só uma reestruturação de si mesmo mas de todo o grupo. Ainda que seja o adolescente quem escolha converte-se, quase sempre, em depositário de um papel reparatório para a família, que passa, então, a depender da escolha. Esta pode, inconscientemente, transferir ao adolescente o encargo da reparação profissional.

Também se constata neste estudo que o pai aparece como uma figura valorizada, procurada para ajudar o filho em suas dúvidas, para apoio e reforço quanto à decisão a ser tomada.

Neste sentido pode-se citar Colemann (1985), quando diz que os adolescentes, ao contrário do que se pensa, necessitam da presença de adultos que não temam assumir seus papéis, porque isto lhes dá segurança.

Parece, também, interessante observar que a autonomia pretendida pelos adolescentes se vincula diretamente às relações que são estabelecidas na família. Uma situação de ambigüidade parece se estabelecer neste sentido, entre alguns indivíduos e seus familiares. A realização de um curso de nível superior e uma faixa etária mais aproximada da fase adulta (vinte e dois, vinte e três anos) parece não garantir para alguns, um estágio de mais liberdade e independência. Continuam a depender, não só economi-

camente, da família, como se encontram ainda ambivalentes em relação ao estabelecimento de valores próprios de vida. Percebe-se, em alguns jovens, uma necessidade de despreendimento familiar ao mesmo tempo em que projetam nos familiares a dificuldade para a separação.

A questão econômica, que já foi analisada sob o ponto de vista do provável nível sócio-econômico da família, parece ser também um recurso encontrado para que se mantenha o vínculo de dependência entre pais e filhos.

Assim como é difícil para os filhos, a separação dos pais, parece confirmar-se que é difícil para alguns pais poder separar-se dos filhos. O fator econômico, de fato, fica muito ligado às questões afetivas em se tratando de autonomia na adolescência.

Em se tratando de escolhas, não se pode esquecer que elas são também baseadas em identificações e que, por isso mesmo, jamais gozam de neutralidade afetiva. Considerando-se que a família é a base para todas as relações que se estabelecem, posteriormente, pode-se dizer também que ela é a matriz para as identificações no sentido da escolha de uma profissão.

#### A Escola

A experiência escolar não só pode influenciar, diretamente, uma escolha profissional mas é também responsável pelo desenvolvimento de capacidades intelectuais, formação de valores individuais, de uma consciência social crítica e pode-se refletir na busca da autonomia e em uma atuação consciente e responsável na sociedade.

A influência da escola para a formação do adolescente fica confirmada nesta investigação e se refere às diferentes aprendizagens que ela proporciona. Confirmando Petrovsky (1985), estas aprendizagens tanto podem acontecer nos aspectos cognitivos como

se relacionam à prática pedagógica diária, ao modo como se estabelecem as relações na instituição escolar.

Inicialmente parece importante que se procure estabelecer uma relação entre o número de alunos que ingressou na UFRGS em 1986, que não se alterou durante o tempo desta investigação, e a escola. O fato do Colégio de Aplicação pertencer a mesma instituição onde geralmente acontecem as escolhas e se constituir, por isso mesmo, o próprio contexto educacional destes alunos, parece ser relevante não só para o seu direcionamento como também para a valorização da universidade.

O currículo do Colégio de Aplicação é extenso, com ênfase nas áreas científica e humanística do conhecimento. As disciplinas de Artes, Teatro, Música, Filosofia, Fotografia, ao lado de outras do núcleo comum e obrigatório de legislação educacional brasileira, aparecem neste estudo como muito valorizadas pelos alunos. Na medida em que oportunizam desenvolver a sensibilidade e a criatividade como formas de expressão do ser humano, possibilitam um desenvolvimento pessoal mais abrangente e, mais diretamente, parece que direcionam profissionalmente.

Na realidade, o percentual de alunos que se encaminhou para cursos da área humana é considerado alto (40%), tendo em vista as vinte e cinco escolhas realizadas, e pode estar relacionado a este aspecto curricular.

Os resultados de vestibular também apontam para o currículo escolar. Fica evidenciado, de um modo geral, que existe relação entre os desempenhos de escola e de vestibular em disciplinas das duas grandes áreas do conhecimento. Mesmo que se questione a forma de ingresso na universidade, a realização de um concurso de provas como único instrumento utilizado para medir habilidades e promover uma classificação neste sentido, parece importante para a escola, que este dado seja considerado, até que se encontre

formas e possibilidades mais socializadas para o ingresso.

É interessante, no entanto, observar que os alunos ressaltam como importantes a metodologia utilizada pela escola e o tipo de relações que estabelecem no colégio, com os colegas e entre eles e os professores.

O ensino do Colégio de Aplicação prevê a participação do aluno na construção de seu conhecimento e este fato é percebido e valorizado pela grande maioria dos alunos desta pesquisa. Evocam em suas respostas, experiências diversas, um aprendizado baseado em situações práticas, o estabelecimento de relações e a aplicação do conhecimento. Os pressupostos do currículo escolar encontraram respostas neste estudo, principalmente no que se refere aos objetivos que a escola se propõe. O desenvolvimento de um pensamento crítico, autônomo, aparece nas respostas como uma aprendizagem já adquirida ou como meta de vida.

Parece ser comum entre a população pesquisada, a referência ao colégio ensinar a pensar, questionar-se e questionar o mundo, não aceitar as coisas prontas, preparar para a vida, favorecer a segurança intelectual, pensar por si mesmo, preparar para um mundo sério, de pessoas sérias.

Por outro lado, a escola sofre críticas que se referem a ser um micro mundo, com relações restritas que não preparam para viver fora dela. De fato, o Colégio de Aplicação, pelo número de alunos que possui, é considerado uma escola pequena, com relações muito próximas e personalizadas e que acontecem em um determinado contexto social. Ao mesmo tempo que isto parece se constituir um fator relevante para o adolescente que está procurando afirmar-se como pessoa e necessita ser confirmado, por pares e adultos, nas suas relações, parece representar também um impedimento para uma convivência mais heterogênea, aberta e mais próxima da realidade social mais ampla.

O enfrentamento de um mundo novo, a falta de experiência de vida e a perda de relações estáveis e conhecidas, parecem afetar, emocionalmente, alguns adolescentes. Entretanto, ao deixar a escola e ingressar na universidade, percebe-se que, em geral, após um período de adaptação, os alunos conseguem integrar-se a este novo mundo. Ainda que uma situação de insegurança emocional possa estar relacionado ao trabalho que a escola desenvolve, com certeza tem implicações com alguns aspectos que caracterizam a fase adolescente, porque a inserção no mundo adulto, que prevê o desempenho de novos papéis, envolve também a possibilidade de elaboração de perdas e o estabelecimento de novas relações que são desconhecidas.

As relações de amizade que se estabelecem no colégio, entre os alunos e os professores ficam aqui constatadas e vão além do tempo que dura a sua escolaridade. Passado o tempo, ex-alunos encontram-se, sistematicamente, saem juntos e não é raro que procurem a escola para conversar com professores, manifestando-se aí o laço afetivo que mantém com o colégio. Alguns professores são destacados pelos sujeitos desta pesquisa e logo são associados ao modo como desenvolvem a sua disciplina, à sua competência profissional e ao tipo de relação que estabelecem com os alunos, próxima e amigável. De acordo com Petrovsky (1985), em geral os adolescentes avaliam os professores segundo diferentes parâmetros e de acordo com os valores que podem ser incorporados a sua aprendizagem.

No que se refere às atividades de orientação vocacional, alguns dados merecem destaque. O diagnóstico de Informação Profissional, de um modo geral, aparece neste estudo como um elemento coerente, considerando-se todo o processo da escolha até o grau de satisfação obtido com ela. Ao se levar em conta as novas escolhas, constata-se que mais se aproximou a relação existente entre elas e o diagnóstico.



Ainda que o trabalho desenvolvido pela escola, neste sentido, encontre apoio e reforço no referencial teórico desta investigação, na medida em que considera a escolha dentro do processo global de desenvolvimento, merece destaque uma sugestão de procurar integrar ainda mais esta tarefa às demais disciplinas do currículo escolar, ao longo de toda a escolaridade do aluno.

Aprender a escolher é um processo que segundo Müller (1988), se inicia na família mas também pode ser oportunizado pela escola nas diferentes situações. Hoje, cresce cada vez mais a convicção de uma unidade do ato pedagógico e a visão do aluno como sujeito de sua ação, capaz de construir o seu conhecimento. A questão profissional, neste sentido, tem relação com toda a ação pedagógica que se revela na prática escolar diária. As oportunidades que a escola pode então proporcionar, provavelmente terão reflexos também na formação da identidade de seus alunos.

#### A Universidade

A universidade tem uma função importante e pode contribuir para a sedimentação da escolha profissional. Oportuniza não só o conhecimento profissionalizante específico; os aspectos de sua estrutura organizacional e as relações que nela se estabelecem também são relevantes para consolidar a escolha e para a formação de uma identidade a nível profissional.

Considerando que na adolescência os jovens buscam conteúdos, formas e modelos para afirmar-se como indivíduos na sociedade, o ingresso na universidade se apresenta como uma oportunidade para que alguns adolescentes possam desenvolver-se neste sentido.

A percepção que os alunos têm hoje da universidade, passados mais de cinco anos de seu ingresso e após a experiência, já concluída ou não, de sua formação acadêmica, apontam para questões de formação pessoal e profissional.

Valorizando a instituição pelo seu esforço para manter-se atuante na sociedade, apesar da crise política, social e econômica que vive o país, reconhecem que a universidade apresenta-se como um meio e uma possibilidade de desenvolvimento. Apontam, no entanto, algumas sugestões quanto a melhoria da qualidade do ensino e de um funcionamento mais integrado e que atenda seus objetivos pessoais e os da própria instituição.

Um dos aspectos mais relevantes levantados pelos alunos se refere à contribuição social da universidade. A abordagem do currículo universitário deve, na sua percepção, considerar também a possibilidade de aplicação de conhecimentos na grande camada da população brasileira, em termos de prevenção e solução dos problemas sociais. Sugerem também a abertura direta das portas da universidade para a comunidade, a qual pode se utilizar dos conhecimentos ali construídos.

A organização da universidade, por Departamentos, sofre críticas pela constatação da falta de planejamentos conjuntos que se refletem na seqüência curricular e na possibilidade de integração de conhecimentos. Esta forma de organização também tem repercussão na formação das turmas que são assim constituídas por alunos de diferentes cursos, o que parece dificultar um relacionamento mais aproximado entre eles. A necessidade de que objetivos do curso e da profissão sejam confirmados, também através de seus pares, nas relações inter-pessoais, parece importante para uma identificação profissional.

Percebe-se neste estudo que alguns cursos mantêm uma dinâmica de funcionamento mais integrada, o que parece favorecer uma maior possibilidade de adaptação, integração e identificação com o curso e, conseqüentemente, com a profissão escolhida. Os alunos que parecem mais satisfeitos com a escolha realizada atribuem também ao seu curso, aos seus professores, enfim, à universidade,

esta possibilidade.

As relações que se estabelecem na universidade são importantes também porque oportunizam a convivência com professores que exemplificam e personalizam o profissional que os adolescentes escolheram ser. Percebe-se aí, novamente, a questão do adulto como uma possibilidade de modelo de identificação.

Os jovens demonstraram valorizar os professores da universidade pela postura que assumem diante de sua matéria de conhecimento, pela responsabilidade, postura e pelo modo como se relacionam com o aluno e com a própria universidade. Sofrem críticas os professores que parecem não encarar com seriedade o seu próprio trabalho, os que tenham dificuldades didáticas e também aqueles que não se preocupam com o aluno e com a sua formação.

Paralelamente à competência profissional, os alunos parecem buscar, nos professores, indicadores de integridade pessoal de reconhecimento e de valorização da figura do aluno.

Mesmo que a maioria dos alunos não tivesse necessidade de ingressar no mercado de trabalho durante seus estudos, os horários de funcionamento da instituição são percebidos por eles como cerceadores desta possibilidade, uma vez que as aulas se desenvolvem, em sua maioria, nos turnos da manhã e da tarde. Parece haver consenso quanto a uma necessidade de reformulação neste sentido, o que de certa forma revela uma preocupação com os aspectos sociais mais abrangentes.

Interessante observar que muitos aspectos levantados nos resultados desta investigação, encontram apoio e reforço nas idéias levantadas em estudos já realizados pela UFRGS, no sentido de buscar soluções para causas de desistência e evasão da instituição. Ainda que os objetivos sejam diferentes nas pesquisas realizadas, alguns resultados apontam na mesma direção.

Neste caso, fica evidente que a universidade, ainda que se caracterize como um centro cultural que possui objetivos de um ensino profissional especializado, é também uma instituição educacional que deve se responsabilizar pela formação de uma identidade profissional, que vai além dos conhecimentos, dos conteúdos e das técnicas que instrumentalizam a profissão.

Concluindo estas considerações, encontramos em Bleger (1984) a afirmação de que as instituições são importantes para o desenvolvimento e comprometem a personalidade, na medida em que se vive grande parte da vida dentro delas. E, por isso, devem fornecer os elementos de segurança e identidade que possibilitem aos indivíduos, a sua inserção social.

As questões da escolha profissional, por certo, se iniciam na família, perpassam a escola e a universidade, não terminam com a conclusão destes estudos e se inserem em um contexto mais amplo, na sociedade. O que cabe às famílias, neste sentido, está mais longe da capacidade de intervenção dos educadores. Entretanto, o que acontece nas instituições escolar e acadêmica é de responsabilidade dos que dela fazem parte, com a preocupação de educar para uma sociedade mais justa.

É importante salientar que se tem presente que as instituições educacionais fazem parte de um contexto social mais amplo e tendem a refletir e reproduzir todo o sistema de relações onde estão inseridas. A elas não se pode imputar um poder onipotente no sentido de conseguir todas as mudanças pretendidas para a sociedade. Hoje, já se tem claro que a transformação social não se dará, exclusivamente, através da ação pedagógica. No entanto, buscar uma atuação que dinamize as relações nestas realidades, em busca de um desenvolvimento pessoal e social, pode contribuir para melhores condições de vida.

A confiança que crianças e adolescentes depositam na escola

é grande. Pode-se dizer, depois deste estudo, que os adolescentes também esperam muito da universidade. Esperam que ela se preocupe com sua formação pessoal e profissional, com atenção e respeito. Esperam, igualmente, que ela cumpra com seu papel social.

Na adoção de uma postura que considera que o conhecimento pressupõe uma relação dialética na busca de caminhos que apontem para soluções educacionais, é nossa proposta continuar aprofundando conhecimentos nesta área. Para isto, já foi elaborado um projeto de pesquisa que tem como objetivo verificar na UFRGS como é percebida, pelos professores, a questão da formação profissional na adolescência. Pretende-se, desta forma, compatibilizar os resultados aferidos nesta pesquisa que enfocou a questão do ponto de vista do aluno e da escola, com as percepções da instituição universitária. Espera-se, através de novos resultados, levantar alternativas e sugerir encaminhamentos que favoreçam a relação aluno-universidade, na busca de seus objetivos.

Em relação ao Colégio de Aplicação, as conclusões desta atual investigação, que se referem à estrutura, ao funcionamento e à prática pedagógica desenvolvida pela escola serão levadas como subsídios para reflexão e espera-se que contribuam para o aprimoramento de sua tarefa educacional.

Ao mesmo tempo, parece ser de nossa responsabilidade, atendendo aos objetivos de ensino, pesquisa e extensão que caracterizam o colégio, estender estes conhecimentos para outras instituições escolares de I e II graus. Neste sentido pretende-se compartilhar com a comunidade os resultados deste estudo, no que se refere à importância do currículo e da prática escolar diária como fatores de desenvolvimento de valores pessoais, profissionais e sociais.

Finalmente, considera-se importante referir que a atual pesquisa não esgotou todas as possibilidades de estudo sobre o

tema. É importante e recomenda-se que a escolha profissional na adolescência seja abordada também por outras áreas do conhecimento. As questões a ela referentes são amplas e podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista. Procedimentos científicos com outros enfoques, com certeza, poderiam enriquecer e contribuir para os conhecimentos que estão sendo construídos nesta área.

Cumpra dizer também que, os resultados obtidos com esta abordagem, não encerram as preocupações relativas ao tema. Ainda que as conclusões tenham possibilitado clarificar muitos aspectos e favoreçam uma prática educacional mais segura e consciente, suscitaram também novos questionamentos que se oportunizam como novas perspectivas de estudo e abertura de novos caminhos.

Desta forma, parece importante sugerir que outros aspectos que se relacionam ao processo de escolha na adolescência, sejam investigados. Algumas questões que já aparecem como relevantes, a partir dos resultados desta pesquisa, são os reflexos do desempenho escolar na auto-estima do adolescente e na sua decisão profissional, a interferência da escolaridade dos pais na construção da identidade profissional dos adolescentes e a relação entre identidade profissional e cursos das áreas científicas e humanística. Os fatores que interferem são múltiplos e merecem ser desvelados para favorecer ao adolescente o desenvolvimento do seu processo de busca de uma identidade adulta.

Se é ideológico preocupar-se com uma pequena parcela da população brasileira que realiza uma escolha profissional de nível superior, parece também ideológica a preocupação com aspectos que atendam às necessidades humanas de desenvolvimento.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - ABERASTURY, Arminda. Adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- 2 - ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Mauricio. Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- 3 - ALLAER, Carnois et al. La Adolescencia - Barcelona, Grafesa, 1972.
- 4 - AJURIAGUERRA, J. de. Manual de Psiquiatria Infantil. São Paulo: Vozes, 1983.
- 5 - AJURIAGUERRA, Julian, MARCELLI, Daniel. Manual de Psicopatologia Infantil - Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- 6 - APPLE, Michael W. Educação e Poder. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- 7 - BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- 8 - BLEGER, Jose. Psico-Higiene e Psicologia Institucional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- 9 - BOHOSLAVSKY, Rodolfo. Orientação Vocacional: a estratégia clínica. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- 10- CALEGARI-JACQUES, Silvia Maria. Análise de Correspondência, aplicações em genética. Cadernos de Matemática e Estatística, série E, Porto Alegre, n.2, 1991.
- 11- COLEMAN, John C. - Psicologia de la Adolescencia. Madrid, Morata, 1985.
- 12- CRITES, John D. Psicologia Vocacional. Buenos Aires. Paidós, 1974.
- 13- ERIKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- 14- FREIRE, Madalena. Escola, Grupo e Democracia. Revista Paixão de Aprender. SMED, Porto Alegre, nº 3, p.30-37 junho 1992.
- 15- FREIRE, Paulo, ROSISKA, Miguel, OLIVEIRA, Darcy, CECON, Cláudio. Experiências do IDAC em Educação Popular. São Paulo, Brasiliense, 1986.

- 16- FOLBERG, Marian et al. A Orientação Educacional em Questão. Porto Alegre, Movimento, 1984.
- 17- FRANCO, Irene E. de. El proceso de aprendizaje en la adolescencia. In: ENCONTRO ADOLESCENCIA y APRENDIZAGE, 1988. Buenos Aires. Anais ... Buenos Aires, Gama, 1988, p.7-9.
- 18- GIROUX, Henry. Teoria Crítica e Resistência em Educação. Rio de Janeiro. Vozes Ltda., 1983.
- 19- GRIMBERG, Leon y GRIMBERG, R. Identidade y Cambio. Buenos Aires, Kengiemann, 1970.
- 20- GRISPUM, Miriam Laura S. Z. A orientação vocacional contextualizada. Revista de Educação AEC, Brasília, v.16, n.64, p.7-30 1987.
- 21- HAVIGHURST, Robert. Carater y Personalidad del Adolescente. Madrid, Marova, 1972.
- 22- ISAÍÁ, Silvia Maria, MOSQUERA, Juan José Mouriño. Cognição na Adolescência: anatomia de um percurso psicológico. Revista Educação. Porto Alegre, ano 11, n.14, p.7-25 1988.
- 23- KORNIEIEV, P. V. La Experiencia Vital de la Persona. Montevideo, Pueblos Unidos, 1986.
- 24- LEWIN, Zaida Grimberg. A Escolha da Profissão. Cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1989.
- 25- LIBANEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos. São Paulo, Loyola, 1984.
- 26- LIDZ, Theodore. A Pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- 27- LÜDKE, Menge, ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.
- 28- MULLER, Marina. Adolescencia y escuela média. In: ENCONTRO ADOLESCENCIA y APRENDIZAGE, 1988, Buenos Aires. Anuais ... Buenos Aires, Gama, 1988. p.47-48.
- 29- MULLER, Marina. Orientação Vocacional: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- 30- MUSSEN, P. H., CONGER, J. J., KAGAN, J. A. Teoria da Psicologia do Desenvolvimento. In: Desenvolvimento e Personalidade da Criança. São Paulo, Habra, 1977.
- 31- NÓVOA, Antônio. Para o Estudo Sócio-Histórico da Gênese e Desenvolvimento da Profissão Docente. Teoria e Educação. Pannonica, Porto Alegre, nº 4, p.109-139, 1991.
- 32- PELLETIER, Denis, NOISEUX, Gilles, BUJOLD, Charles. Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal. Petrópolis/RJ, Vozes, 1977.
- 33- PETROVSKY, A. Psicologia Evolutiva y Pedagógica. Moscú, Progreso, 1985



- 34- PIMENTA, Selma Garrido - Orientação Vocacional e Decisões: estudo crítico da situação no Brasil. São Paulo, Loyola, 1984.
- 35- QUIROGA, Suzana. Processos de aprendizagem en la adolescencia. In: ENCONTRO ADOLESCENCIA y APRENDIZAGE, 1988, Buenos Aires. Anais ... Buenos Aires, Gama, 1988. p.9-11.
- 36- REYES, Reina. Para que Futuro Educamos. Montevideo, Ed. de la Banda Oriental, 1987.
- 37- SAVIANI, Demerval. Educação Brasileira: problemas. Educação e Sociedade, São Paulo, v.1, n.1, p.50-63, set.1978.
- 38- SPRANGER, Eduard. Psicologia da Juventude. Rio de Janeiro, Bloch, 1970.
- 39- SUPER, Donald E. Determinantes Psíquicas da Escolha Profissional. Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr./jun.1975.
- 40- STUMPF, Maria Conceição Tassinari. O ingresso na Escola: um desafio infantil. Cadernos de Aplicação, Porto Alegre, v.3, n.2, p.157-160, jun./dez. 1988.
- 41- UFRGS, Colégio de Aplicação. Plano de Metas, Gestão 1985-1988 Porto Alegre, 1985.
- 42- ----. Testagem do Currículo para aperfeiçoamento do professor com emprego de classes paralelas de 6ª e 7ª série. Porto Alegre, 1977. Mimeografado.
- 43- UFRGS. Pró-Reitoria de Planejamento - Departamento de Pesquisa Institucional. Evasão na UFRGS em 1984: cursos de graduação. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, [198?]. (Série Estudos e Projetos, v.12).
- 44- ----. Quem Procura a UFRGS: contingente descrito no CV/82. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1985. (Série Estudos e Projetos, v.12).
- 45- ----. Quem Procura a UFRGS: contingente descrito no CV de 1975/1983. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1986. (Série Estudos e Projetos, v.9).
- 46- ----. Vestibulandos UFRGS: contingente inscrito no CV 1984/1986. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1990. (Série Estudos e Projetos, v.13).

## ANEXOS

### ANEXO 1 - ENTREVISTAS

#### Entrevista número 01

##### Questão 1

R- Artes plásticas era o curso com mais cadeiras de fotografia. O profissionalizante do colégio direcionou nesta área. Outros cursos também ofereciam alguma coisa. Publicidade e Arquitetura também tinham fotografia, mas Artes era o curso que se preocupava com a formação estética que eu não teria com publicidade, por exemplo. Além disso, me proporcionou contato com o meio artístico. Nunca me arrependi de ter escolhido Artes. Não fiz bacharelado, pois não tem no curso, só licenciatura. Durante o curso não aprendi praticamente nada de fotografia, pois já tinha aprendido no colégio ou em outros cursos. Aprendi mais com colegas, embora tenha tido aulas que foram muito úteis.

Concluí o curso em dezembro de 1990 e agora estou indo para os Estados Unidos fazer um curso de dois anos em fotografia comercial, pois só de arte não se vive. Espero que este curso me dê mais possibilidades.

##### Questão 2

R- Eu já gostava de fotografia e, como já disse, o profissionalizante o basicamente me direcionou, me fez ter mais certe-

za. O tempo de colégio foi bom, não tinha "decoreba". Pensar era mais importante.

Além do mais, não gosto de ciências exatas. Até não tenho dificuldades, mas não gosto.

### Questão 3

R- A minha família sempre foi muito aberta quanto a minha escolha e sempre recebi apoio em todos os sentidos, inclusive financeiro. O pai, que teve uma agência de viagens e hoje é aposentado, sempre gostou muito de máquinas fotográficas embora não me deixasse usá-las, até os onze anos. A mãe é professora e tenho um irmão que fez publicidade em São Paulo. Penso que é uma tendência para a área humana e não das exatas.

### Questão 4

R- Eu já fotografava quando fiz um semestre de intercâmbio estudantil com os Estados Unidos e vivi lá por um semestre. A viagem foi importante também neste sentido.

### Questão 5

R- Representa ser alguém, especializado em alguma coisa. Fazer o que se quer da melhor maneira possível e também receber de volta o melhor possível, financeiramente. Na profissão é preciso ter um nome. Este curso que vou fazer, acho que vai me preparar. Representa ser reconhecido pelo mercado, ter mercado, trabalhar por conta própria.

### Questão 6

R- A maior parte dos profissionais são pouco preparados e a maioria é autodidata. Em Porto Alegre, não há cursos de especialização a nível superior. Na UFMG há cursos de extensão que são bons. Mercado de trabalho até existe. Se a pessoa for bem prepa-

rada, até é valorizada. No entanto, por aqui, o nível técnico e artístico é muito pobre.

#### Questão 7

R- é uma bagunça, pobre, gasta dinheiro em besteira. Há muita falta de material. Os estúdios são difíceis de usar, são poucos. Há bons professores mas há também professores mal preparados e desinteressados. Há também os apadrinhados.

Precisa haver uma revisão de currículo no curso de Artes e materiais mais modernos.

Há também cadeiras que só funcionam durante o dia. Atrasa a vida. Os horários nunca me atrapalharam porque eu não trabalho, mas trabalhar e estudar não dá. Professores não gostam de dar aulas à noite.

#### Entrevista número 02

##### Questão 1

R- O que me motivou, não sei bem. Gostava de biologia e me encantava com medicina. Lidar com pessoas, descobrir a cura. O que era isso? Os sintomas. Porque uma pessoa tem febre? De onde vem? Estou bem satisfeita com esta escolha. Até o segundo ano a faculdade é muito chata. Algumas disciplinas são dadas muito cedo. Depois é boa. Me formo no ano que vem. Estou fazendo os estágios finais. Estou pensando em fazer psiquiatria infantil mas ainda não estou bem decidida. Desde pequena eu pensava em fazer medicina, ser médica de nenê. Gosto muito de criança mas não quero mais pediatria, pelo sofrimento das crianças, pelas mães e avós que são muito chatas. Estou participando de uma pesquisa na área da psiquiatria. Está super bom. Tudo o que eu faço me dedico muito. No hospital todo mundo sabe, eu me entusiasmo com o que eu faço. Sou a única não formada que foi convidada para fazer parte

desta equipe. Isto é bom profissionalmente. É um empurrão. Gosto de ler sobre psiquiatria. Para mim estudar é um prazer, leio como se fosse um romance.

Quando preenchi a ficha do vestibular, embora tivesse certeza da medicina, cheguei a pensar: "Será que é isso mesmo que eu quero"? Mas só tinha 16 anos e pensei que poderia mudar. Acho que vou me dar bem. Se não fosse isso, talvez relações públicas.

#### Questão 2

R- Direta, acho que nenhuma. Indireta, o fato de não ter medo, de ter segurança para fazer medicina. Uma boa base. Morro de saudades do colégio. Uma vez por mês a gente se encontra. É ótimo.

As experiências dos laboratórios eram fantásticas.

#### Questão 3

R- Nenhuma. A decisão foi minha. O pai é fiscal do ICM aposentado e a mãe professora. Tenho uma irmã por parte de pai que é farmacêutica especializada em tecnologia de alimentos.

O pai ficou muito feliz com a minha escolha. Sempre quis ter uma filha médica.

#### Questão 4

R- Basicamente é a curiosidade. De onde surgem as coisas, os sintomas, as doenças.

Tenho uma prima que é médica mas não me relaciona com ela.

Tenho meu pai e minha mãe como modelos, responsáveis. Há uma valorização do trabalho. Trabalho para eles é fundamental, são responsáveis, disciplinados, procuram fazer as coisas bem feitas.

### Questão 5

R- Liberdade. Ser dona do meu nariz, não depender dos outros para viver. Poder ajudar alguém, se ajudar a si mesmo. Trabalhar é importante, a questão financeira também é, não precisar depender é importante.

Representa também saber bem uma área. Saber bem o que eu estou fazendo, ter bastante conhecimento na área que escolhi.

### Questão 6

R- Meio difícil. Fonte de emprego não é fácil. Embora digam que para os bons tem lugar, não é bem assim. Financeiramente, retorno é demorado. Socialmente a profissão de médico anda muito desgastada. Existem muitos maus médicos que contribuem para isto. Em pessoas idosas, observo que a questão do status do médico ainda prevalece. Chamam muito, tratam bem, pedem opiniões, respeitam a opinião.

### Questão 7

R- Tem muito de desorganização. Dão prioridade a coisas irrelevantes. Deveriam oferecer mais cursos, para mais gente com nível cultural mais baixo ter acesso. A PROREXT está fazendo alguma coisa neste sentido, mas deveria ser preocupação da universidade as atividades de cunho social. Levar o conhecimento para as pessoas que não têm acesso, nas diferentes áreas.

Há também o fato da universidade ter os cursos muito baratos. O pessoal não valoriza.

No curso básico, há muito período vago e algumas disciplinas são dadas muito cedo. Não sei em que ordem faria o currículo, mas há pouco tempo procurei um professor que me deu aulas nos primeiros semestres pois tinha dúvidas a respeito de uma disciplina atual e para a qual precisava mais daqueles conhecimentos. Ele

ficou muito contente e me disse que as pessoas deveriam fazer isso, que é importante para a profissão.

### Entrevista número 03

#### Questão 1

R- Não lembro quando decidi, se um ano ou seis meses antes do vestibular. Queria algo relacionado com fotografia. O profissionalizante no colégio que eu tinha feito foi importante na decisão. Não gosto de artes. Queria fotografia como técnica, por isso fui fazer publicidade. Tirei o primeiro lugar no vestibular na minha área. Acho que estava certa na minha escolha, fora as condições do curso. Entrei por causa da fotografia mas as disciplinas eram de nível abaixo do 2o. grau, que eu já tinha aprendido.

Quando terminei o curso, fiz estágio de três meses em empresa grande de publicidade para ver como é que era. Me inscrevi para o estágio e fiquei um ano na espera. Entraram quatro estagiários. Fiz o estágio na parte de redação. Fiz para aprender, mas decidi que não gostei. Redação ou criação de arte não era o que queria. Já fiz também, particularmente, alguns "books" com fotografia para teatro mas acho que não vou sobreviver com fotografia.

Em 1989 eu fazia um curso de Inglês e fui convidada para fazer a publicidade do curso, que era novo em Porto Alegre. Fiz um ano, com carteira assinada. Nesta época também fui convidada para ser monitora e dava seis aulas por semana. Depois, ganhei uma bolsa de estudos, como aluna, para um curso de um mês em Londres. Ganhei a passagem e as despesas do curso lá. Fiquei mais três meses por conta própria. Viajei pela Europa parando em casas de juventude. Foi bom como experiência. Nesta época, pedi demissão do trabalho de publicidade que eu estava fazendo.

Voltei em janeiro deste ano e comecei a trabalhar no mesmo curso de Inglês, com pesquisa, em troca dos cursos que faço e como monitora. Também consegui trabalho como professora em outro curso de Inglês. Entrei em agosto.

#### Questão 2

R- No colégio eu tinha pavor de Artes e Teatro, até peguei recuperação.

Embora tivesse um rendimento homogêneo, não gostava de Inglês e Português. Gostava de Química pelo professor que era o Milagre; de Física e Biologia.

O colégio era bom nas aulas de laboratório; fraco na área de Letras. Nunca tinha pensado nisto antes, porque não tinha o que fazer com isto, mas gosto de ser professora de alunos que já são universitários. Não gosto de criança e adolescente.

Descobri que gostava de Inglês depois que saí do colégio.

#### Questão 3

R- Não. Não interferiram na escolha. Se era para que eu decidisse ... Sabiam que fotografia era sem futuro. A minha mãe é socióloga mas não trabalha e o pai é professor universitário, Engenheiro Civil.

Eu penso em fazer mestrado em Literatura Anglo Americana.

#### Questão 4

R- Fatores? Gosto de trabalhar com grupos, com gente.

#### Questão 5

R- A profissão é uma responsabilidade que a maior parte não leva a sério. Estou falando de professor de Inglês. Um surfista que saiba Inglês, pode dar aulas. Eu não sabia que gostava de



ensinar e ver os outros aprenderem. Gosto muito, principalmente de dar aulas para iniciantes.

#### Questão 6

R- O Brasil é uma catástrofe. Com esta crise toda, diminui a publicidade; as escolas de Inglês decresceram nos últimos anos. Até esta greve da universidade atrapalhou.

As pessoas não têm dinheiro. Por outro lado, tem muita gente querendo ir embora do Brasil. Mas me interessa voltar a fazer marketing.

#### Questão 7

R- A comunicação em si é uma bagunça; é um emprego. Não há controle nenhum. Chefes de Departamento então, nem se fala. Alguns professores queriam trabalhar. Poucos. Poucas aulas ou nenhum às vezes. O aluno que quiser, pode aprender por conta própria. Há biblioteca, laboratórios ajudam.

Há disciplinas que parecem não se relacionar com nada. Quando acontece alguma coisa boa é por causa de algum professor que quer trabalhar.

Na época da faculdade comecei a fazer monitoria. Foi o pacto da mediocridade. No início, dá um sentimento de impotência em relação há tudo isto.

Quando eu estava lá os horários eram o caos total, parece que já mudou. Ainda há esperança.

Mesmo que a universidade fosse muito boa, depende do aluno.

Influência da universidade para um bom profissional é muito pouca.

## Entrevista número 04

### Questão 1

R- A escolha foi feita uma semana antes do vestibular, estava em dúvida entre Engenharia Elétrica e Computação. Estava ligado em Computação desde que fiz no colégio a disciplina profissionalizante Processamento de Dados no 2º ano e gostei muito. As informações que recebi na escola sobre as atividades do profissional me fizeram também decidir. Fiz o vestibular e depois de um semestre na faculdade, confirmou, era o que queria. Após dois anos e meio de faculdade, saturei um pouco dos estudos, estava com 19 anos. Resolvi viajar para a Europa, tranquei o curso por um ano. Fui para Londres com o dinheiro da passagem e para algum tempo de sobrevivência apenas. Lá trabalhei como bar-man em um "pub" londrino durante sete meses. Esta experiência foi a primeira de procurar emprego e foi válida. Conheci pessoas, me relacionei de um modo diferente.

Aqui, antes, quando entrei para a faculdade fui estagiário do Demab, onde minha mãe trabalha. Ela é Engenheira Civil e também, na faculdade, trabalhei como auxiliar de pesquisa com bolsa do CNPq.

Em Londres procurei emprego. Trabalhei também como lavador de pratos por um mês na cozinha de um hotel. Eu sabia que poderia voltar a qualquer momento, que por aqui eu teria as minhas coisas resolvidas, a minha faculdade estaria garantida para concluir os estudos. Isto me dava segurança por lá.

Voltei um ano depois, para terminar a faculdade, faltando quatro cadeiras e o trabalho de diplomação. Demorou uns dois a três meses para engrenar novamente. Na volta havia perdido os colegas. Decidi ir morar sozinho em um apartamento que a mãe tinha. Após um semestre aqui, fui trabalhar na Cia Geral de In-

dústrias com mais alguns colegas, no sistema de computação da empresa.

Quando concluí a faculdade, surgiu, no mesmo período, um concurso para a IBM que fiz, alguns dias após a formatura e me sai bem. Em seguida fui para São Paulo fazer um curso na própria empresa em administração. Hoje, trabalho na IBM com marketing. O curso da UFRGS tem a sua ênfase na programação e é um bom curso, oferece boa capacitação profissional.

Hoje, na IBM, pretendo crescer profissionalmente e quem sabe, um dia, montar a minha própria empresa. Pretendo ter também algum negócio meu, talvez fora da profissão, que dê dinheiro, mas estou satisfeito com a minha profissão. Acho que a disciplina profissionalizante do colégio foi importante, me interessou. O professor que dava a disciplina era interessado, nos levou para visitas e acho que estava no modo dele ensinar a disciplina que me interessou.

Pretendo também fazer mestrado em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas para complementar meu curso. É importante. Vou fazer em São Paulo, a minha namorada é de lá.

### Questão 2

R- Na nossa turma pouca gente se interessava por esta área. Eu gostava muito de Física, das aulas de Química. O Inglês do Colégio era muito bom. Os professores de Matemática incentivavam meu gosto pela área de exatas. Eu gostava muito. Na nossa turma tinha muita gente interessada pela área humana. A Informação Profissional que recebi também adiantou, me ajudou a decidir.

### Questão 3

R- Não sei. Meu pai tirou Farmácia e minha mãe é Engenheira Civil. Acho que o gosto pelas exatas é dela, mas a escolha foi

minha sozinho, eu só comuniquei.

#### Questão 4

R- Não sei. Eu tinha um colega que tinha um amigo que fazia engenharia e lidava com computadores que ele gostava muito e nós conversávamos muito sobre isto. Não sei.

#### Questão 5

R- O principal é a responsabilidade. Para crescer a gente deve se empenhar. Eu sei que o que sou agora se deve a como fui e me empenhei no colégio, na faculdade.

É fazer o que eu quero, ter um salário, ter independência, sou dono do meu nariz. Há muito tempo que não peço dinheiro para meus pais. Gosto do trabalho, uma área nova.

Aprender, saber o máximo possível dentro da profissão para, no futuro, ser recompensado.

#### Questão 6

R- Bem. Tem espaço para quem tem competência. Tem mercado de trabalho e continua em expansão. É uma área nova com muitas aplicações.

#### Questão 7

R- Gostei. Em termos de formação profissional a UFRGS é muito boa. Os professores todos tem Mestrado ou Doutorado. O curso foi bem dado e organizado. Os horários bem feitos e fechados e, no básico, quando haviam horários vagos, eram aproveitados pelos alunos, nos computadores.

No curso se faz amigos, o grupo se mantém. Tanto que quando voltei da Europa, senti que havia perdido minha turma, estavam um ano adiante.

Talvez por isso o meu final de curso foi feito sem tanto entusiasmo para estudar.

#### Entrevista número 05

##### Questão 1

R- Sempre me interessei por Odontologia. Com dezesseis anos fiz vestibular e foi mais ou menos no do vestibular que pensei em fazer. Meu rendimento no colégio era homogêneo, embora não gostasse da parte humana. Pensei em Direito, Engenharia Elétrica e Odontologia. O mercado de trabalho influenciou bastante na escolha. A engenharia estava difícil.

Foi difícil escolher, fiquei indeciso. Talvez por personalidade pois até hoje sou indeciso.

Sempre gostei do curso e do ambiente da faculdade, desde o início. Nunca pensei em desistir. É uma faculdade atípica. Dos quarenta alunos que entraram, vinte se formaram juntos. "A gente forma grupo". No quarto ou quinto semestre se conhece toda a faculdade. As aulas são no mesmo prédio, na sua grande maioria. Há pouquíssimas desistências: duas ou três durante o curso. Concluí o curso em quatro anos. Como adiei o serviço militar, após concluir a faculdade ingressei, como voluntário, para prestar serviço no exército. Hoje sou tenente-dentista em Santana do Livramento, gosto da cidade. A tendência é se acomodar pois o salário é bom. Estou no exército há um ano e oito meses, mas pretendo sair daqui a quatro meses. Peguei exército porque não tinha como montar consultório. Neste tempo de exército, comprei o equipamento para montar um consultório e comprei um carro. Estou tentando transferência para a Policlínica aqui em Porto Alegre. Aí não largo o exército, trabalho meio turno e quero abrir meu consultório. No ano que vem também quero fazer especialização em cirurgia.

## Questão 2

R- Sinceramente, não sei. Acho que uma boa base para o vestibular e para a vida.

## Questão 3

R- Eles não sugeriram nada e não tinham expectativa explícita. Sempre falei em Engenharia e talvez a mãe esperasse este curso. Quando me decidi por Odontologia, aceitaram bem. Me pai é representante comercial e a mãe, auxiliar de judiciário. Tenho um irmão promotor.

## Questão 4

R- As minhas idas ao dentista, desde pequeno. Gostava do que ele fazia. Acho que isto influenciou.

## Questão 5

R- Representa responsabilidade com os pacientes. Isto em Odontologia. Em qualquer profissão significa ter honestidade e competência, cada pessoa tem a sua ambição; chegar a uma determinada competência.

Pessoalmente, ser um bom dentista especialista e ter um consultório aqui em Porto Alegre. Mais imediato é a especialização e um bom consultório. A realização profissional e uma boa imagem. Ser reconhecido como bom profissional.

## Questão 6

R- é uma profissão elitista. Começando pela faculdade que ensina a cura quando só camadas da população mais elevadas, econômica e socialmente, têm acesso. Já existem estudos que dizem que precisaria milhões de dentistas para isto. Assim, já que a cura é impossível, a prevenção é a saída. Esta, está atrasada. Para desenvolvimento da Odontologia no Brasil está se tentando...

solução a nível de saúde pública. A parte técnica é razoável mas não adianta desenvolver a técnica se é caro. A prevenção é mais importante.

#### Questão 7

R- Dois alunos só desistiram; não deve ter muitas coisas ruins. A maioria dos alunos é de classe média, não precisam trabalhar, pois o horário não favorece quem precisa trabalhar. Há também muito gasto durante a faculdade e a procura deste curso pela classe média é também por isso. A maioria dos alunos sai com o consultório montado, eu fui um dos únicos que não.

Sou a favor da universidade pública e gratuita, mas há o grande problema de não pagar e não valorizar. Isto entra na conscientização de cada um, o que é difícil. A Odontologia dificilmente entrava em greve pois os professores não estão na universidade por salário. Os professores gostam e a faculdade é "vitri-ne" para eles. É uma faculdade a parte.

A faculdade faz o seu papel mas depende do aluno. Também existem falhas, mas alguns poucos professores deixam a desejar.

Se consegue mais conhecimento na prática e na especialização. A Odontologia é eminentemente prática. Na faculdade se aprende como fazer mas, para fazer melhor, deve-se praticar.

#### Entrevista número 06

#### Questão 1

R- A minha escolha foi por influência do colégio e da sociedade. A minha turma tinha bom poder aquisitivo e eu nunca tive. Então meu objetivo era ter dinheiro. Eu queria ser rico para poder competir. Meu pai é militante político. Havia contradição entre a família, a sociedade e o colégio.

Na época me decidi por Economia porque pensei em trabalhar com mercado de capitais e enriquecer. Entrei e no terceiro semestre me desinteressei. Tive dificuldades e comecei a sair muito à noite, para bares, beber e conversar. Me desinteressei totalmente e por dois anos fiquei assim. Estudava astrologia. Aí aconteceu uma série de coisas. Minha família estava desgostosa com esta situação, eu tinha rodado em todas as disciplinas na faculdade, meu avô morreu nesta época. Eu gostava de uma menina que não gostava de mim e que viajou para fora. Chegou a um ponto que me senti perdido, sem rumo. Precisava encontrar um norte. Deixei a astrologia, consegui estágio na SMIC, onde estou até hoje, e tenho um horário que não é integral. Este trabalho fez voltar o interesse pelo estudo, pois precisava ter mais conhecimento para realizar as atividades que eu estava fazendo e me tratavam lá como um profissional. Coincidiu que a menina também voltou e hoje somos namorados. Ao mesmo tempo comecei a fazer política estudantil e hoje sou presidente do Diretório Acadêmico da faculdade.

Pretendo terminar o meu curso no ano que vem, mas estou com uma dúvida. Está surgindo uma oportunidade para minha candidatura à presidência do Diretório Central de Estudantes (DCE) e se eu resolver por isso vou ter que trancar a matrícula da faculdade porque as atividades do DCE são muito absorventes e estudar ao mesmo tempo não dá. A militância política me fascina mas terminar a faculdade também é importante. Ainda estou decidindo.

### Questão 2

R- Formação cultural do colégio é boa. Mas, como estudei na época da ditadura militar, esta situação se reproduzia na escola. Alguns professores e a direção eram repressivos e autoritários.

### Questão 3

R- O meu pai é advogado, jornalista e sindicalista e a minha



mãe é dona de casa. Aceitaram bem a minha escolha na época.

#### Questão 4

R- A questão financeira, na época, era a mais importante.

#### Questão 5

R- Hoje, penso que a profissão é uma condição para a pessoa se realizar, pessoalmente. O trabalho é fundamental na vida das pessoas mas é importante trabalhar no que se gosta, onde a gente tem interesse. Trabalhar naquilo que não se gosta é ruim.

#### Questão 6

R- A formação do economista ainda é muito generalista, neoclássica, com pouca aplicabilidade nos dias de hoje.

Porque estamos em crise o mercado se retrai. No entanto, em todas as profissões, os bons têm mercado.

Em qualquer profissão, o importante é ser atuante, ter voz ativa. Nisto o colégio influenciou. Não adianta ser um técnico, tem que ter opinião, independente do caminho que tome.

#### Questão 7

R- A universidade tem um problema grave. Perdendo, durante a ditadura, uma série de bons professores, só permaneceu o que havia de mais conservador e reacionário. Não consegui ainda me adaptar à nova realidade, nas questões de competência e também quanto às questões políticas.

É dirigida a uma classe em especial, privilegiando o capital.

Há também o autoritarismo. Para certos segmentos dirigentes seria bom se não tivesse alunos e alguns professores.

A universidade, em geral, reproduz o status quo da sociedade.

Muitos professores que têm vinte horas na universidade, vêm à faculdade como "bico". Isto se manifesta na maneira pouco profunda como ensinam a matéria.

Os horários são razoáveis, embora se tenha aulas dispersas por vários prédios.

Deveria haver mais ênfase na teoria marxista.

Entrevista número 07

Questão 1

R- Quando criança eu gostava de terra, de bombas, de explosão. Na época da escolha fiquei em dúvida entre Geologia e Engenharia de Minas. Procurei ver o que fazia um Engenheiro de Minas. Fui para Crisciúma, fiquei um tempo com um tio meu que exerce esta profissão e então me decidi.

O colégio não tem um tipo de estrutura para ensinar o que estudar, e engenharia precisa estudar sempre. No colégio só estudava em véspera de prova. No primeiro semestre da faculdade me dei muito mal por isso e hoje estou aprendendo a ser disciplinado para estudar e trabalhar.

Se tudo der certo, me formo no ano que vem, depois de superar várias etapas. Uma vez pensei em largar o curso e fazer Psicologia ou Biologia. Gostava, no colégio, das aulas de Biologia do professor Cordeiro e fui super bem nesta disciplina no vestibular. Pensei em Psicologia porque possibilitava analisar sem se envolver muito, mas vi que não era o que eu queria e senti que devia confiar no instinto. Fiquei no curso.

Fiquei mais ou menos um mês em uma mina em Camaquã e mais

duas semanas em Santa Catarina como trabalho prático de disciplinas e neste tempo aprendi muito mais do que na faculdade.

Foi importante em termos de experiência de vida, valores diferentes e responsabilidade na profissão.

No início de 1990 fiz um estágio de três meses e meio em Corumbá, uma "barra" em termos de amadurecimento pessoal e pelas exigências. Fui tratado como profissional, com uma tarefa, e era pago por isso.

O que pretendo é uma incógnita. Se criarem um curso de pós-graduação na minha profissão, faço. Pós-graduação em outras áreas não pretendo fazer.

Quero trabalhar com pesquisa mineral ou, quem sabe, enfrentar a Amazônia para a prospecção de bauxita ou esmeralda. Quem sabe, cursos ou concursos fora do Brasil.

### Questão 2

R- Foi muito boa em termos de relacionamento; aprendi "lan-ces" de amizade, fiz grandes amigos, continuamos a nos encontrar.

Bom, mas faltou disciplina para o estudo; o colégio cobrava muito em conhecimento através de prova, mas não como a gente desenvolve isto. Hoje, como monitor, estou atento a isto.

Gostava das aulas do Milagre, Química e Biologia. Matemática eu não era "fã", mas é um auxílio para outras coisas.

### Questão 3

R- Teve. Tenho um tio Engenheiro de Minas. Meu pai sempre teve uma coisa meio escondida de ter um filho engenheiro; meu pai é economista.

O trabalho de prospecção mineral em engenharia é muito pró-

ximo da geologia. A mãe é professora de geografia. A minha irmã vai fazer vestibular para Engenharia Elétrica. Mas a escolha foi minha.

#### Questão 4

R- Não morar em cidade grande favorece a sociabilidade. Nas cidades grandes há muito desrespeito em relação ao espaço de cada um.

Existe em mim um instinto de eremita, de reflexão. Mas hoje mudou, por conhecer gente que trabalhou em locais isolados. É um problema.

#### Questão 5

R- Tentar sobreviver, ter um canto e um espaço sem depender. Ter liberdade.

Morar com a família tem regalias, mas é importante um espaço próprio. Os pais cobram que eu tenho que me formar. São preocupados.

#### Questão 6

R- Isto é relativo. Oportunidades de trabalho tem, salário tem, basta se sujeitar a certas coisas: trabalhar de sol a sol e morar com dificuldades. A tendência do mercado de trabalho é se expandir, embora haja estagnação na crise. A prospecção é uma roleta pois os cálculos nem sempre são tão precisos e às vezes, por milímetros, não dá bons resultados.

Há muitas empresas multinacionais aqui e as questões financeiras e políticas atrapalham. Quem sabe um curso no exterior, tenho planos.

### Questão 7

R- A universidade está falha, elitizada. Tem muita coisa para ser estudada e avaliada. Deve ser administrada por competência e não por política, isto sem falar nos problemas da privatização.

Quem está na UFRGS, em geral, tem dinheiro e a forma de ingresso deveria ser pelo desempenho escolar e não somente uma prova. Para se fazer isto teria que ser por pessoas sérias.

A organização do meu curso em geral é boa, houve uma mudança de currículo.

Entram quarenta e cinco alunos e, em geral, se formam muito poucos pelas dificuldades. No curso há desistências. Os professores são intolerantes, o relacionamento é frio, as dificuldades no meio do curso desestimulam.

Também não se está amadurecido quando se entra para a faculdade e o professor não considera as diferenças de conhecimento que os alunos têm.

### Entrevista número 08

#### Questão 1

R- O que me levou a fazer a escolha por Teatro foi a experiência no colégio, as disciplinas com que me identifiquei. A gente sempre gosta de algumas e o colégio sempre me fez valorizar as atividades criativas e a área humana. Eu tinha duas opções, pensava em Medicina e Teatro. Para a decisão levei em conta, na escala de valores, a que me propiciasse ter uma vida diferente, que eu gostasse. Também considerei uma que eu poderia trabalhar a minha criatividade. Tive uma decepção com o curso logo que entrei na faculdade e cheguei a pensar em fazer novo vestibular. O que me manteve foi a pesquisa e até hoje é importante. Também encon-

trei espaço pessoal e comecei a ser convidado para fazer peças teatrais, como ator.

Eu tinha a sensação de que poderia fazer qualquer coisa porque nunca tive dificuldades no colégio. Isso me fez querer saber mais sobre todas as áreas. Como isso é impossível, fui buscar nas artes a realização do meu potencial criativo e o meu auto-conhecimento.

Estou concluindo o curso e vou agora para a Europa, continuar meus estudos.

### Questão 2

R- O colégio teve influência na minha escolha de duas maneiras. Por um lado, por valorizar a área humana, criativa e de relações humanas. Estes valores vêm da família e do colégio. Por outro lado, apesar de serem estes os valores, a escolha foi feita como um desafio na época, para sair fora dos padrões familiares, achar meu próprio caminho.

O colégio proporcionou uma postura analítica, de não só oferecer coisas, mas de apresentá-las e eu apresentar a minha solução. Resolvi ser ator, mas que função vai ser esta? Resolvi descobrir isto também. Como o colégio valorizava uma postura crítica, isto acontecia porque os professores davam abertura e a educação era proposta neste sentido.

### Questão 3

R- A minha família é grande, há diferentes profissões, a maioria ligada à área humana. Acho que respondi antes. O pai é advogado, mãe pedagoga, há irmãs arquitetas, médicas, professoras. Ninguém fez teatro.

#### Questão 4

R- A época era um momento histórico, uma efervescência cultural que tornava as atividades artísticas, atores e cantores, atraentes. Como liberdade de expressão, como um movimento jovem que estava surgindo no momento.

#### Questão 5

R- Penso que a profissão é quem define o indivíduo socialmente e está ligada à busca de identidade do indivíduo. A partir dela é que é definido o espaço social. Penso que a profissão representa basicamente duas coisas: primeiro, representa a auto-realização, pelo prazer em realizar a atividade. Também é importante o aspecto financeiro da profissão, como se sustentar, ter status financeiro.

A decisão se dá sempre em relação a este conflito, pois define quem a gente vai ser, o papel social.

#### Questão 6

R- A profissão de ator financeiramente é indigna., não tem lugar a não ser pela televisão. Fora dela é difícil mas o que escolhi para mim é o trabalho de ponte dentro do Teatro. São as pesquisas, principalmente em Antropologia Teatral. Identificado com uma busca de integralidade de vida e integridade como ser humano, busco no teatro o auto-conhecimento e, a partir disto, a definição da relação consigo mesmo e com as outras pessoas. A partir deste autor é que vai se definir o seu papel. Uma função, a função do artista na sociedade que busca o teatro para se expressar.

#### Questão 7

R- O Departamento de Artes Dramáticas é bem isolado. Tem uma sede própria e não há intercâmbio entre os cursos. Os problemas

que eu vejo são decorrentes de uma coisa específica: não há tradição na pedagogia do ator no Brasil. O curso é fragmentado e propicia pouca informação. O que tem de positivo é colocar os alunos em contato com gente e idéias que circulam no meio artístico.

Se tu tiveres capacidade de efetivar uma integração, tudo bem.

No currículo há seis cadeiras que são seqüenciais, mas cada professor tem uma metodologia, que é empírica, faz o seu planejamento sem considerar o que já foi trabalhado. A maioria deles não tem uma formação profissional didática.

Também o fato da faculdade querer abranger todos os caminhos, gera indefinição na formação.

#### Entrevista número 09

##### Questão 1

R- A escolha foi muito difícil na época. Eu gostava muito de bichos e achava que isso era suficiente. Gostava de bichos desde pequena. Também tenho uma irmã que, na época, cursava Agronomia junto com o namorado. Eu saía muito com eles, convivia com o mesmo grupo de amigos que conversavam muito sobre as coisas do curso e da profissão e talvez por isso a minha escolha por Veterinária. Mas não aguentei a faculdade, me decepcionei. Talvez até chegasse a ser uma boa profissional, mas não aguentei. Fiz o curso por dois anos, 1986 e 1987. Em 1988, decidi trancar a matrícula, não estudei e fiquei parada todo o ano. Durante este período pensei em fazer Educação Física porque tinha habilidades esportivas, ou Propaganda, para ganhar dinheiro.

Em 1989 fiz novo vestibular, para Biologia, porque continuo achando que meu interesse é por bichos, mais especificamente por



comportamento animal e a Biologia oferece mais liberdade para mecher com isto. A minha principal decepção com a Veterinária foi a preocupação do curso com a produção animal e não com o comportamento. Isto me decepcionou.

Agora, através do IBAMA, me inscrevi para um estágio no Espírito Santo, com tartarugas marinhas, para estudo, desde a desova até o nascimento e fui chamada. É um estágio de seis meses. É uma oportunidade que surgiu, eu nunca havia pensado, especificamente, em tartarugas. Neste tempo vou trancar a matrícula novamente. Continuo não gostando da faculdade e não tenho pressa para ter o diploma. Aliás, nem sei se isto é o mais importante. Esta experiência do estágio pode ser importante em termos de horizontes, tanto pessoais como profissionais.

### Questão 2

R- As escolhas tiveram muito pouca relação com o tempo de colégio. A Biologia do colégio não foi importante nem em termos de Veterinária nem Biologia. A minha experiência não foi importante nem em termos de relação com as pessoas. Eu não estava preocupada com o que queria ser, até a época em que precisei escolher. Quando pensei em Educação Física acho que era por influência de meu desempenho na escola, gostava de esportes e meu desempenho era bom.

### Questão 3

R- A família não teve nenhuma influência na escolha. Muito pelo contrário e até exageradamente, nunca se tocou neste assunto. E sempre deixaram a decisão por minha conta. Meu pai é dentista e a mãe professora. Tenho uma irmã agrônoma e a outra fez Artes. Na família nunca houve nenhuma expectativa de que os filhos seguissem a mesma carreira dos pais. Até hoje não se fala no assunto, embora perceba que eles esperam que eu termine o meu

curso. Esta questão do estágio também foi decisão pessoal minha, sem troca de opiniões.

#### Questão 4

R- Desde a infância eu gostava muito de animais, embora não pudesse vivenciar a experiência de conviver com eles. Sempre morei em apartamento, mas sempre tive um sonho. Sempre imaginei morar, viver em um lugar isolado, em contato com a natureza. Isto sempre foi um sonho.

#### Questão 5

R- Tudo o que acontecer em relação a isto vai ser muito pessoal. O diploma é importante, mas a minha maior preocupação é pessoal. Tenho também, em relação à profissão, uma preocupação com a ecologia e a preservação do ambiente.

#### Questão 6

R- Percebo a profissão no atual contexto com total precariedade. A Biologia tem que viver de pesquisa e não há dinheiro para isto. A Biologia deveria estar metida em todas as áreas, pelas questões da ecologia e do bem-estar social mas isto na realidade não acontece. O que acontece é que as pesquisas, hoje, têm influência e sofrem interferência de diferentes grupos políticos e não da ciência, o que é decepcionante. Licenciatura em Biologia para mim é uma coisa que não é Biologia.

#### Questão 7

R- A visão da universidade talvez seja exagerada, mas é decepcionante. O pior é que consigo ver as falhas e como arrumar. Não há muita preocupação com a formação do aluno. Nada se relaciona com nada. Nada que não se encontre nos livros. Não há preocupação com a formação de um biólogo. Dão informações e tu fazes o que quizeres com elas.

Os professores, em geral, dão o que está nos livros. Pode-se entrar para a universidade e ficar sempre trabalhando em laboratório, cada um no seu mundo.

No início da faculdade até tentei fazer alguma coisa para mudar, falar com os professores, reclamar, reivindicar, mas depois a gente desanima e vê que não adianta.

#### Entrevista número 10

##### Questão 1

R- O processo geral foi o mais óbvio, risquei o que eu odiava e, o que mais me interessava, procurei me informar: Arquitetura, Artes Plásticas e Publicidade. Tinha a ver o lado estético e hoje vejo mais claro, gostava desde a infância. Frequentei escolinha de Artes. No colégio, acabava me destacando pois adorava aula de Artes. Também fui muito estimulada pelos professores no colégio. A decisão foi difícil. Há pressões externas. A escolha mesmo foi feita no dia do vestibular. A minha opção foi Arquitetura na UFRGS e Publicidade na PUC. Como passei na UFRGS nem concluí o vestibular da PUC. Eu também havia feito uma entrevista com um arquiteto sobre a profissão e eu me empolguei muito pelo lado do "designer", ele falou muito sobre isto, que teria desenho como concepção artística. Nos dois primeiros semestres tem que gostar muito para poder continuar a faculdade, o básico é muito distante do que eu queria.

Fiz toda a parte de desenho e quando chegou a parte técnica, a parte de construção, vi que não me interessava. Faculdade passa pelo interesse em que eu vou atuar mesmo, a vida profissional. Decidi largar a faculdade, mas ainda continuei fazendo estudos de disciplinas que se referiam a Artes. Fiquei ainda em dúvida: Publicidade ou Artes. Na faculdade de Arquitetura há muita gente que troca de curso, conversei com as pessoas. Publicidade, para

atuar na área, não precisa ser formado, então decidi por Artes. Fiz cursinho de revisão e em 1988 fiz novo vestibular. Entrei sabendo que teria que ter uma coisa paralela não "morrer de fome". Professora de Artes em colégio é pouco gratificante, e a minha experiência de escola diz que as pessoas não estão interessadas em Artes. Logo que entrei na faculdade consegui estágio em uma agência de Publicidade e foi interessante. O que me interessa mesmo é a parte estética. Fiz estágio também em uma produtora de vídeo e lá, o que mais gostei foi direção de arte, embora não tenha feito. Fiz produção mas entrei só de curiosidade, para descobrir possibilidades.

Acho "que é por aí". A questão visual é o que lhe interessa.

#### Questão 2

R- Uma coisa boa. Diversificação de atividades: Teatro, sensibilização, Música, Artes. O que eu tirei daqui: um posicionamento crítico diante dos fatos. Esta é a melhor parte que eu tirei daqui, conseguir articular as coisas, as idéias.

Na área de Artes, no colégio, as visitas às galerias de Artes foram importantes pela sensibilização que motivam. Em geral as pessoas não têm contato com o mundo artístico e não aprendem a apreciar, não despertam. No entanto, no colégio, a disciplina de Artes ainda estava presa didaticamente. O trabalho de sensibilização deveria ser antes ou paralelo às técnicas usadas em aula.

O que faltou no colégio foi um trabalho mais direto na área profissional, com ênfase nas disciplinas e não só na questão profissional. Uma concepção nova de ensino, com a vivência da coisa. Como funcionam as profissões. Ao longo do tempo. Qual o papel da escola nisso? Ensinar uma matéria, fazer prova? Não dá para esquecer o lado humano ds pessoas, do funcionamento delas.

### Questão 3

R- De certa forma sim. Há uma certa pressão. Quando escolhi Artes perguntaram o que eu queria com isto, e que ia "morrer de fome", etc. Acho que acabei na Arquitetura por isso.

### Questão 4

R- Tive experiência em escolinha de Artes em pequena e me interessava desde criança. Tenho uma tia avó que fazia xilogravura e uma prima que fez Artes Plásticas. Em casa sempre houve trabalhos manuais, mais para o artesanal, mãe costurava a minha roupa e das minhas irmãs, fazíamos bordado e pintura.

Também tenho alguma experiência como modelo fotográfico desde o início da adolescência, mas hoje não dá mais tempo para me dedicar a isto, que consome muito tempo em cuidar da aparência pessoal e andar atrás das agências.

### Questão 5

R- Complexo. Nunca me envolvi totalmente com isto. Para mim o importante é a pessoa se realizar na profissão e não gostar só do dinheiro. O importante é crescer, é descobrir coisas dentro da profissão. É o desenvolvimento pessoal e ter boas relações com as atividades que realiza. A criação é também essencial na profissão.

### Questão 6

R- Artes Plásticas no Brasil é relegada. Não há interesse público, governamental. As pessoas não conhecem. O mercado de Arte é fechado.

"Designer" interessa para o desenvolvimento, faz parte do ser.

A questão de induzir ao consumo, fazer a cabeça através da

arte me apavora. Entretanto se a pessoa cresce no mercado publicitário acaba tendo uma visão consumista. Não gosto.

#### Questão 7

R- Como ambiente universitário em Porto Alegre é o meio possível para troca de idéias. Em termos de estrutura e professores, péssimo. Há pessoas, professores interessados, mas em geral o aluno evolui por tentativas e erros. Os laboratórios, horríveis. O atelier de serigrafia é razoável.

No geral é tudo desarticulado, mas tem cadeiras "legais". Depende do professor e do aluno.

A técnica é muito fraca e desestimula horrores. No entanto tem coisas boas que possibilitam desenvolver.

A questão das disciplinas obrigatórias e opcionais não está clara. Deixam o aluno confuso. Há pouca discussão dentro disso.

Em Artes há dificuldades de desenvolvimento pós-universidade aqui em Porto Alegre. Pelo lado da Publicidade também.

#### Entrevista número 11

#### Questão 1

R- A minha escolha não aconteceu por influência da família. Meu pai é engenheiro Químico e há muitos Advogados na família. Também não foi por incentivo da escola. Acho que foi por exclusão; qualquer coisa na área técnica e na área humana. No colégio eram as disciplinas que eu tinha mais facilidade. Em geral eu gosto mais do que tenho facilidade para fazer, mas o português do colégio era ruim.

Pensei em Direito, mas era muito técnico ainda. Sou prático, queria "vislumbrar" o que iria fazer. Conversei com o pai; me disse que o mercado de trabalho estava difícil mas que eu esco-

lhesse por mim. Eu também tinha consciência de minhas limitações. Em Medicina eu não passaria no vestibular; Direito, talvez entrasse, com alguma dificuldade. Isto ajudou na decisão. Química, com o Milagre, no colégio, era uma maravilha, mas eu estava consciente que a profissão não oferecia recursos.

Fiz o vestibular e entrei na faculdade no 2º semestre. Fui o 17º colocado, entraram quinze. Aproveitei o tempo para concluir meu curso de inglês e fiz também datilografia, que seriam necessários para a profissão. Depois, viajei a passeio.

Na faculdade o importante é a lição humana, o incentivo para a leitura; fiz uma monografia. A parte técnica é prejudicada, e a área de informática, no curso, é muito fraca, está muito atrasada. Até o penúltimo semestre fui monitor de fotografia porque adorava, como hobby, cheguei a ter um laboratório em casa. Ainda durante o curso entrei para o Correio do Povo, primeiro como estagiário, depois como free-lancer até me tornar efetivo da empresa. Fiz um curso de especialização em vídeo e fotografia porque me ajudaria na profissão.

Aprendi muita coisa na prática. No jornalismo se faz tudo acossado pelo tempo e eu gosto de trabalhar assim, por característica de personalidade.

Durante o curso fiz também uma especialização em fotografia porque sabia que me ajudaria.

Hoje, estou fazendo o que gosto, o que sempre quis fazer. Também adoro futebol e sou repórter esportivo e responsável pela cobertura do meu time de preferência.

Agora, este ano, comecei a fazer Direito na PUC, como complementação de estudos, uma parte mais intelectual para a minha formação e também para "ascender", porque ganho pouco para o padrão que eu quero.

## Questão 2

R- A melhor coisa do mundo foi ter ido parar lá. Eu tinha estudado em escola pública até a 4a série e quando entrei no colégio, precisei de professor particular para acompanhar os estudos.

O colégio dava liberdade vigiada e com toda a contradição que possa existir, me preparou para a vida. Conviver sempre com a mesma turma é genial. Na proposta de ensino do colégio, a área de biomédicas foi sensacional. Me lembro sempre do Cordeiro e do Milagre.

Na área humana, a disciplina de Português poderia ser mais avançada. Em História, a parte didática poderia ser mais sistematizada, não sei se é certo. Os livros também eram defasados.

Gostava muito também de ter aula com estagiários. A melhor coisa, pois o professor não é obrigado a saber tudo.

## Questão 3

R- A família tem assinatura de três jornais. Todos gostam muito de música, rádio. Acho que isto influenciou.

## Questão 4

R- Não sei, quando era pequeno queria ser jogador de futebol. Isto não dá, mas acho que também influenciou.

## Questão 5

R- É o meu sonho. No jornalismo as tuas idéias surtem efeito nas pessoas e elas têm que respeitar o profissional por isso. Adoro me posicionar e jogar com as palavras. Em geral, nas dificuldades, trabalho bem.



### Questão 6

R- Aqui em Porto Alegre, as oportunidades para o desenvolvimento da profissão são quase nulas. Existem apenas dois jornais. Mas, o jornal onde eu trabalho, embora condensado, é sério e é o mais lido no Estado. Eu gosto.

Pretendo fazer pós-graduação em Jornalismo. A minha namorada é de Santa Catarina, talvez vá trabalhar lá. Estou resolvendo.

### Questão 7

R- Há muita burocracia já instalada e alguns professores "aquartelados", não dão espaço.

Os departamentos assim como estão estruturados, não dá. A formação é muito genérica.

A parte técnica é caótica, inexistente, melhor não ter do que ter assim. Computação não existe.

A parte humana eu adorei, há liberdade e a relação direta com o professor é ótima. A relação com os colegas também é boa, mas há certa dificuldade em formar grupos, pela organização do curso.

### Entrevista número 12

#### Questão 1

R- Estava na hora da escolha. Com quinze, dezesseis anos o pessoal conhecia poucas profissões e a visão era mais da família. A gente só se vê antes e imagina o que será depois. Com dezesseis anos se é muito inexperiente e deveria ter um ou dois anos a mais no nosso ensino.

O Colégio de Aplicação é o colégio dos porquês. A gente aprende a questionar e a se questionar. Pelo currículo eu pensei:

área médica não, engenharia, muito cálculo. O mercado de trabalho influiu. Publicidade, nem pensar, ia morrer de fome.

Por preconceito, algumas profissões foram tiradas de lado. Também sempre fui ligado a finanças, desde criança e o pai deve ter influenciado porque é bancário. No colégio o pessoal já sabia, eu sempre fui ligado à dinheiro, notas, cédulas. Era curioso em relação a isto. O currículo de Ciências Contábeis me atraiu e fui falar com um amigo do pai, contador. Me atendeu durante três horas. Além do mais, sabia que Economia era só teoria. Administração? Fazer o que com ela?

O pai é bancário, lida com dinheiro, acho que vem daí a influência financeira.

No segundo semestre de faculdade comecei a trabalhar em uma imobiliária, com números. Trabalhei durante nove meses. Quando estava no terceiro semestre de faculdade, com dezessete anos, tive dúvidas quanto ao curso e pedi transferência para Administração, mesmo sabendo que não há mercado de trabalho. A dúvida era: fazer o que eu gosto e não viver bem ou, ao contrário? A profissão de contador continua a ser mal vista por causa do técnico de II grau e as prerrogativas dos dois são quase iguais. Antes do resultado da transferência, desisti.

Estou concluindo o curso e estou esperando terminar a greve da UFRGS para colocar nos convites a data e o horário da formatura.

Fiz novo vestibular, agora em 1991, para Direito, na ULBRA. Conversei com o pai. O curso de Ciências Contábeis é bom, mas quero complementar com Direito Tributário. Esta complementação é difícil acontecer nos cursos. No entanto, este profissional é um dos mais bem remunerados.

## Questão 2

R- Já falei um pouco na outra pergunta. Especificamente o grupo de Administração, Contábeis e Atuariais, não usa nada do colégio. É uma coisa nova, outro rumo.

## Questão 3

R- Também já falei antes. Acho que houve influência do pai que trata com dinheiro. A influência de se "espelhar" no pai.

## Questão 4

R- A curiosidade em relação ao aspecto financeiro em geral.

## Questão 5

R- A vida deve ser aproveitada. O trabalho deve ser exercido com responsabilidade, mas deve sobrar tempo para o lazer. Eu, por exemplo, gosto de viajar. Acho isto importante.

Quero já pegar uma atividade que conjugue os dois cursos: Ciências Contábeis e Direito.

## Questão 6

R- Qualquer profissão está prejudicada hoje; a gente desanima. Será que um camelô ganha mais do que a gente? Será que vale mais do que a gente?

Em termos de perspectivas a minha profissão é bem valorizada; o Brasil tem muito imposto.

## Questão 7

R- Posso falar com profundidade porque tenho duas experiências. A UFRGS não tem preocupação com a frequência do aluno. O professor não tem preocupação com a minha formação. A ULBRA tem professores ótimos.

O meu curso da UFRGS é considerado o segundo melhor do Brasil. Deveria haver a reestruturação de algumas disciplinas. Não há estágio obrigatório, nem trabalho conclusivo. Embora houvesse aulas à noite, o horário é "muito solto". Deveria ser de forma a poder formar um grupo de trabalho. A gente se telefona antes de fazer a matrícula para poder formar este grupo. A medicina, por exemplo, é um curso muito prático. Em Ciências Contábeis deveria haver, por parte da UFRGS, um convênio com as empresas para isso. Seria importante para a UFRGS e para as empresas.

O CIEE é mais para emprego que para estágio.

Se eu pudesse - sou ligado à cultura em geral, teatro, música, informações - largaria tudo, se eu pudesse ter uma emissora de rádio. Administrar uma rádio, contratar pessoas. Uma rádio dirigida ao público universitário com comentários que dessem informações de cultura em geral, economia, artes, etc. Há uns dois anos que isto está mais claro na minha cabeça, mas sempre gostei. Nunca pensei em fazer. A minha opção é a menos sacrificante e que dá retorno financeiro. Não vou ser aquilo que amo. Até hoje eu não sei aquilo que amo mesmo.

### Entrevista número 13

#### Questão 1

R- Na época o que mais me fixou foi a área de exatas porque o colégio tinha laboratórios e eu tinha oportunidade de ver o funcionamento das coisas. Sempre fui curioso, gosto de fazer coisas, descobrir, fazer as coisas na prática. A física ainda é um mistério para mim, uma casa que, se tiver chance, tem que entrar. Sempre gostei de Física.

Entrei para a faculdade e diversas coisas tiraram a metade. Havia muitas cadeiras de engenharia, tudo junto. O pessoal de Física logo se identifica porque questionava mais, queria saber o

porquê das coisas.

Isto entrou em contradição comigo, eu estava muito imaturo na época, mas o meu objetivo ainda é a Física. Na época não havia possibilidade de trabalhar na Física mais prática, em função das aulas. Formamos um grupo de trabalho, eu e mais alguns colegas e fizemos amizade com um grupo que estava se formando. Nos dedicamos a holografia, pesquisa e prática, e chegamos a participar do SBPC em São Paulo e trocamos experiência com um grupo da USP. Nesta época conheci um publicitário e físico que me influenciou muito. A minha família começou a cobrar em termos de trabalho. O meu pai sempre incentivou a autonomia. Tenho nove irmãos e a família sempre deu muito valor ao trabalho. O meu pai dava dinheiro para a sobrevivência mas acha que a gente, depois de uma certa idade, deve trabalhar. Comecei a trabalhar esporadicamente com arte, sempre desenhei bem.

Fiz quatro semestres de Física e no último ano já procurei fazer matérias que me serviriam em Publicidade. Fiz novo vestibular em 1989 para Publicidade. Passei em segunda opção, que era Biblioteconomia, sem estudar. Fiz um semestre só com as disciplinas de Publicidade. No segundo semestre pedi transferência de curso e consegui, por ter sido o primeiro que sobrou no número que entrou.

A Física que eu tive na faculdade era mais teórica que a do colégio. Um professor no colégio marcou por isto, o Luiz Fernando. Os outros também, nas suas disciplinas, o Milagre, em Química.

Escolhi Publicidade porque sou prático, o diploma é para por na parede. Sempre digo que quem não faz faculdade tem chance de dar certo e quem faz tem chance de dar errado.

A criatividade, hoje, pode ser comprada e a Publicidade tem

que ter mais teoria. Há uma ou duas disciplinas boas e as demais são medíocres. O problema são os professores. É triste; são boas pessoas mas não têm didática. Têm muita prática. Um deles é muito bom porque liga a disciplina com a realidade e com a profissão.

Quando fiz o primeiro semestre de Publicidade não trabalhei para me socializar com o grupo. O profissional precisa se juntar, o mercado exige que os profissionais se unam.

Seria interessante que a universidade considerasse horários noturnos para as aulas. O pessoal não é mais criança.

### Questão 2

R- Não sei a metodologia que o colégio usa mas, desde o primeiro dia, aprendi que o mundo precisa ser questionado, não aceitar as coisas prontas. Quero ser autônomo, pensar por mim. Gerou segurança pessoal, confiança em relação ao saber. Mesmo que eu não saiba, eu sei que posso aprender. O ruim é que eu posso ficar excessivamente confiante.

A maturidade é personalidade e conhecimento, razão e emoção.

No colégio, o mundo da razão é forte, o mundo emocional é fraco. É uma família, uma casa, o grupo de colegas não proporciona abertura em termos emocionais. Tem a teoria mas não tem a prática neste sentido.

Sai com pouca experiência emocional, tudo o que acontece é ali dentro. O professor é amigo, e a única janela para o mundo é o próprio professor.

### Questão 3

R- O meu pai é dentista, a minha mãe não trabalha. Os meus irmãos homens: um estuda Arquitetura, um estuda música, outro

Odontologia, há um engenheiro. As irmãs mulheres: uma faz Educação Física, uma vai fazer vestibular para Direito, há uma que está no segundo ano do II grau e uma ainda está com dez anos. Sou o quinto filho. Há alguma pressão de família quando a gente termina o II grau. Há também a pressão social. Com dezesseis anos tem que entrar na faculdade e Física era o que mais me agradava. Me perguntaram em casa: o que tu vais querer com Física? No entanto, o pai sempre me apoiou, e a cobrança nunca não veio antes. A escolha foi minha.

#### Questão 4

R- Eu sempre fui de desafios; a Física é um desafio, assim como a Publicidade.

Pensa em fazer uma pós-graduação em Publicidade nos Estados Unidos e depois sonho em estudar Física na Europa, na Alemanha.

A minha formação no colégio é para um mundo sério, de pessoas sérias. Isto vai ajudar no que eu pretendo.

#### Questão 5

R- O meu ideal. Quando tu és considerado por aquilo que fazes e és remunerado por isso.

Um gari é um profissional mas não tem consciência do que faz. Um advogado que é funcionário público apenas sobrevive. Um profissional representa a capacidade que absorveu e as características pessoais que possui.

#### Questão 6

R- A Publicidade surgiu das necessidades da sociedade. É um "oba, oba", qualquer um pode ser publicitário. É um curso prático. Se a nossa sociedade fosse séria, cada profissional iria trabalhar na sua área e um especialista em arte final não iria

fazer marketing. e seria bem pago. Às vezes um bom profissional em desenho passa anos estudando, faz cursos no exterior e é mal pago. A televisão é quem manda, numa sociedade consumista e alienada. A televisão define o que é moda, influencia pessoas, distorce a realidade, mostra profissionais fantasiosos.

Mas é possível, o nome se faz. Nos primeiros anos um publicitário ganha mal, depois de fazer nome, bem.

Para quem é bom, sempre vai ter lugar.

#### Questão 7

R- Valorizo a universidade que eu tenho. É esforçada dentro das medidas que tem a seu dispor. É sim, mal administrada pelo governo. Sofre cortes mas está de pé. Não deve ser privatizada.

O ruim é que os alunos ficam à disposição de professores e salas. As direções deveriam fazer horários e colocar para os professores. Quem trabalha não pode ficar dependendo de horários diurnos. Deveria ser ocupado o turno da noite.

O professor reivindica salário, os alunos, qualidade. Nossa forma de barganha é esudar cada vez mais para não ser igual a este profissional que não é bom.

Existe um desnível, o professor se sente mais que o aluno. Às vezes o aluno até sabe mais do que ele e quer absorver o máximo. Então acontece que ele, em vez de dar aula, manda fazer trabalho. É como se estivesse mandando aluno embora.

Há poucos recursos materiais e laboratórios. Apesar disso, os alunos da UFRGS são bons. Por isso acho que a universidade ainda é boa e funciona.



## Entrevista número 14

### Questão 1

R- é difícil dizer. Apesar do trabalho que fiz sobre Informação Profissional, as pessoas que estão perto influenciam. Minha preferência no colégio era pela área humana.

Fiz vestibular para Direito na UFRGS e para Psicologia na PUC e passei nos dois. Me decidi por Direito. No início do curso me arrependi porque o Colégio de Aplicação era pequeno, um mundo onde o que se falava era considerado. Na faculdade não é bem assim, não querem saber de ti como pessoa. Estranhei todas estas situações novas. No colégio eu tinha a mesma turma desde a quinta série e embora eu não tenha dificuldades de relacionamento estranhei muito. Havia pessoas que vinham de escolas muito grandes e achavam normal ter aulas só expositivas e ser tratadas em geral. Tudo era diferente. Para fazer as reivindicações em termos de melhores aulas, eu achava estranho que os abaixo assinados sempre tinham que começar com a minha assinatura, ninguém queria se expor.

Tinha dúvidas, mas no meio do curso me encontrei. Hoje vejo que não iria me dar bem em Psicologia.

Acho muito cedo, fazer uma escolha profissional com dezesseis anos. "É um crime". Tem gente que nunca se encontra. Hoje, eu já estou definida. Hoje eu penso assim, mas não sei se na época eu tinha a mesma clareza, é difícil dizer.

Concluí o curso em cinco anos. Quando terminei a faculdade queria trabalhar. Fiz uma entrevista em um escritório de Direito Tributário, fui contratada. Trabalhava das oito horas às vinte e duas horas, não saía nunca. É um escritório grande, com muito trabalho, uma experiência boa mas difícil. Eu ficava muito cansada. Acho que é importante trabalhar mas é importante ter tempo

para a vida pessoal.

Sempre pensei em Promotoria, sei que é difícil, tem que morar no interior e o cargo é de muita responsabilidade mas fiz a primeira etapa do concurso e passei. Quando isto aconteceu, estava trabalhando há seis meses, precisava de mais tempo para estudar para a segunda fase do concurso, conversei no trabalho, disseram que gostariam que eu continuasse mas entenderam que eu precisava sair, para fazer o curso preparatório para a segunda etapa.

Estou estudando, sei que é difícil passar no concurso da primeira vez, mas estou estudando. Estou fazendo o curso preparatório para a promotoria que é da Escola do Ministério Público. Acho que é difícil da primeira vez, o concurso é difícil, sempre sobram vagas porque a exigência é grande.

### Questão 2

R- Colégio contribuiu para a formação e gosto até hoje. É importante ser tratada como gente, aprender fazendo experiências, lidando com as coisas.

A área humana é muito valorizada: Filosofia, História, eu adorava.

Na área de exatas, o aprendizado era sempre concretizado.

O colégio também foi importante pela a convivência e pelo aluno ser considerado uma pessoa, com a possibilidade de interagir no conhecimento.

### Questão 3

R- Teve. A família sempre tem influência, principalmente uma família forte e presente como a minha. Não indicou, mas aprovou a escolha.

#### Questão 4

R- Também considerei o mercado de trabalho. Sou uma pessoa extrovertida, o meu interesse combinava com o que queria trabalhar. Com coisas concretas.

#### Questão 5

R- Em primeiro lugar, muita responsabilidade. Tentar fazer cumprir as leis deste país, o que é difícil. Representa dedicação, enfrentar desafios, encarar com seriedade a profissão.

Também não se deve viver em função só da profissão. A vida particular não deve ser relegada, não se deve esquecer o lado pessoal.

#### Questão 6

R- Como advogada, problemática. Como promotora, uma profissão importante no Brasil. Todas as ações penais públicas, passam por ela e a defesa da sociedade é sua função primordial.

O controle do cumprimento das leis é dever do promotor. É o protetor dos interesses do povo, é ele quem tem poder para denunciar legalmente questões, como código do consumidor, meio ambiente.

Neste sentido é importante a troca que tem que haver com a sociedade.

Socialmente é valorizada pela importância que tem.

#### Questão 7

R- Foi frustrante no começo e me esforcei para me adaptar e me integrar.

O Direito é muito corporativo. Há somente dois ou três professores que são só professores, os demais são procuradores

desembargadores e fazem valer estes cargos também dentro da faculdade. Há muita formalidade e distância entre eles e deles em relação aos alunos. Tive uma professora ótima que quase não dava aulas. Era ótimo ter aulas com ela porque sabia muito, mas dava pouca aula.

Lá aprendi também a chamar todo mundo de senhor, porque o tratamento é assim; todos são senhores, até os alunos.

ANEXO 2 - TABELA DE FREQUÊNCIAS CRUZADAS ENTRE AS CATEGORIAS

SAT -> Parece Identificado com a Profissão Escolhida  
 EMB -> Parece em Busca de uma Identificação e/ou Satisfação quanto à Escolha Realizada  
 NSAT -> Parece Pouco Identificado e/ou Satisfeito com a Escolha Realizada

|        | ISAT | EMB | INSAT |   |
|--------|------|-----|-------|---|
| IDBAAI | 2    | 4   | 3     | Desempenho Baixo na Área no Aplicação       |
| IDAAAI | 3    | 2   | 0     | Desempenho Alto na Área no Aplicação        |
| IMASCI | 3    | 5   | 1     | Sexo Masculino                              |
| IFEM   | 2    | 1   | 2     | Sexo Feminino                               |
| ID16I  | 1    | 2   | 1     | Idade do Primeiro Vestibular = 16 anos      |
| ID17I  | 4    | 4   | 2     | Idade do Primeiro Vestibular = 17 e 18 anos |
| IPCI   | 4    | 3   | 2     | Diagnóstico IP na Área Científica           |
| IPHU   | 0    | 2   | 1     | Diagnóstico IP na Área Humanística          |
| IFOTO  | 2    | 2   | 2     | Disciplina Profissionalizante = Fotografia  |
| IPDAD  | 2    | 2   | 1     | Disciplina Profissionalizante = Proc. Dados |
| IANQUI | 1    | 2   | 0     | Disciplina Profissionalizante = Anál. Clín. |
| IDBGI  | 2    | 4   | 1     | Desempenho Baixo Geral no Vestibular        |
| IDAGI  | 3    | 2   | 2     | Desempenho Alto Geral no Vestibular         |
| IDBGA  | 2    | 4   | 2     | Desempenho Baixo Geral no Aplicação         |
| IDAGA  | 3    | 2   | 1     | Desempenho Alto Geral no Aplicação          |
| ITBGR  | 3    | 2   | 2     | Total Baixo Geral de Recuperações no Aplic. |
| ITAGR  | 2    | 4   | 1     | Total Alto Geral de Recuperações no Aplic.  |
| IMAE2  | 4    | 1   | 0     | Grau de Instrução da Mãe = 1 ou 2 graus     |
| IMAE3  | 1    | 5   | 2     | Grau de Instrução da Mãe = Superior         |
| IPAI2  | 2    | 0   | 0     | Grau de Instrução do Pai = 1 ou 2 graus     |
| IPAI3  | 3    | 6   | 2     | Grau de Instrução do Pai = Superior         |